

TEOLOGIA BÁSICA

Introdução

Este material foi utilizado na Escola Bíblica Dominical da Igreja Batista Redenção (IBR) de Atibaia, entre 2006 e 2011. Baseado no livro *Teologia Básica*, de Charles Ryrie (Mundo Cristão) – cuja leitura recomendamos –, o material foi resumido e adaptado pelo Pr. Thomas Tronco de modo a representar a declaração de fé da IBR.

Tem como fontes secundárias livros como *Pequeno Manual de Doutrinas Básicas, Conheça a Redenção e A Prática da Igreja de Deus*, de Marcos Granconato; *O Novo Dicionário da Bíblia*, editado por J. D. Douglas (Vida Nova); *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, editada por Walter A. Elwell (Vida Nova); *Manual Popular*, de Norman Geisler; e *Manual de Escatologia*, de Dwight J. Pentecost (Vida) – além de outras fontes citadas ao longo do texto.

Estudo 1 - A Teologia

CONCEITO DE TEOLOGIA

É o estudo racional da fé religiosa. No nosso caso, é a *interpretação racional da fé cristã*.

- É INTELIGÍVEL – Pode ser compreendida pela mente humana.
- REQUER EXPLICAÇÃO – Envolve interpretação dos textos bíblicos e sistematização das ideias.
- ESTUDO BASEADO NA *BÍBLIA* – A *Bíblia* é a base e a fonte da Teologia.

TIPOS DE TEOLOGIA

- POR ÉPOCA (teologia patrística, teologia medieval, teologia reformada, teologia contemporânea).
- POR PONTO DE VISTA (teologia calvinista, teologia arminiana, teologia católica).
- POR ÊNFASE (teologia histórica, teologia bíblica, teologia sistemática).

PRESSUPOSTOS DA TEOLOGIA

1. PRESSUPOSTO DA INTERPRETAÇÃO

- SIMPLES E NORMAL – Deus se comunica conosco de modo simples. Quando lemos a *Bíblia*, devemos interpretá-la desse modo e não procurar mensagens escondidas e obscuras por trás dos textos.
- PRIORIDADE DO *NOVO TESTAMENTO* – A revelação de Deus foi progressiva de modo que damos prioridade ao *Novo Testamento*, visto que nele foi completada a revelação. Nele Jesus Cristo é apresentado como cumprimento do *AT*. À luz dele podemos ser muito enriquecidos com as revelações mais antigas.
- LEGITIMIDADE DAS *ESCRITURAS* – A *Bíblia* deve ser utilizada de maneira correta. Devemos procurar o que ela realmente quer ensinar e nunca usá-la fora de contexto ou alterando seu sentido.

2. PRESSUPOSTOS PESSOAIS

O estudante de Teologia deve:

- CRER – Sem a fé é impossível o estudante aprender as verdades de Deus e vê-las transformar sua vida (*1 Co 2.10-16*).
- PENSAR – A fé é racional, de modo que o estudante deve ter métodos de estudo, avaliação crítica das evidências e combinar os diversos ensinamentos como um todo.
- DEPENDER – A dependência do Espírito Santo para a compreensão da Teologia é algo fundamental e obrigatório (*Jo 16.12-15*).
- ADORAR – O estudo e o conhecimento cada vez mais profundo de Deus devem levar o estudante a uma posição de adoração a Deus por reconhecer cada vez mais que Deus é digno de tal adoração.

Estudo 2 - A Revelação de Deus

REVELAÇÃO GERAL (Teologia Natural) – Inclui tudo que Deus revelou no mundo à nossa volta, incluindo o próprio homem. Não é suficiente para a salvação. Ela “apresenta” evidências da existência de Deus.

REVELAÇÃO ESPECIAL (Teologia Revelada) – É o que Deus revelou especificamente nas *Escrituras*, por meio dos apóstolos e profetas. É requisito para a salvação. Ela “pressupõe” a existência de Deus.

REVELAÇÃO GERAL

A REVELAÇÃO GERAL

- Atinge todas as pessoas (*Mt 5.45; At 14.17*).
- É geral no aspecto geográfico e econômico do planeta (*Sl 19.2*).
- Usa meios universais para sua percepção, como o calor do Sol (*Sl 19.4-6*) e a consciência humana (*Rm 2.14-15*).

MEIOS DA REVELAÇÃO GERAL

- **PELA CRIAÇÃO** – Todo efeito vem de uma causa. Tudo que existe tem de ter sido formado a partir de uma causa pré-existente (argumento cosmológico).
- **PELA ORDEM DO UNIVERSO** – O Universo demonstra ter ordem e um “propósito”. É necessário um criador com um propósito definido que tenha criado tudo com a ordem que existe (argumento teleológico).
- **PELA CRIAÇÃO DO HOMEM** – A existência do homem como um ser moral, intelectual e religioso, diametralmente oposto ao restante da criação, aponta para um criador também moral, intelectual e espiritual que tenha nos dado forma (argumento antropológico).
- **PELO SEU PRÓPRIO SER** – Se temos a ideia ou a noção de um “Ser Perfeito” e de que para ser perfeito ele tem de existir, logo, o “Ser Perfeito” deve mesmo existir (argumento ontológico).

CONTEÚDO DA REVELAÇÃO GERAL

- A glória de Deus (*Sl 19.1*).
- Seu poder para realizar criação (*Sl 19.1*).
- Sua supremacia (*Rm 1.20*).
- Sua natureza divina (*Rm 1.20*).
- Seu controle providencial da natureza (*At 14.17*).
- Sua bondade (*Mt 5.45*).
- Sua inteligência (*At 17.29*).
- Sua existência (*At 17.28*).

VALOR DA REVELAÇÃO GERAL

- Mostrar a graça de Deus.
- Colaborar com o argumento do teísmo.
- Condenar com justiça os que a rejeitam.

REVELAÇÃO ESPECÍFICA

A REVELAÇÃO ESPECÍFICA:

- Vem de Deus (*Jo 12.49*).
- Vem por meio de Cristo (*Hb 1.1-2*).
- Vem pela atuação do Espírito Santo (*2Pe 1.20-21*).
- É confiável e permanente (*Mt 5.18; Lc 21.33*).
- Está disponível para todos (*Jo 20.31*).
- Expõe o caminho específico da salvação (*Jo 5.39; Jo 20.31; Rm 1.16*).
- Não atinge efetivamente todas as pessoas (*Jo 10.24-26*).

- Atinge as ovelhas de Deus (*Jo 10.27* cf. *v. 16*)
- É compreendida pela ação do Espírito Santo (*Jo 16. 13*).
- É fundamental para a salvação dos perdidos (*1Co 1.21*).
- É fundamental para a edificação dos santos (*2Tm 3. 16-17*).
- É inerrante (não contém erros).
- É infalível (não conduz ao erro).

CÂNON

Significa “regra”, “padrão” ou “norma” (*Gl 6. 16*). É o conjunto dos 66 livros *inspirados* por deus que, reunidos, formam a nossa *Bíblia*.

Inspiração é a supervisão ativa de Deus sobre aquilo que os autores bíblicos escreveram nos escritos originais, respeitando suas personalidades, cultura e faculdades mentais.

O TESTEMUNHO INTERNO DA BÍBLIA:

- As palavras dos profetas foram e têm sido cumpridas integralmente (*Mt 1.22* cf. *Mq 5.2, Is 9.6*).
- Jesus chamou os livros de Moisés e dos profetas de *Escritura* (*Mt 21.42; 22.29; Jo 5.39*).
- Pedro classificou as cartas de Paulo como *Escritura* junto com o restante já reconhecido (*2Pe 3. 15-16*).
- Paulo tem consciência da inspiração dos seus escritos (*1Co 14.37*).
- João relata as palavras do Senhor e lança maldições sobre quem alterá-las ou não reconhecê-las (*Ap 22. 16, 18-19*).
- As afirmações sobre as *Escrituras* nos dão a plena convicção da atuação soberana de Deus na formação e conservação do cânon (*2Tm 3. 16-17; 2Pe 1.20-21*).

Estudo 3 - Os Atributos de Deus

O Dr. Ryrie chama esse assunto de “As perfeições de Deus”, visto que todas as qualidades divinas são expressão da mais pura perfeição.

DEFINIÇÃO DE DEUS

Deus não pode ser definido por uma palavra ou por uma frase. Portanto, é necessário que tentemos, mesmo que de forma limitada, descrever as “qualidades de Deus”, ou seus “atributos”.

Essa descrição é limitada, pois Deus é incompreensível a nós. Por isso, o descrevemos com base apenas no que ele nos revelou a seu respeito. Tais descrições apontam igualmente para o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

CATEGORIAS DOS ATRIBUTOS DIVINOS

A) Atributos naturais e morais

De modo apenas didático, os atributos naturais de Deus envolvem sua essência (ex.: eternidade, imutabilidade) e os atributos morais, sua vontade (ex.: santidade, justiça).

B) Atributos incomunicáveis e comunicáveis

Os atributos incomunicáveis são aqueles exclusivos de Deus, como a eternidade e a onipotência. Apenas ele tem essas qualidades e elas não foram transmitidas (comunicadas) a nenhum ser criado. Deus não compartilhou tais atributos com o homem. Os atributos comunicáveis, por sua vez, foram impressos na humanidade na criação: são a inteligência, a vontade e a moralidade, entre outros.

LISTA DOS ATRIBUTOS DE DEUS

A) AMOR

O amor envolve afeição, mas também envolve atitude de entrega, cuidado e correção. O amor busca o bem do ser amado e paga o preço pela promoção desse bem.

A *Bíblia* declara que “Deus é amor” (1Jo 4.8). Em relação ao homem, esse amor se revela no fato de Deus se permitir amar os pecadores. Isso é graça (Ef 2.4-8). O amor foi derramado no coração do cristão (Rm 5.5) e quando Deus corrige, demonstra amor pelos seus filhos (Hb 12.6,7).

Algumas características ligadas intimamente ao amor, até mesmo fazendo parte dele, são: bondade, misericórdia, longanimidade e graça.

- A bondade divina pode ser definida como a preocupação benevolente com suas criaturas (At 14.17).
- A misericórdia é o aspecto da bondade que faz Deus demonstrar piedade e compaixão (Ef 2.4,5).
- A longanimidade fala sobre o controle diante das provocações (1Pe 3.20).
- Graça é o favor imerecido de Deus demonstrado primariamente pela pessoa e obra de Jesus Cristo (2Tm 1.9).

O fato de Deus ser amor não é base para o “universalismo”, ou seja, que, no final, ele acabará salvando todas as pessoas. O amor não anula outros atributos de Deus como santidade e justiça. Tal heresia é totalmente contraditória ao ensino bíblico (Mc 9.45-48).

B) ETERNIDADE

O atributo da eternidade significa que Deus não tem começo nem fim. Sua existência é eterna, tanto no passado como no futuro, sem interrupções ou limitações causadas por uma sucessão de eventos.

A autoexistência de Deus está intimamente ligada com sua eternidade, pois, por não ter começo, ele não foi criado por outro, existindo por si só.

A *Bíblia* fala da eternidade de Deus (*Sl 90.2; Gn 21.33*).

Uma das implicações da eternidade de Deus é que ela nos dá muito conforto, visto que ele nunca deixará de existir e que seu controle sustentador e providencial de todas as coisas e eventos está assegurado.

C) IMUTABILIDADE

Significa que Deus não muda. Não quer dizer que ele esteja imóvel ou inativo, mas que não se altera, cresce ou se desenvolve.

A *Bíblia* ensina sobre a imutabilidade de Deus (*Ml 3.6; Tg 1.17*).

Um problema levantado dentro desse assunto é: “Deus se arrepende?” (*Gn 6.6*). Na verdade, tal linguagem não corresponde ao que, como homens, vivenciamos no arrependimento. Tanto a imutabilidade como a sabedoria e onisciência de Deus tornam vazias as ideias de que ele muda seus planos eternos ou que se arrepende de algo que fez. Nesse caso, o arrependimento é mais uma linguagem antropomórfica (ver *Gn 6.6* no que fala do “coração” de Deus).

Há também o problema de vermos Deus tratando fatos iguais de maneiras diferentes durante a história. Isso também não quer dizer que Deus mude, mas que ele executa seu plano para com o homem durante a história conforme seus eternos propósitos.

A imutabilidade de Deus também nos conforta e encoraja, pois sabemos que suas promessas não falharão (*Ml 3.16; 2Tm 2.13*). Deus também mantém sempre a mesma atitude contra o pecado.

D) INFINITUDE

Significa que Deus não tem limites ou limitações. Não é limitado nem pelo tempo, nem pelo espaço.

As *Escrituras* descrevem essa qualidade divina (*1Rs 8.27; At 17.24-28*).

Infinitude não é o mesmo que onipresença. A infinitude aponta mais para a transcendência de Deus (já que não está limitado pelo espaço) e a onisciência aponta para a imanência de Deus (já que está presente em todos os lugares).

E) JUSTIÇA

A justiça está ligada à lei, à moralidade e à retidão. Deus é reto em relação a si mesmo e em relação à criação.

A *Bíblia* muito enaltece a justiça de Deus (*Sl 11.7; 19.9; Dn 9.7; At 17.31*).

F) LIBERDADE

Deus independe das suas criaturas e da sua criação. Não há qualquer criatura que impeça Deus ou que o obrigue a algo.

Isaías expõe a liberdade e a independência de Deus com uma pergunta retórica (*Is 40.13,14*). Jesus mostrou que Deus exerce sua liberdade ao executar livremente sua vontade (*Mt 11.26*).

Isso significa que Deus é livre para tudo? Na verdade, ele é limitado apenas pela sua própria natureza. Assim, a santidade dele o impede de pecar e a eternidade dele o impede de morrer. A perfeição de Deus não é afetada por esse tipo de limitação e sim mantida.

A liberdade de Deus nos mostra que ele não tem quaisquer obrigações para conosco a menos que ele mesmo queira se comprometer. Desse modo, não temos qualquer direito de fazer cobranças a Deus.

G) ONIPOTÊNCIA

Deus pode fazer qualquer coisa compatível com sua própria natureza. Mesmo podendo tudo, o que ele escolhe fazer ou não tem motivos que só ele conhece.

A *Bíblia* está repleta de textos que falam sobre a onipotência de Deus (*Gn 17.1; Ex 6.3; 2Co 6.18; Ap 1.8*).

A onipotência de Deus tem limites? Sim, em tem áreas:

- Limitações naturais (*Tt 1.2; Tg 1.13, 2Tm 2.13*).
- Limitações autoimpostas (*Gn 9.11; At 12.2*).
- Limitações por definição (ex.: $2+2=6$ ou um triângulo de 4 pontas).

Essas limitações não tornam Deus imperfeito. Sua perfeição tem a coerência como fator integrante. A perfeição de Deus não permite que ele se torne imperfeito no uso da sua onipotência. O mais importante é que Deus não pode fazer coisas erradas.

Em relação ao cristão, o poder de Deus é principalmente relevante quanto ao Evangelho (*Rm 1.16*), à segurança (*1Pe 1.5*) e à ressurreição (*1Co 6.14*).

H) ONIPRESENÇA

Significa que Deus está presente em todos os lugares.

O texto clássico sobre a onipresença de Deus é (*Sl 139.7-10*).

Onipresença não é o mesmo que “panteísmo”, que iguala o universo a Deus. Há distinção entre Deus e a criação, apesar de a sua presença estar em toda parte. Ele não se torna difuso ou transposto pelo universo.

Aprendemos com a onipresença que ninguém pode fugir de Deus e que ele está presente em todas as circunstâncias da nossa vida.

I) ONISCIÊNCIA

Deus sabe todas as coisas de modo pleno sem esforço algum. Não há coisas ou assuntos que ele não conheça melhor que outros. Ele conhece tudo igualmente bem. Deus nunca tem dúvidas, nem busca respostas (a não ser quando, de modo didático, inquire os homens para o próprio bem deles).

As *Escrituras* enaltecem o conhecimento ilimitado de Deus (*Sl 139.16; 147.4*).

O fato de sabermos sobre a onisciência de Deus deve nos trazer segurança, conforto e sobriedade (*Hb 4.13*).

J) SANTIDADE

Significa que Deus é separado de tudo que é indigno ou impuro e que, ao mesmo tempo, é completamente puro e distinto de todos os outros.

A santidade foi muito enfatizada por Deus no tempo do *AT* (*Lv 11.44; Is 40.25; Hc 1.12*). No *NT*, a santidade é uma qualidade marcante de Deus (*Jo 17.11; 1Pe 1.15,16; Ap 4.8*).

A santidade de Deus torna necessário o afastamento entre ele e os pecadores — a menos que estes sejam feitos santos por intermédio dos méritos de Cristo.

A santidade divina deve fazer o cristão ser sensível ao seu pecado (*Is 6.3,5; Lc 5.8*). A santidade dele o torna padrão para nossa vida e conduta (*1Jo 1.7*).

L) SIMPLICIDADE

Significa que Deus não é um ser composto nem tem partes distintas. Está relacionada à essência de Deus e não é contrária à doutrina da Trindade. Apesar de ser triúno, Deus não é composto de muitas partes ou substâncias.

Um aspecto da simplicidade de Deus é “Deus é espírito” (*Jo 4.24*). Em contraste, os seres humanos são tanto espírito como matéria. Na encarnação, Jesus se tornou carne, mas o Deus-homem sempre foi espírito.

Isso nos garante que Deus sempre será Espírito e nos capacita a adorá-lo em espírito, isto é, não de maneiras materiais.

M) SOBERANIA

Significa, em primeiro lugar, que Deus é o ser supremo do universo e, em segundo lugar, que ele é o poder supremo do universo.

Deus exerce o poder total sobre todas as coisas, mesmo que possa escolher deixar que tudo aconteça seguindo leis naturais que ele mesmo estabeleceu.

A *Bíblia* revela que Deus tem um plano abrangente (*Ef 1.11*), que tudo está sob o controle dele (*Sl 135.6*), mesmo o mal, ainda que o Senhor não se envolva com ele (*Pv 16.4*) e que seu principal objetivo é o louvor da sua glória (*Ef 1.14*). Alguns problemas levantados são:

- A soberania de Deus anula a responsabilidade do homem?
- Por que a soberania de Deus permite a existência do mal?

Aos nossos olhos, essas questões são contradições, mas essa visão é apenas aparente. De modo misterioso a nós, a soberania de Deus não anula a responsabilidade do homem e vice-versa (*Fp 2.12,13*). Quanto ao pecado, um dia Deus irá puni-lo. Mas, por agora, de algum modo, faz parte do plano de Deus – caso contrário, não seria soberano –, sendo que o Senhor não o criou – caso contrário, não seria santo (*Rm 9.21-23*).

N) UNIDADE

Significa que só existe um Deus e que ele é indivisível.

Essa qualidade foi especialmente enfatizada no *AT* (*Dt 6.4*). O *NT*, mesmo trazendo uma clara revelação da Trindade, afirma a unidade de Deus (*Ef 4.6; 1Co 8.6; 1Tm 2.5*).

Isso quer dizer que as pessoas da Trindade não são essências separadas.

H) VERDADE

Quer dizer que Deus é coerente consigo mesmo, que ele é tudo que deveria ser, que ele se revelou como realmente é e que sua revelação é totalmente confiável.

Deus é o único Deus verdadeiro (*Jo 17.3*), portanto, não pode mentir (*Tt 1.2*) e é sempre confiável. Deus não pode fazer nada que contradiga sua própria natureza e não é possível que quebre sua palavra ou que não cumpra suas promessas (*2Tm 2.13*).

Estudo 4 - Os Nomes de Deus

A análise de alguns nomes com que Deus é chamado na *Bíblia* serve como revelação adicional do caráter de Deus.

Além disso, o uso do “nome do Senhor” sempre foi visto com muita reverência. Invocar o nome do Senhor era o mesmo que adorá-lo (*Gn 21.33*). Usar seu nome em vão era desonrá-lo (*Ex 20.7*).

Assim, percebemos que podemos aprender sobre o caráter e sobre o relacionamento com Deus por meio do estudo de nomes aplicados a ele nas *Escrituras*.

A) ELOHIM

O termo hebraico *Elohim* é utilizado para se referir à divindade geral e significa que Deus é o forte, o líder poderoso, a divindade suprema. Geralmente é traduzido na nossa *Bíblia* como *Deus*.

É interessante notar que *Elohim* é empregado na forma plural. A terminação “*im*” é usada para indicar o plural em hebraico assim como a letra “*s*” na língua portuguesa. Existem várias possíveis razões para isso, mas a mais provável é que o plural, nesse caso, tenha a intenção de enaltecer o poder de Deus. Isso é conhecido como “plural de majestade”. Esse uso fica claro ao notar-se que os verbos, adjetivos e pronomes ligados a *Elohim* no AT aparecem na forma singular evidenciando não se tratar de vários deuses e sim de um Deus Todo-poderoso.

Algumas implicações surgem do uso do nome *Elohim* aplicado a Deus:

- a) A soberania de Deus (*Dt 10.17; Jr 32.27*);
- b) A ação de Deus como o criador (*Gn 1.1; Is 45.18; Jn 1.9*);
- c) O juízo de Deus (*Sl 50.6; 58.11*).
- d) As obras poderosas de Deus em favor de Israel (*Sl 68.7-8*).

Algumas derivações desse nome também servem para nos revelar mais um pouco de Deus:

- a) *El Shaddai* – Traz a ideia do Deus Todo-poderoso assentado sobre uma montanha. Assim Deus se apresentou aos patriarcas (*Gn 17.1; Ex 6.3; Sl 91.1-2*);
- b) *El Elyon* – Significa Deus altíssimo e enfatiza a força, a soberania e a supremacia de Deus (*Gn 14.19*);
- c) *El Olam* – Significa Deus eterno e aponta para a imutabilidade de Deus (*Gn 21.33*);
- d) *El Roi* – Significa Deus que se vê (*Gn 16.13-14*). Agar o chamou assim quando Deus falou com ela antes do nascimento de Ismael.

B) YAHWEH

Esse nome também é conhecido por Jeová. Na nossa *Bíblia* geralmente aparece no AT como Senhor em letras de caixa alta para diferenciarmos esse nome de outros que têm a mesma tradução (SENHOR). É também traduzido como EU SOU e significa que Deus é autoexistente.

Apesar de várias pessoas no início do AT tratarem Deus por esse nome, somente a Moisés foi dado conhecer seu sentido mais profundo quando Deus se apresentou como “EU SOU O QUE EU SOU” (*Ex 3.14*).

Yahweh era o nome pessoal de Deus pelo qual era conhecido por Israel. Depois do exílio, foi considerado um nome sagrado e não era mais pronunciado. Em lugar dele era usado *Adonai*.

Algumas implicações surgem do uso do nome *Yahweh*:

- a) A autoexistência imutável de Deus (*ver Jo 8.58 conforme Ex 3.14*);
- b) A presença constante de Deus entre seu povo (*Ex 3.12 cf. v.14*);
- c) O poder de Deus para agir em benefício do seu povo e para manter sua aliança com ele (*Ex 6.6*).

Algumas derivações desse nome também servem para nos apontar vários tipos de atuação de Deus para com a criação e para com seu povo:

- a) *Yahweh Jireh* – Significa “o SENHOR proverá” (*Gn 22.14*).
- b) *Yahweh Nissi* – Significa “o SENHOR é minha bandeira” (*Ex 17.15*);
- c) *Yahweh Shalom* – Significa “o SENHOR é paz” (*Jz 6.24*);
- d) *Yahweh Sabaoth* – Significa “o SENHOR dos exércitos” (*1 Sm 1.3*);
- e) *Yahweh Maccadeshkem* – Significa “o SENHOR que vos santifica” (*Ex 31.13*);
- f) *Yahweh Raah* – Significa “o SENHOR é meu pastor” (*Sl 23.1*);
- g) *Yahweh Tsidkenu* – Significa “SENHOR, justiça nossa” (*Jr 23.6*);
- h) *Yahweh Shammah* – Significa “o SENHOR está ali” (*Ez 48.35*);
- i) *Yahweh Elohim Israel* – Significa “o SENHOR, Deus de Israel” (*Jz 5.3; Is 17.6*).

C) ADONAI

Adonai, assim como *Elohim*, é um plural de majestade. Aparece na nossa *Bíblia* como “Senhor” (em letras normais) e significa senhor, mestre, proprietário (*vejam esses sentidos sendo aplicados genericamente, não em relação a Deus, em Gn 19.2; 40.1; 1Sm 1.15*).

Traz a ideia de que Deus tem autoridade absoluta sobre o homem. Josué reconheceu a autoridade do príncipe do exército do Senhor (*Js 5.14*) e Isaías submeteu-se à autoridade do Senhor, seu mestre (*Is 6.8-11*).

O termo equivalente no *NT* é *kyrios* (Senhor).

D) DEUS (THEOS)

Theos é a mais frequente designação para Deus no *NT*. É usado para se referir a Deus, mas há também textos em que *theos* aponta para deuses pagãos (*At 12.22, 1Co 8.5*), para o diabo (*2Co 4.4*) e para a sensualidade (*Fp 3.19*). O mais importante é que Jesus é chamado de *theos* (*Rm 9.5; Jo 1.1,18, 20.28, Tt 2.13*).

Algumas implicações são:

- a) Ele é o único Deus verdadeiro (*Mt 23.9; Rm 3.30; 1Tm 2.5*);
- b) Ele é inigualável (*1Tm 1.17; Mt 6.24*);
- c) Ele é transcendente (*At 17.24; Hb 3.4; Ap 10.6*);
- d) Ele é o Salvador (*1Tm 1.1; 2.3; 4.10*).

E) SENHOR (KYRIOS)

Das 717 vezes em que *kyrios* aparece no *NT*, 210 vezes aparece nos escritos de Lucas e 275 nos de Paulo (67,7%). *Kyrios* enfatiza autoridade e supremacia. Pode significar:

- a) Senhor (*Jo 4.11*);
- b) Dono (*Lc 19.33*);
- c) Mestre (*Cl 3.22*);
- d) Ídolos (*1Co 8.5*);
- e) Maridos (*1Pe 3.6*).

Quando aplicado a Deus, expressa especialmente sua condição de criador, seu poder e domínio justo sobre o universo.

Jesus foi chamado de *kyrios* no sentido de “rabi” ou “Senhor” (*Mt 8.6*). Quando Tomé o chamou de “Senhor meu e Deus meu”, atribuiu a ele divindade absoluta (*Jo 20.28*). A ordem de *Rm 10.9* significa reconhecer Jesus com a natureza e os atributos que pertencem somente a Deus. Assim, a essência do cristianismo é reconhecer que Jesus é o *yahweh* do *AT*.

F) MESTRE (DESPOTES)

Despotes dá a ideia de propriedade, enquanto *kyrios* dá ideia de autoridade. Deus é chamado várias vezes de *despotes* (Lc 2.29; At 4.24, Ap 6.10). Jesus é chamado de *despotes* duas vezes (2Pe 2.1; Jd 4).

G) PAI

Deus é apresentado no *NT* como Pai. No *AT* o nome Pai designa Deus 15 vezes. No *NT* isso acontece 245 vezes. As atuações de Deus ressaltadas pelo nome Pai demonstram que ele dá:

- a) Graça e paz (Ef 1.2; 1Ts 1.1);
- b) Boas dádivas (Tg 1.7);
- c) Mandamentos (2Jo 4);
- d) Respostas de oração (Ef 2.18; 1Ts 3.11).

Estudo 5 - A Trindade de Deus

Na *Bíblia* não aparece nenhuma vez a palavra “trindade”. Contudo, usamos essa palavra para expressar uma doutrina que, apesar de muito complexa, é bíblica.

Trindade de Deus significa que ele é uma só essência divina em três pessoas distintas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

A TRINDADE NO ‘ANTIGO TESTAMENTO’

No *Antigo Testamento* encontramos “indícios” da trindade de Deus. Contudo, devemos ter em mente que a revelação progressiva tornou evidente a trindade apenas no *Novo Testamento*.

A) UNIDADE DE DEUS

O “Shema” (*Dt 6.4*) demonstra inegavelmente a unidade de Deus. Ela descarta totalmente a ideia do politeísmo. Outras passagens que apresentam a unidade de Deus são *Ex 20.3*, *Dt 4.35*, *Is 45.14*, *46.9*.

B) PALAVRAS PLURAIS

Já comentamos que “Elohim” é um plural de majestade e não deve ser utilizado para provar a trindade de Deus. Entretanto, Deus mesmo fala de si, muitas vezes, usando pronomes e verbos no plural (*Gn 1.26*; *3.22*; *11.7*; *Is 6.8*)

C) O ANJO DO SENHOR

Apesar dos diversos anjos que aparecem em toda a *Bíblia*, algumas vezes surge na narrativa o “Anjo do Senhor”. Esse anjo é chamado de Deus e, ao mesmo tempo, é distinto de Deus. Os textos bíblicos sugerem se tratar de uma das pessoas da trindade, visto que tal anjo executa seus planos, dá ordens com autoridade e faz promessas como o próprio Senhor o faz em outras ocasiões (*Gn 16.7-13*; *18.1-21*; *Ml 3.1*).

D) DISTINÇÃO DE PESSOAS

- a) O Senhor é distinto do Senhor (*Gn 19.24*; *Os 1.7*).
- b) O Redentor (que é divino) é distinto do Senhor (*Is 59.20*).
- c) O Espírito é distinto do Senhor (*Is 48.16*; *59.21*; *63.9-10*).

A TRINDADE NO NOVO TESTAMENTO

Apesar de não trazer clara a ideia da Trindade, há fortes indícios dela ao longo de todo o *NT* (*1Jo 5.7* traz uma ideia muito clara da Trindade. Contudo, o trecho que expõe esse conceito não consta em muitos manuscritos importantes sendo, provavelmente, um acréscimo posterior).

A) EVIDÊNCIA DA UNICIDADE DE DEUS

O *NT*, como o *VT*, também insiste na existência de apenas um Deus (*1Co 8.4-6*; *Ef 4.3-6*; *Tg 2.19*).

B) EVIDÊNCIA DA TRIPPLICIDADE DE DEUS

- a) O Pai é reconhecido como Deus (*Jo 6.27*; *1Pe 1.2*).
- b) Jesus é reconhecido como Deus. Ele tem onisciência (*Mt 9.4*), onipotência (*Mt 28.18*), onipresença (*Mt 28.20*), poder para perdoar pecados (*Mc 2.1-12*), para sustentar todas as

coisas (*Cl 1.17*), para criar (*Jo 1.3*) e para julgar todos (*Jo 5.27*). Ele é, de fato, chamado de Deus apesar de ser distinto do Pai (*Jo 1.1*). Jesus mesmo fez essa distinção e identificação ao mesmo tempo (*Jo 10.30*).

- c) O Espírito Santo é reconhecido como Deus. Ele é chamado de Deus (*At 5.3-4*), é onisciente (*1Co 2.10*), onipresente (*1Co 6.19*) e regenera as pessoas (*Jo 3.5-8*).

C) EVIDÊNCIA DA TRIUNIDADE DE DEUS

O NT não expõe as pessoas da Trindade apenas de forma isolada. Ele os une em várias afirmações fortes e gloriosas em que o Pai, o Filho e o Espírito são apresentados em pé de igualdade, mas com distinção (*Mt 28.19; Mt 3.16-17; Jo 14.26; 2Co 13.14*).

A DEFINIÇÃO DE TRINDADE

Há uma dificuldade muito grande em definir exaustiva e corretamente essa doutrina, visto que a ênfase em um aspecto diminui outro. Uma das melhores definições da Trindade é a de B.B. Warfield: "Existe apenas um Deus único e verdadeiro, mas na unidade da Divindade existem três pessoas coeternas e coiguais, da mesma substância, mas de substância distinta".

FUNÇÕES DENTRO DA TRINDADE

Apesar da unidade e da coexistência das pessoas da Trindade, o NT apresenta funções distintas de cada uma delas, embora trabalhem perfeitamente juntas no mesmo propósito.

- a) O Pai elegeu os santos (*1Pe 1.2*), amou o mundo (*Jo 3.16*) e concede boas dádivas (*Tg 1.17*).
- b) O Filho sofreu por nós (*Mc 8.31*), trouxe redenção (*1Pe 1.18-19*) e sustenta todas as coisas (*Hb 1.3*).
- c) O Espírito Santo regenera o perdido (*Tt 3.5*), capacita (*At 1.8*) e santifica (*Gl 5.22-23*).

HERESIAS A RESPEITO DA TRINDADE

Devido à falta de uma definição clara da Trindade na Bíblia, esse foi um campo em que floresceram inúmeras heresias sobre a Divindade, principalmente nos primeiros séculos. Algumas delas são:

- a) *Adocianismo* – Crê que Jesus era um homem comum que recebeu poderes especiais do Espírito Santo no batismo.
- b) *Modalismo* – Crê que existe apenas uma pessoa divina que se apresenta de modos diferentes durante a história. Também conhecida como *sabelianismo* ou *patripassianismo*.
- c) *Arianismo* – Crê que o Filho foi criado pelo Deus eterno, sendo inferior ao Pai. Crê também que o Espírito Santo foi o primeiro a ser criado pelo Filho, já que ele criou todas as coisas.

ASPECTOS PRÁTICOS DA DOCTRINA DA TRINDADE

A Teologia é repleta de aspectos relevantes provenientes da doutrina da Trindade de Deus. A redenção é um exemplo em que vemos as três pessoas participando ativamente em nosso benefício (*Jo 3.6, 16*). A revelação de Deus envolve o Filho e o Espírito trabalhando na comunicação da verdade de Deus (*Jo 1.18; 16.13*).

A prioridade sem inferioridade é vista na Trindade como base para o relacionamento correto entre o homem e a mulher (*1Co 11.3*). Na oração, apesar de podermos nos dirigir a qualquer das três pessoas, seguimos o precedente bíblico e falamos com o Pai, em nome do Filho, conforme a direção e intercessão do Espírito Santo (*Jo 15.16; Rm 8.26; Ef 2.18; 6.18*).

Estudo 6 - A Revelação Especial

Já nos dedicamos ao estudo da revelação geral de Deus. Agora daremos atenção à revelação especial que, ao contrário da revelação geral, não é necessariamente dada a todas as pessoas.

Desde os tempos antigos Deus se revelou aos homens de diversas formas. A maior parte dessas maneiras perdeu sua utilidade depois do fechamento do cânon. Contudo, são passíveis de estudo, pois foram meios que Deus usou para revelar ao homem a sua divindade e a sua vontade.

MANEIRAS DA REVELAÇÃO ESPECIAL

A) SORTES

Embora não usemos mais o sistema de “lançar sortes”, em determinadas ocasiões isso serviu para revelar a vontade de Deus ao homem (*Pv 16.33; At 1.21-26*).

B) O URIM E O TUMIM

O peitoral usado pelo sumo sacerdote era como um grande bolso adornado com 12 pedras preciosas. Dentro havia 2 pedras, o Urim e o Tumim, que eram retiradas, como as sortes, a fim de determinar a vontade de Deus (*Ex 28.30; Nm 27.21; Dt 33.8; 1Sm 28.6; Ed 2.63*).

C) SONHOS

O sonho, mesmo sendo uma experiência comum, muitas vezes foi usado por Deus para se comunicar com homens no período do *AT*, o que ocorrerá novamente por ocasião da segunda vinda de Cristo (*Gn 20.3,6; 31.11-13, 24,40-41; Jl 2.28*).

D) VISÕES

Muitos homens de Deus tiveram visões como revelação de Deus. É notável que, nelas, eles, principalmente, “ouviram” as palavras do Senhor (*Is 1.1; 6.1; Ez 1.3*).

E) TEOFANIAS

Antes da encarnação, as teofanias estavam associadas com a aparição do “Anjo do Senhor”, que comunicou a mensagem divinas às pessoas (*Gn 16.7-14; Ex 3.2; 2Sm 24.16; Zc 1.12*).

F) ANJOS

Deus, muitas vezes, usou seus anjos para entregar mensagens divinas aos homens (*Dn 9.20-21; Lc 2.10-11; Ap 1.1*).

G) OS PROFETAS

Os profetas do *AT* trouxeram a mensagem de Deus para a humanidade (*2Sm 23.2; Zc 1.1*), assim como fizeram os do *NT* (*Ef 3.5*). Eles falavam diretamente da parte de Deus, diferente dos mestres de hoje em dia, que ensinam com base no que foi previamente revelado pelas *Escrituras*.

H) EVENTOS

A atuação de Deus na história também o revela. A libertação de Israel revelou os atos de justiça do Senhor (*Mq 6.5*). Os atos de juízo revelam quem Deus é (*Ez 25.7*), assim como a encarnação de Cristo (*Jo 1.14; Hb 1.3*). Deve-se ressaltar que esse tipo de revelação se dá por meio de fatos históricos reais, sem que tenhamos de procurar um sentido espiritual escondido por detrás do texto. Assim, quando a *Bíblia* fala de guerras e povos do passado, refere-se, de fato, a guerras e povos do passado e não a outras entidades representadas por metáforas. Além do mais, a própria *Palavra de Deus* revela a atuação de Deus em diversos fatos históricos.

I) JESUS CRISTO

Indiscutivelmente, a encarnação de Jesus Cristo foi um dos principais meios dessa revelação especial. Ele revelou o Pai (*Jo 1.14; Hb 1.2-3*), mostrou a natureza de Deus (*Jo 14.9*), o poder de Deus (*Jo 3.2*), a sabedoria de Deus (*Jo 7.46*), a glória de Deus (*Jo 1.14*), a vida de Deus (*1Jo 1.1-3*) e o amor de Deus (*Rm 5.8*). Nosso Senhor fez tudo isso tanto por intermédio de seus atos (*Jo 2.11*) como por meio de suas palavras (*Mt 16.17*).

J) A BÍBLIA

A *Bíblia* é o meio mais abrangente da revelação, pois engloba o registro de muitos aspectos dessa revelação. É claro que nem tudo que Deus revelou a homens e que Jesus fez está registrado na *Bíblia* (*Jo 21.25*). Por outro lado, a *Bíblia* não contém apenas relatos de visões e os feitos de Jesus. Há também diversas verdades adicionais reveladas por meio dos escritores bíblicos. Assim, a *Bíblia* é, ao mesmo tempo, registro de aspectos da revelação de Deus e a própria revelação.

Três aspectos importantes da revelação na *Bíblia*. Ela é:

- Verdadeira (*Jo 17.17*);
- Progressiva (*Hb 1.1*);
- Possui um propósito (*Jo 20.31; 2Tm 3.15-17*).

Estudo 7 - A Inspiração da 'Bíblia'

Apesar de haver um consenso geral sobre a inspiração da *Bíblia*, há uma variedade de conceitos a respeito do que ela vem a ser. Alguns se concentram na ação dos autores, outros nos escritos e outros nos leitores. Alguns relacionam a inspiração à mensagem central da *Bíblia*, outros aos pensamentos e outros às palavras.

Essas diferenças, frutos dos infundados ataques que a *Bíblia* recebeu nos últimos dois séculos, tornam necessário o estudo acerca da "inspiração da *Bíblia*".

O RELATO BÍBLICO A RESPEITO DA INSPIRAÇÃO

A doutrina da inspiração não é invenção de teólogos. A própria *Bíblia* a expõe enfaticamente. Ela dá testemunho de si mesma (o que não é considerado válido pelos seus inimigos) e tem testemunho da história.

Observemos alguns textos bíblicos:

1) 2Timóteo 3.16

Esse texto mostra a extensão da inspiração (toda a *Escritura*). No contexto bíblico, *Escritura* significa tanto o AT como o NT (*Lc 24.45; Jo 10.35; Lc 4.21; 1Tm 5.18 cf. Dt 25.4 e Lc 10.7; 2Pe 3.16*). Fica claro que a inspiração vem da parte de Deus. As *Escrituras* foram "sopradas por Deus" (significado de inspiração).

O propósito da inspiração é tornar as *Escrituras* "úteis". Assim, a *Bíblia* veio de Deus para nos mostrar como viver e o que devemos fazer.

2) 2Pedro 1.21

Esse texto mostra que Deus usou autores humanos, movendo-os para esse fim pelo Espírito Santo. O mesmo verbo "mover" é também usado em *At 27.15* e nos ajuda a entender seu sentido. Durante a tempestade, os marinheiros não estavam dormindo nem inativos, mas era o vento quem, de fato, os levava.

Outro fator importante revelado nesse texto é que não foi a vontade humana quem produziu as *Escrituras*. A vontade humana pode falhar e pode produzir erros. Porém, não é assim com a vontade de Deus. Isso atesta a inerrância bíblica.

Resumindo, *2Pe 1.21* diz que Deus usou homens e deixou para nós uma *Bíblia* totalmente confiável.

3) 1Coríntios 2.13

Aqui fica claro que a revelação de Deus chegou até nós por meio de palavras. Assim, Deus não só inspirou as ideias reveladas pela *Bíblia*, mas as palavras que a compõe.

Ou seja, as palavras usadas na *Bíblia* foram inspiradas por Deus.

4) Uma Compilação de Dados

Vejamos a variedade de material que Deus fez os autores incluírem na *Bíblia*:

- a) Diretamente de Deus: (*Dt 9.10*).
- b) Pesquisado: (*Lc 1.1-4*).
- c) Profético: aproximadamente, 25% da *Bíblia* consiste em profecias, boa parte já cumprida com exatidão. Nenhum homem poderia acertar 100% das profecias se fizesse por si mesmo.
- d) Histórico: boa parte da *Bíblia* é histórica, a maior parte escrita por homens que viveram o que foi relatado.
- e) Outros: a *Bíblia* registra algumas coisas que não são verdadeiras – como as mentiras de Satanás (*Gn 3.4-5*) –, mas o faz de maneira precisa, como realmente aconteceram. Também contém citações de escritos de pessoas incrédulas (*Tt 1.12*), além de trechos que revelam experiências pessoais e emoções (*Rm 9.1-3*). Contudo, essa variedade de material é registrada com precisão.

DEFINIÇÃO DE INSPIRAÇÃO

Uma definição abrangente de inspiração seria: *Deus supervisionou os autores humanos da Bíblia para que compusessem e registrassem, sem erros, sua mensagem à humanidade utilizando as palavras de seus escritos originais.*

Isso significa que Deus não ditou as palavras da *Bíblia* (algumas vezes até o fez) para os escritores, mas os supervisionou soberanamente para que, no uso de suas capacidades mentais e habilidades, compusessem um material que fosse verdadeiro (*Jo 17.17*) e que fosse o que Deus desejava nos revelar.

DESVIOS DA DOCTRINA DA INSPIRAÇÃO

- a) **Inspiração natural** — Crê que os autores escreveram sem a supervisão de Deus.
 - 1) Deus não inspirou as palavras;
 - 2) A *Bíblia* está no mesmo patamar de outros escritos; e
 - 3) Exclui a inerrância e a infalibilidade.
- b) **Inspiração mística** — Crê que a *Bíblia* foi escrita por homens cheios do Espírito Santo. De igual modo outros escritos, como os dos pais da igreja e de grandes homens durante a história. Nesse caso:
 - 1) Outros escritos seriam tão inspirados quanto a *Bíblia*;
 - 2) Os livros da *Bíblia* não são infalíveis; e
 - 3) A *Bíblia* representa uma importante literatura religiosa que pode, inclusive, conter mensagens de Deus.
- c) **Níveis de inspiração** — Crê que algumas partes da *Bíblia* são mais inspiradas que outras. Toda a *Bíblia* seria inspirada por Deus, porém, com diferença no grau de inspiração entre as partes.
- d) **Inspiração parcial** — Crê que algumas partes da *Bíblia* foram inspiradas por Deus e outras não. Nesse ponto de vista, o que é inspirado é o propósito da *Bíblia*. Assim, quando fala da salvação, ela é confiável, mesmo que tenha erros históricos ou científicos.
- e) **Inspiração conceitual** — Crê que os conceitos bíblicos são inspirados e não as palavras. Assim, a mesma ideia exposta de outro modo é tão inspirada quanto a original.
- f) **Inspiração neo-ortodoxa** — Nesse caso, a revelação está centrada em Jesus Cristo. A *Bíblia*, mesmo possuindo erros, é válida ao nos apresentar Jesus. Assim, a *Bíblia* é produto humano falível, mas pode se tornar a *Palavra de Deus* quando lida por nós. Ou seja, a *Bíblia* se torna *Palavra de Deus* quando Cristo fala conosco em suas páginas. Desse modo, a *Bíblia* não possuiria autoridade, mas seria um bom instrumento nas mãos de Cristo, apesar de possuir erros.

Estudo 8 - A Inerrância da Bíblia

Inerrância significa que a *Bíblia* não tem erros. Esse conceito é constantemente atacado e o combate a ele ou não tem estabelecido uma linha divisória entre os evangélicos.

A – A IMPORTÂNCIA DA INERRÂNCIA

1) Inerrância declarada

Não é possível crer na *Bíblia* sem crer na inerrância total. Crer que ela pode ter erros é torná-la totalmente indigna de confiança, já que não é possível estabelecer até aonde os erros chegariam. Matérias como Cristologia e Soteriologia perderiam a credibilidade por falta de certeza de que a *Bíblia* as expõe corretamente. Não importa que tamanho sejam os “erros” da *Bíblia*. O menor deles faz com que as doutrinas bíblicas entrem em colapso. Algumas consequências disso seriam:

- a) Visão liberal da seriedade do adultério;
- b) Visão liberal da seriedade do homossexualismo;
- c) Visão liberal do divórcio e do novo casamento;
- d) Reinterpretação “cultural” de alguns ensinamentos da *Bíblia* (ex.: submissão da mulher, obediência civil e sexo antes do casamento);
- e) Tendência a encarar a *Bíblia* pela óptica da psicologia moderna.

2) Inerrância diluída

Para muitos, brigar pela inerrância da *Bíblia* é fazer uma tempestade em um copo de água. Esses dizem que a *Bíblia* não fala claramente sobre sua inerrância. Contudo, para fazerem tal afirmação, eles teriam de mostrar que ela também não ensina isso de modo claro.

O fato de a *Bíblia* não falar sobre a inerrância usando esse termo, não quer dizer que essa verdade não seja exposta pela *Bíblia*. É como a doutrina da Trindade, a qual não é apoiada por um texto sequer que contenha a palavra “Trindade” e, nem por isso, é menos verdadeira e bíblica. Do mesmo modo, Jesus nunca disse: “eu sou Deus”, contudo a evidência bíblica atesta sua divindade.

Esse tipo de exigência de só se crer se houver um versículo que, com todas as letras, exponha e encerre a questão, não é o meio correto de interpretação das *Escrituras*. Usando esse critério, seria válido dizer que o time vencedor de um torneio não é campeão porque perdeu uma partida no decorrer do campeonato para a equipe que ficou em último lugar.

Outro ataque contra a inerrância é dizer que ela é uma doutrina nova e que a igreja nunca se preocupou com isso no passado. A inerrância, na verdade, foi defendida por pessoas como Jesus (*Jo 10.35*) e Paulo (*2Tm 3.16*). Sem falar de homens de Deus que a defenderam de modo veemente:

- a) Agostinho (354-430) afirmou: “As consequências mais desastrosas devem seguir-se à crença de que existe algo falso no livro sagrado. Isso equivale a dizer que os homens por meio dos quais as *Escrituras* chegaram até nós, encarregados de colocá-las por escrito, registraram algo falso nesses livros. Se nesse sagrado santuário de autoridade se admitir a possibilidade de haver uma só declaração falsa, não restará uma única sentença desses livros que, parecendo a alguém difícil de praticar ou de nela crer, não possa ser explicada pela mesma regra fatal como uma afirmação na qual o autor, intencionalmente, declarou o que não era verdade” (*Epístola*).
- b) Tomás de Aquino (1224-1274): “Nenhuma falsidade pode fundamentar o sentido literal das *Escrituras*” (*Suma Teológica*).
- c) Lutero: “As *Escrituras* jamais erraram”.
- d) John Wesley: “Se existe qualquer erro na *Bíblia*, bem poderiam existir mil deles. Se existe uma só falsidade naquele Livro, não proveio do Deus da verdade”.

B – O SIGNIFICADO DA INERRÂNCIA

A inerrância significa que **tudo** que a *Bíblia* ensina e apresenta é verdadeiro, podendo incluir aproximações, citações livres, linguagem figurada e narrativas diferentes do mesmo evento desde que não se contradigam.

É claro que essa forma complexa de se transmitir a verdade cria diversas “aparentes” dificuldades, sem contudo, apresentar erros. Alguns exemplos são:

- a) *1Co 10.8* diz que 23 mil morreram em um só dia e *Nm 25.9* afirma que foram 24 mil, sem incluir a restrição “em um só dia”;
- b) Linguagem figurada como “nascer” e “pôr do Sol”. Apesar de não condizer com o que a ciência já descobriu, são expressões corretas da observação humana e linguagem corriqueira ainda hoje;
- c) *Mc 10.46-52* e *Lc 18.35-43* contam que Jesus curou um cego em Jericó, enquanto *Mt 20.29-34* diz que eram dois cegos. Na verdade havia dois cegos, mas Marcos e Lucas contaram a história de um deles, Bartimeu.

O entendimento do tipo de linguagem usado e o propósito do autor devem ser levados em conta. Caso contrário, teremos dificuldades de conciliar textos como o de *Mt 4.4*, que diz que o homem deve viver das palavras que procedem da boca de Deus, em comparação com *2Tm 3.16*, que diz que toda a *Escritura* é inspirada por Deus.

C – A INERRÂNCIA NOS ENSINOS DE CRISTO

1) As evidências de ‘Mt 4.1-11’

- a) Jesus disse, referindo-se às *Escrituras*, que o homem deveria viver de “toda palavra” que sai da boca de Deus (*v.4* cf. *Dt 8.3*);
- b) Quando Satanás citou o *Sl 91.11-12*, ele omitiu uma parte do *v.11* que muda completamente o sentido do texto, mostrando que a ideia não era a de que Deus protege de riscos desnecessários e descabidos. Jesus respondeu que fazer uso do texto desse modo era tentar a Deus, já que o homem deve viver de “toda palavra” que procede de Deus; e
- c) A resposta de Jesus a Satanás foi: “Está escrito” (*vv.4,7,10*).

2) As evidências do ‘Antigo Testamento’ usadas por Cristo

- a) Jesus reconheceu que Adão e Eva eram pessoas reais, criadas por Deus, e agiram de maneiras específicas (*Mt 19.3-5*; *Mc 10.6-8*);
- b) Creu serem verdadeiros os eventos envolvendo os dias de Noé (*Mt 24.38-39*; e *Lc 17.26-27*);
- c) Confirmou a destruição das cidades de Sodoma e Gomorra e a historicidade de Ló e da sua esposa (*Mt 10.15*; *Lc 17.28-29*); e
- d) Aceitou como verdadeira a história de Jonas e o peixe (*Mt 12.40*) e a historicidade de Isaías (*Mt 12.17*), Elias (*Mt 17.11-12*), Daniel (*Mt 24.15*), Abel (*Mt 23.35*), Zacarias (*Mt 23.35*), Abiatar (*Mc 2.26*), Davi (*Mt 22.45*), Moisés e seus escritos (*Mt 8.4*; *Jo 5.46*), Abraão, Isaque e Jacó (*Mt 8.11*; *Jo 8.39*).

3) A evidência de ‘Mt 5.17-18’

O termo “a Lei e os profetas” envolvia todo o *Antigo Testamento*. Jesus disse que ele jamais passaria, sem que se cumprisse nem mesmo um “i” ou um “til” (ARA) ou a “menor letra” ou “traço” (NVI). Ao dizer isso, Jesus se referiu ao *yod*, a menor letra do alfabeto hebraico. Também se referiu ao que é chamado de “til” ou “traço”, que é um pequeno sinal gráfico que diferencia letras hebraicas muito parecidas como o *beit* e o *kaf* ou o *dalet* e o *resh*. Isso demonstra a confiança que Jesus tinha em cada palavra das *Escrituras*.

4) A evidência de ‘Jo 10.31-38’

Depois de afirmar sua divindade (*Jo 10.30*), os judeus se enfureceram e quiseram apedrejá-lo. Jesus os dissuadiu dessa ideia citando o *Salmo 82*, ao qual chamou de Lei. Disse que se aos homens foi atribuído o termo “deuses”, devido à alta posição a eles concedida, era correto que ele usasse o mesmo termo para si devido à unidade que tinha com o Pai. O interessante é que essa argumentação não se apoiou em livros ou capítulos da *Bíblia*, mas em uma palavra: *Elohim*, que significa “Deus”.

Isso mostra, mais uma vez, que Jesus cria na inspiração de cada palavra, mesmo as que estão presentes em um salmo que não é nem famoso, nem fundamental no *Antigo Testamento*. Jesus, ao citá-lo, ainda afirmou que “a *Escritura* não pode falhar” (v.35).

5) A evidência de ‘Mt 22.23-33’

Jesus expôs o erro dos saduceus de crer no Pentateuco, mas não nos anjos e na ressurreição. Acusou-os de errarem por não conhecerem nem as *Escrituras*, nem o poder de Deus (v.29). Jesus disse que a pergunta que fizeram era irrelevante, pois no céu seremos como “anjos”, os quais não se casam (v.30). Também citou o texto de *Ex 3.6* para provar que há vida após a morte, mostrando que foi dito a Moisés que Deus era Deus de Abraão, Isaque e Jacó mesmo que eles tivessem morrido muitos anos antes.

6) A evidência de ‘Mt 22.41-46’

Em primeiro lugar, Jesus disse que Davi falou “pelo Espírito” (v.43), demonstrando sua convicção na inspiração das mínimas palavras. Foi apoiado em uma mínima palavra que ele provou que o Messias não era apenas “filho de Davi”, mas também o “Deus de Davi”. Ele se apoiou na palavra “meu” (“disse o SENHOR ao meu Senhor”). A divindade de Jesus foi apoiada nessa pequena palavra, pois Jesus tinha convicção de que cada uma delas vinha de Deus.

D – PASSAGENS PROBLEMÁTICAS

A *Bíblia* tem algumas dificuldades. Elas, na verdade, não constituem erros, mas “aparentes” discrepâncias que são solucionadas quando analisadas com cuidado. Também lembramos que cremos na inspiração da mesma forma que cremos na divindade: pela fé. Mesmo quando os homens tentam provar que Deus não existe, nossa fé fica inabalada. Do mesmo modo, diante de dificuldades na *Bíblia* nossa fé mantém nosso conceito sobre a inerrância, pois cremos que as *Escrituras* nos foram dadas por Deus (*2Tm 3.16*; *2Pe 1.21*).

1) As ‘duas narrativas’ da criação

Enquanto *Gn 1.11-12* diz que as plantas foram criadas no terceiro dia, *Gn 2.5* dá a entender que não havia plantas antes da criação do homem, o que só ocorreu no sexto dia. Na verdade, *Gn 2.5* não fala de todo tipo de planta, mas das que precisam ser “lavradas” ou “cultivadas” pelo homem, de modo que *Gn 2.5* é um complemento do que foi dito em *Gn 1.11-12*. Do mesmo modo, foi dito em *Gn 1.27* que Deus criou “homem e mulher”, cujos eventos depois foram detalhados no relato de *Gn 2.18-23*.

2) A esposa de Caim

A pergunta é: se só existia a família de Adão, onde Caim encontrou sua esposa? A resposta está no texto de *Gn 5.4* que diz que Adão gerou filhos e filhas. A esposa de Caim, assim como a de Sete, foi uma das suas irmãs. Tal casamento não gerou nenhum tipo de anomalia (como é arriscado acontecer hoje) porque os genes defeituosos que produzem esses tipos de mal não estavam presentes na criação de Deus.

Antes de ficarmos chocados com isso, devemos lembrar que esse tipo de casamento voltou a acontecer depois do dilúvio entre os netos de Noé, quando o casamento de parentesco mais distante possível era entre primos. O próprio Abraão se casou com sua “meio-irmã” (*Gn 20.12*). Só mais adiante Deus proibiu esse tipo de relação (*Lv 18.6*).

3) ‘Nm 25.9’

Moisés disse que a praga que seguiu a adoração de Israel a Baal-Peor matou 24 mil pessoas, enquanto Paulo diz que foram 23 mil (*1Co 10.8*). A diferença dos dois relatos está no fato de Paulo dizer que 23 mil morreram “em um só dia”. As outras mortes provavelmente ocorreram depois. Outra possibilidade que não afeta a inerrância seria o arredondamento por parte dos dois autores, assim como nós fazemos ao nos referirmos a uma viagem de 1.500 quilômetros, quando, na verdade, a distância correta era de 1.523 quilômetros.

4) Quem fez Davi contar os israelitas? ('2Sm 24.1'; '1Cr 21.1')

Um texto diz que foi Deus e outro diz que foi Satanás. Na verdade, Deus, soberanamente, usou Satanás para cumprir seu plano do mesmo modo que o fez para manter a humildade de Paulo por intermédio do "espinho na carne", o qual Paulo chamou de "mensageiro de Satanás" (2Co 12.7).

5) Quem matou Golias? ('2Sm 21.19'; '1Sm 17.50')

Quem matou Golias foi Davi ou Elanã? Nesse caso, o problema é de cópia. Comparando com 1Cr 20.5, percebemos que o copista errou ao copiar 2Sm 21.19, cuja provável mensagem seria: "E Elanã, filho de Jair (ou Jaaré-tecelão), feliu a Lami, irmão de Golias".

6) Certos números apresentados em '2Sm 24' e '1Cr 21'

- a) O texto de 2Sm 24.9 registra 800 mil em Israel e 500 mil em Judá, enquanto 1Cr 21.5 apresenta 1,1 milhão em Israel e 470 mil em Judá. No registro de 2Sm 24, o número não inclui o exército permanente de 288 mil (1Cr 27.1-15), nem os 12 mil especificamente destacados para Jerusalém (2Cr 1.14), que, somados aos 800 mil, dá exatos 1,1 milhão. Já os 470 mil de 1Cr 21 não incluem os 30 mil do exército permanente de Judá (2Sm 6.1);
- b) O de castigo pela contagem é de 7 anos em 2Sm 24.13 e de 3 anos em 1Cr 21.12. Esse é mais um erro de cópia. Isso se deve à semelhança entre as letras hebraicas usadas para grafar os números 3 e 7. O correto é que eram 3 anos e, por causa disso, a versão NVI traduz 1Cr 21 desse modo.

7) As medidas de '2Cr 4.2'

As medidas do mar de fundição não batem, pois diz que o diâmetro dele era de 450 cm. Porém, quando diz que a circunferência era de 13,5 m, percebemos que essa não é a circunferência de um círculo cujo diâmetro mede 450 cm, mas sim, 430 cm. Há uma discrepância de 20 cm. Entretanto, o v. 5 desfaz essa impressão ao dizer que a espessura da borda era de 10 cm. Ou seja, o mar de bronze de circunferência interna de 13,5 m, cujo diâmetro era de 430 cm, tinha de diâmetro "total", incluindo 20 cm da espessura das duas bordas externas, exatos 450 cm.

8) Levar o bordão ('Mc 6.8; Lc 9.3')

Jesus permitiu ou não levar o cajado? Na verdade, Jesus permitiu que os discípulos levassem um cajado que possuíssem. Contudo, caso não tivessem, não deveriam levar um na viagem. Chegamos a essa conclusão ao observar Mt 10.9-10, que diz que tais coisas não deveriam ser "adquiridas" para a viagem, não que não pudessem ser usadas. É o caso de não poder levar duas sandálias, podendo, contudo, levar uma: a que ia no pé. A intenção de Jesus era que os discípulos "não fizessem provisão especial para essa missão".

9) A semente de mostarda ('Mt 13.32')

Jesus disse que a semente de mostarda era a menor das sementes. Porém, sabe-se que há sementes menores. Mas, quando Jesus falou isso, disse que era a semente "que um homem plantou no seu campo". Fica claro que Jesus apelou para a experiência dos judeus, que, das espécies cultivadas, tinha a mostarda como o exemplar de menor semente.

10) Os cegos de Jericó ('Mt 20.29-34'; 'Mc 10.46-52'; 'Lc 18.35-43')

Eram um ou dois cegos? Como já vimos, eram dois e Mateus está certo em sua afirmação. Porém, Lucas e Marcos se concentraram em um só deles. O motivo disso é que, provavelmente, ele era muito conhecido e isso justifica eles terem citado seu nome: Barjesus.

11) O pai de Zacarias ('Mt 23.35')

Zacarias era filho de Beraquias (Zc 1.1) ou de Joiada (2Cr 24.20)? Na verdade, esses dois Zacarias são pessoas diferentes. O Zacarias de 2Cr 24.20-21 viveu antes do cativeiro babilônico e foi apedrejado. O outro Zacarias é o profeta autor do livro que leva seu nome. Ele viveu no período posterior ao exílio e era filho de um homem chamado Beraquias. Apesar de as Escrituras não falarem que ele foi martirizado, esse é a quem, provavelmente, Jesus se referiu, citando corretamente o nome do seu pai e usando um profeta dos

tempos do encerramento do AT, traçando uma linha do início ao fim da história registrada no AT ao dizer “de Abel a Zacarias”.

12) Zacarias ‘versus’ Jeremias (‘Mt 27.9-10’)

Mateus cita Jeremias a respeito de um texto que encontramos em *Zc 11.12-13*. Esse pode, tanto ser um erro de cópia, como um modo de os judeus pós-exílio se referirem às *Escrituras*. *Jeremias* é o primeiro livro do *Talmude Babilônico* e o profeta era proeminente na mente dos judeus dos tempos de Jesus (*Mt 16.14*). Assim, Mateus pode ter se referido às *Escrituras* citando Jeremias, além de ter em mente os eventos relacionados à casa do oleiro registrados em *Jr 18 e 19*.

13) Isaías ‘versus’ Malaquias (‘Mc 1.2-3’)

Marcos cita um texto de *Malaquias* dizendo ser de *Isaías*. Provavelmente, Marcos usa *Isaías* com a intenção de associá-lo não àquele texto em particular, mas ao assunto como um todo que era a pessoa de Cristo, a quem ele acabara de mencionar. Nesse caso, o profeta Isaías é notável, pois fala muito do Messias, principalmente em *Is 53*, texto esse conhecido como “o servo sofredor”. Devemos lembrar que a óptica sob a qual Marcos apresenta Jesus em seu Evangelho é a de Jesus como “servo”.

14) Abiatar ‘versus’ Aimeleque (‘Mc 2.26’)

Marcos diz que Davi comeu os pães da proposição nos dias de Abiatar, mas *1Sm 21.1-6* diz que o sumo sacerdote era Aimeleque, pai de Abiatar (*1Sm 22.20*). Contudo, Jesus não se referiu a Abiatar como sendo o sumo sacerdote, mas disse “nos dias de Abiatar”. Na sequência do relato histórico, Saul mandou matar Aimeleque e os seus, mas Abiatar conseguiu sobreviver, tornando-se sumo sacerdote durante todo o reinado de Davi, sendo deposto apenas no início do reinado de Salomão (*1Rs 2.27*). Assim, o fato histórico em questão realmente aconteceu “nos dias de Abiatar” e não necessariamente enquanto ele exercia o sumo sacerdócio.

15) A morte de Judas

At 1.8 diz que Judas “precipitou-se, rompendo-se pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram”, enquanto *Mt 27.5* diz que ele “foi enforcar-se”. Os dois relatos se completam. Judas tentou se enforcar e, devido a algum imprevisto como a ruptura da corda ou do galho, ele caiu de um lugar alto, o que causou os danos citados em *At 1.8*.

16) Problemas em ‘At 7’

Atos 7 apresenta um discurso de Estevão ao Sinédrio que apresenta algumas dificuldades. Nesse caso, mesmo que Estevão tivesse errado, Lucas registrou corretamente suas palavras. Contudo, as dificuldades apresentadas no discurso de Estevão não precisam necessariamente estar erradas.

Em *At 7.6*, Estevão diz que o cativeiro durou 400 anos (assim como *Gn 15.13*), enquanto *Ex 12.40* menciona 430 anos. Se observarmos bem, o texto de *Ex 12.40* diz que o povo “habitou” no Egito por 430 anos. Estevão, por sua vez, falou que a “escravidão” durou 400 anos.

Outro problema está em *At 7.14* onde Estevão diz que a família de Jacó tinha 75 pessoas, enquanto *Gn 46.27* diz que eram 70. Estevão deve ter se referido ao texto da *Septuaginta*, o qual registra, em *Ex 1.5*, o número de 75 pessoas, o que inclui o filho e o neto de Manassés e dois filhos e um neto de Efraim.

Estudo 9 - A Interpretação da Bíblia

PRINCÍPIOS HERMENÊUTICOS

1) Definição

Hermenêutica é o estudo dos princípios de interpretação (*hermenéia* ou *hermenia* = *Interpretação*).

Enquanto a exegese interpreta a *Bíblia* e revela seu significado, a hermenêutica estabelece os princípios sobre os quais a exegese é aplicada.

2) Principais sistemas hermenêuticos

- a) **Interpretação literal** – Também chamada de interpretação “simples” ou “normal”, tem sua base no conceito da inspiração verbal ou plenária da *Bíblia*. Interpreta as *Escrituras* de modo a buscar o sentido normal das palavras;
- b) **Interpretação alegórica** – Alegoria é uma representação simbólica. Na interpretação alegórica, as palavras não são entendidas em seu sentido normal, mas de maneira simbólica, dando um significado ao texto que ele nunca pretendeu comunicar. Faz com que a *Bíblia* pareça um relato fictício.

3) Razões para a hermenêutica literal

- a) **Propósito da linguagem** – Deus criou a linguagem de modo a ser capaz e suficiente para comunicar as ideias. A *Bíblia* usa a linguagem para transmitir sua mensagem do mesmo modo que os homens se comunicam: por meio da linguagem simples;
- b) **Necessidade de objetividade** – Sem a interpretação literal não há objetividade no ensino bíblico. Cada um interpretaria um texto como achasse melhor e haveria inúmeras inconsistências e contradições na mensagem;
- c) **O exemplo da Bíblia** – Todas as profecias sobre a primeira vinda de Cristo foram cumpridas literalmente. Não só essas, mas muitas outras foram proferidas usando o sentido normal ou simples das palavras (veja *Is* 53.5; *Mq* 5.2; *Ml* 3.1).

4) Princípios da hermenêutica normal

- a) **Interpretação gramatical** – O início da exegese de um texto é encontrar o sentido gramatical das palavras que comunicam a mensagem;
- b) **Interpretação contextual** – O contexto deve ser estudado para saber a relação do texto com outros textos anteriores e posteriores a ele. Também é necessária a análise do tema do livro e a história que envolve o escrito;
- c) **Comparar com a Escritura** – O fato de Deus ter inspirado as *Escrituras* confere a elas uma unidade ímpar. Assim, é possível interpretar o sentido de um texto comparando-o ao de outros textos;
- d) **Reconhecer a progressividade da revelação** – A revelação de Deus foi dada por meio das *Escrituras* aos poucos em um longo período de tempo. Assim, o *NT* acrescenta muita informação e doutrina que não foi revelada no *AT*. Portanto, não devemos interpretar textos mais antigos de modo a ver neles conceitos plenos que só foram revelados mais adiante.

Estudo 10 - A Existência dos Anjos

A) Conhecimento humano

Não há como o homem saber, *a priori*, se há no universo criaturas como os anjos. Isso porque o homem não possui informações para chegar a essa conclusão.

B) A revelação bíblica

A fonte confiável de informações sobre os anjos que possuímos é a *Bíblia*. O AT menciona os anjos mais de 100 vezes e o NT menciona-os 165 vezes. Há referência em 34 livros da *Bíblia*, estando entre eles os mais antigos (*Gênesis* e *Jó*) e o último a ser escrito (*Apocalipse*). O próprio Senhor Jesus enfatizou a existência dos anjos.

- a) ANTIGO TESTAMENTO – No AT os anjos são apresentados como seres reais e não ilusórios. Abraão comeu e conversou com anjos (*Gn 18*). Um anjo executou juízo sobre Israel por causa da contagem do povo feita por Davi (*2Sm 24.16*). Isaías fez menção de serafins (*Is 6.2*) e Ezequiel, de querubins (*Ez 10.1-3*). Daniel mencionou Gabriel (*Dn 9.20-27*) e Miguel (*Dn 10.13; 12.1*). Os *Salmos* mostram como os anjos adoram a Deus e protegem seu povo (*Sl 34.7; 91.11; 103.20*).
- b) NOVO TESTAMENTO – Os *Evangelhos* e *Atos* apresentam os anjos durante a vida de Jesus (*Mt 2.19, Mc 1.13, Lc 2.13, Jo 20.12, At 1.10-11*). *Atos* ainda mostra os anjos libertando os apóstolos (*At 5.19; 12.5-11*), direcionando Filipe e Cornélio (*At 8.26; 10.1-7*) e encorajando Paulo (*At 27.23-25*). São mencionados por Paulo (*Gl 3.19; 1Tm 5.21*), pelo autor de *Hebreus* (*Hb 1.4*), por Pedro (*1Pe 1.12*) e por Judas (*Jd 6*). O *Apocalipse* é repleto de menções a anjos.
- c) ENSINO DE CRISTO – Além de ser servido no deserto por anjos, Jesus disse que no céu os crentes serão como anjos (*Mt 22.30*), que os anjos separarão justos e injustos no final dos tempos (*Mt 13.39*) e o acompanharão na sua segunda vinda (*Mt 25.31*). Além disso, uma das frequentes atividades no ministério de Jesus foi a expulsão de demônios, que são “anjos maus”.

Estudo 11 - A Criação e a Natureza dos Anjos

A) A REALIDADE DA CRIAÇÃO

Os anjos são seres criados (*Sl 148.5*). Eles não evoluíram, nem foram formados por geração natural, pois não podem se reproduzir (*Mt 22.30*).

Foram criados por Cristo, já que ele criou todas as coisas (*Jo 1.1-3*), inclusive os próprios anjos (*Cl 1.16*). Foram criados antes da Terra (*Jó 38.4-7*).

B) ESTADO ORIGINAL

- a) **Santos** – Todos os anjos foram criados santos (*Gn 1.31*). Os anjos que não caíram e que continuam bons são chamados santos (*Mc 8.38*). São chamados “anjos eleitos” (*1Tm 5.21*), em contraste com os anjos maus que seguiram a Satanás em sua rebelião contra Deus (*Mt 25.41*).
- b) **Criaturas** – Os anjos são criaturas, apesar de distintos de outros seres como o homem (*1Co 6.3; Hb 1.14*). Como toda criatura, têm limitações de poder, de conhecimento e de atuação (*1Pe 1.11-12; Ap 7.1*).

C) SÃO SERES PESSOAIS

Como seres pessoais, possuem inteligência, emoções e vontade. Isso é uma realidade tanto para os anjos bons como para os anjos maus. Eles possuem:

- a) Inteligência (*Mt 8.29; 2Co 11.3; 1Pe 1.12*).
- b) Emoções (*Lc 2.13; Tg 2.19; Ap 12.17*).
- c) Vontade própria (*Lc 8.28-31; 2Tm 2.26; Jd 6*).

D) SÃO SERES ESPIRITUAIS

Os anjos bons são chamados de “espíritos ministradores” (*Hb 1.14*); os anjos maus, de “espíritos malignos ou imundos” (*Lc 8.2; 11.24-26*); e Satanás, de “espírito que agora atua nos filhos da desobediência” (*Ef 2.2*).

Sendo assim, são imateriais e incorpóreos, mas isso não os impede de aparecer ocasionalmente como seres humanos. Apareceram a homens em sonhos e visões (*Mt 1.20; Is 6.1-8*), em uma revelação especial da sua presença (*2Rs 6.17*) e também a pessoas e no seu estado normal, conscientes e acordadas (*Gn 19.1-8; Mc 16.5; Lc 2.13*).

Os anjos também são imortais (*Lc 20.36*). Contudo, os anjos maus serão punidos com o inferno e ficarão eternamente distantes de Deus (*Mt 25.41; Lc 8.31*).

Estudo 12 - Os Demônios

A) NATUREZA IMORAL

Os demônios são chamados de “espíritos imundos” (*Mt 10.1*), “espíritos malignos” (*Lc 7.21*), “espírito de demônio imundo” (*Lc 4.33*), “forças espirituais do mal” (*Ef 6.12*).

B) PODERES

- a) **Força** – Às vezes, os demônios podem exibir força sobre-humana ao possuírem corpos humanos. O endemoninhado gadareno quebrava suas cadeias e grilhões (*Mc 5.3*) e os filhos de Ceva foram espancados por um homem possesso (*At 19.16*).
- b) **Inteligência** – Não são oniscientes, mas têm grande inteligência, conhecimento e astúcia (*Mc 1.24; Mt 8.29; 2Co 2.11*).
- c) **Presença** – Eles não são infinitos, mas limitados. Apesar de o seu grande número dar a impressão de que são onipresentes, isso não é verdade, pois cada um ocupa apenas um lugar de cada vez (*Jó 1.7; 2.2; Mt 8.31-32*).

C) EM RELAÇÃO A SATANÁS

Os demônios agem como emissários de Satanás para alcançar seus propósitos de atrapalhar os planos de Deus. Quando esses demônios atuam, o fazem de tal forma que temos a impressão de que Satanás em pessoa é que está agindo (*Ef 6.11-12*).

D) EM RELAÇÃO A DEUS

- a) Opõem-se ao plano de Deus (*Dn 10.10-14; Ap 16.13-16*).
- b) Podem ser usados para cumprir os propósitos de Deus (*Jz 9.23; 1Sm 16.14; 1Rs 22.22; 2Co 12.7*).

E) EM RELAÇÃO À RELIGIÃO

- a) **Promovem a idolatria** – Isso aconteceu no tempo do AT (*Lv 17.7; Dt 32.17; Sl 106.36-38*), continua acontecendo (*1Co 10.20*) e acontecerá nos dias da Tribulação (*Ap 9.20*).
- b) **Promovem uma falsa religião** – Fazem isso ensinando que o sacrifício do Salvador não valeu nada (*1Jo 4.1-4*) e que a salvação é obtida por obras (*1Tm 4.3-4*), além de ensinar uma ética libertina (*Ap 2.20-24*).

F) EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS

- a) **Aflicção** – Podem causar doenças físicas (*Mt 9.33; 12.22; 17.15-18*) e distúrbios mentais (*Mc 5.4-5; 9.22*). Apesar disso, a *Bíblia* faz distinção entre doenças naturais e as causadas por demônios (*Mt 4.24; Mc 1.32,34; Lc 7.21; 9.1*).
- b) **Perversão** – Os demônios desejam perverter as pessoas. Para isso, às vezes promovem um sistema doutrinário e um estilo de vida aparentemente benéficos para o ser humano (*1Tm 4.1-3*). Outras vezes, o mal e atividades impuras (*Dt 32.17; Sl 106.37-39*).
- c) **Possessão** – É o controle direto de um ou vários demônios sobre uma pessoa quando se apossam dela. Várias consequências são relatadas, como mudez, cegueira e convulsões (*Mt 9.32; 12.22; Lc 9.39*), tentativas de autodestruição (*Mc 5.5; Lc 9.42*) e forças ocultas (*At 16.16-18*).

Estudo 13 - O Ministério dos Anjos

A) EM RELAÇÃO A DEUS

- a) Eles o louvam (*Sl 148.1-2; Is 6.3*);
- b) Eles o adoram (*Hb 1.6; Ap 5.8-13*);
- c) Eles se regozijam com os seus feitos (*Jó 38.6-7*);
- d) Eles o servem (*Sl 103.20; Ap 22.9*);
- e) Eles se apresentam diante dele (*Jó 1.6; 2.1*);
- f) Eles são instrumentos do juízo divino (*Ap 7.1; 8.2*).

B) EM RELAÇÃO AOS TEMPOS

- a) Eles se reuniram para louvar a Deus quando a Terra foi criada (*Jó 38.6-7*);
- b) Estavam envolvidos quando a lei mosaica foi entregue (*Gl 3.19; Hb 2.2*);
- c) Estavam ativos na primeira vinda de Cristo (*Mt 1.20; 4.11*);
- d) Estavam ativos durante os primeiros anos da Igreja (*At 8.26; 10.3-7; 12.11*);
- e) Estarão envolvidos nos eventos relacionados à segunda vinda de Cristo (*Mt 25.31; 1Ts 4.16*).

C) EM RELAÇÃO AO MINISTÉRIO DE CRISTO

- a) **Em seu nascimento** – Gabriel predisse o nascimento de Jesus (*Lc 1.26-28*) e um anjo anunciou o nascimento a alguns pastores e foi acompanhado por uma multidão de anjos (*Lc 2.8-15*);
- b) **Durante sua vida** – Um anjo alertou José para que fugisse para o Egito (*Mt 2.13-15*), depois o orientou a voltar do Egito (*Mt 2.19-21*). Anjos ministraram a Jesus no deserto e no Getsêmani (*Mt 4.11; Lc 22.43*);
- c) **Após sua ressurreição** – Um anjo rolou a pedra do sepulcro (*Mt 28.1-2*), anjos anunciaram a ressurreição para as mulheres (*Mt 28.5-6*) e anjos estavam presentes na ascensão de Jesus (*At 1.10.11*);
- d) **Na segunda vinda de Jesus** – A voz do arcanjo será ouvida no arrebatamento da Igreja (*1Ts 4.16*) e anjos acompanharão Jesus (*Mt 25.31, 2Ts 1.7*).

D) EM RELAÇÃO AOS ÍMPIOS

- a) Anunciam os juízos iminentes (*Gn 19.13; Ap 19.17-18*);
- b) Infligem o juízo divino (*At 12.23; Ap 16.1*);
- c) Irão separar justos de injustos no fim dos tempos (*Mt 13.39-40*).

E) EM RELAÇÃO À IGREJA

- a) Seu ministério básico é servir os salvos (*Hb 1.14*);
- b) Levam as respostas das orações (*At 12.5-10*);
- c) Ajudam nos esforços evangelísticos dos cristãos (*At 8.26; 10.3*);
- d) Observam as experiências, o trabalho e os sofrimentos dos cristãos (*1Co 4.9; 11.10; Ef 3.10; 1Pe 1.12*);
- e) Encorajam nas horas de perigo (*At 27.23-24*);
- f) Ministram aos justos na hora da sua morte (*Lc 16.22*).

Estudo 14 - As Origens

1 – MANEIRAS DE VER AS ORIGENS

A) Evolução ateísta

Envolve a origem com base em um processo natural, tanto no surgimento da primeira substância viva como no de novas espécies. Essa teoria afirma que, bilhões de anos atrás, substâncias químicas existentes no mar, influenciadas pelo Sol e pela energia cósmica, acabaram unindo-se por obra do acaso dando origem a organismos unicelulares. Desde então, vêm se desenvolvendo por intermédio de mutações benéficas e de seleção natural, formando todas as plantas, animais e pessoas.

B) Evolução teísta

A evolução teísta afirma que Deus direcionou, usou e controlou o processo da evolução natural para “criar” o mundo e tudo que nele existe. Normalmente, essa visão inclui as seguintes ideias:

- a) Os dias da criação de *Gênesis 1*, na verdade, foram eras;
- b) O processo evolutivo estava envolvido na criação de Adão;
- c) A Terra e as formas pré-humanas são extremamente antigas.

C) Criação

Tem a *Bíblia* como sua única base e entende que a ciência pode contribuir para nosso entendimento, mas nunca pode mudar nossa interpretação das *Escrituras* para acomodar suas descobertas.

A Criação ensina que o homem foi criado por Deus, à sua imagem, a partir do pó da terra, soprando-lhe nas narinas fôlego de vida (*Gn 1.27; 2.7*). Nunca existiu uma criação subumana ou um processo de evolução. Os criacionistas, apesar de discordarem em detalhes secundários, se unem na crença de que *Gênesis 1* é um relato literal e que Adão foi o primeiro homem.

2 – A TEORIA DA EVOLUÇÃO

A) Os princípios da evolução

- a) As estrelas e os planetas são resultado do *big-bang*, uma explosão de prótons e de nêutrons comprimidos e em alta rotação;
- b) A vida começou completamente ao acaso, quando uma célula única surgiu da matéria inanimada;
- c) Todos os organismos vivos evoluíram dessas formas elementares, ganhando complexidade durante o processo, o qual também produziu o ser humano.

B) O processo da evolução

As mutações constituem o fator principal da evolução e são pequenas e repentinas mudanças no DNA dos genes, os quais são transmitidos aos descendentes.

A seleção natural entra em seguida, fazendo a filtragem dos resultados mais fracos das mutações e gerando assim um estágio mais forte e evoluído que o anterior.

Em terceiro lugar está o tempo, visto que alterações e perpetuações desse porte nunca poderiam ocorrer em poucos milhões de anos. Desse modo, a evolução segue a seguinte fórmula matemática: **MUTAÇÕES X SELEÇÃO NATURAL X TEMPO = EVOLUÇÃO.**

Estudo 15 - A Criação do Homem

1) ALGUNS PRESSUPOSTOS NECESSÁRIOS

- a) Fé (*Hb 11.3*);
- b) A narrativa bíblica (*Gn 1-2; Ex 20.9-11; Mt 19.4-6*).

2) AS CARACTERÍSTICAS DA CRIAÇÃO DO HOMEM

- a) Foi planejada (*Gn 1.26*);
- b) Ocorreu de forma direta, especial e imediata (*Gn 1.27; 2.7*);
- c) O homem foi formado do pó da terra (*Gn 2.7*) de um modo maravilhoso (*Sl 139.14*);
- d) Foi dada ao homem uma alma (*Gn 2.7*). Essa alma é imortal, o que dá ao homem um valor incomparável (*Mt 16.26; Fp 1.22-23*);
- e) O homem foi criado à imagem e semelhança de Deus (*Gn 1.26-27; 5.1; 9.6; 1Co 11.7*).

3) SIGNIFICADO DO CONCEITO DA IMAGEM DE DEUS

Quando a *Bíblia* diz que o homem foi criado à imagem de Deus significa que Deus comunicou ao homem algumas qualidades que não compartilhou com os outros seres terrestres:

- a) Inteligência (*Sl 139.14*);
- b) Emoções (*Mt 26.38*);
- c) Vontade (*Pv 21.10*).

4) A NATUREZA DO HOMEM

O homem é formado por uma parte física e uma parte espiritual (*Gn 2.7*). Esse conceito é chamado de “dicotomia”. O conceito que crê que o homem é formado por corpo, alma e espírito, sendo que o espírito é algo distinto e superior à alma, é conhecido como “tricotomia”.

Na verdade, alma e espírito são duas palavras que se referem à mesma coisa no homem. São termos intercambiáveis.

Há certa dificuldade nessa posição devido ao texto que se refere ao “corpo, alma e espírito” (*1Ts 5.23*). Entretanto, a grande ocorrência dos termos “alma” e “espírito” no mesmo texto está em textos poéticos ou em textos que lançam mão de um recurso retórico a fim de enfatizar uma ideia (*Jó 7.11; Jó 12.10; Is 26.9; 1Co 15.45; Hb 4.12*).

5) CONDIÇÃO ORIGINAL DO HOMEM

Além dos aspectos da criação do homem que já vimos, ele foi criado com uma natureza moral santa (*Ec 7.29*)

Estudo 16 - A Queda do Homem

1) VISÕES SOBRE O RELATO DA QUEDA

- a) Alguns dizem que o relato da queda é apenas uma **lenda**;
- b) Outros aceitam a “verdade” da história sem aceitar sua credibilidade histórica. O relato da queda é visto como um **mito verdadeiro**;
- c) Muitos veem o relato da queda como **verdade factual e história**. Assim como se crê que o relato da criação é literal, também o da queda do homem. Outros textos bíblicos apoiam a historicidade da queda (*Rm 5.12-21; 1Co 15.21-22; 1Tm 2.14*).

2) OS QUE FORAM TENTADOS

- a) Adão tinha capacidade de pensamento e razão, pois era capaz de dar nomes aos animais e pensar sobre seu relacionamento com Eva (*Gn 2.19-23*). Também possuía uma linguagem com a qual podia se comunicar (*Gn 2.16,20,23*).
- b) Não tinha pecado e sua santidade o capacitava a se relacionar com Deus. Era, entretanto, uma santidade não confirmada por não ter sido posta à prova. O homem tinha liberdade para escolher e avaliar suas escolhas.
- c) Tinha a responsabilidade de exercer domínio sobre a terra (*Gn 1.26-28; 2.15*) e de desfrutar dos resultados do seu trabalho (*Gn 2.16-17*).

3) O TESTE

O teste supremo era se Adão e Eva obedeceriam a Deus ou não. Para isso, não podiam comer o fruto de uma árvore do jardim: a árvore do conhecimento do bem e do mal. Ao estabelecer o teste, Deus demonstrou querer que o homem o servisse e obedecesse voluntariamente.

4) O TENTADOR

Satanás usou um ser que Eva conhecia a fim de tentá-la. Ele se dirigiu a Eva provavelmente porque ela não recebeu a proibição diretamente de Deus como aconteceu com Adão.

5) A TENTAÇÃO

- a) Satanás, que já havia desejado ser como Deus (*Is 14.14*), sugeriu a Eva que seria bom para ela ser “como Deus”. Ele transmitiu a ideia de que a ordem de Deus era baseada em um egoísmo pessoal e que as restrições impostas por Deus não são boas.
- b) Eva racionalizou o que estava prestes a fazer. Em primeiro lugar, o fruto era bom para se comer. Em segundo, restrições seriam, sob a óptica de Satanás, ruins. Assim, o fruto era gostoso, daria sustento e traria conhecimento. Diante disso, a mulher tomou, comeu o fruto e o deu ao seu marido para que também comesse.

Estudo 17 - A Penalidade da Queda

O pecado de Adão e Eva teve consequências enormes sobre as mais diversas áreas da criação de Deus. Vejamos quais são:

1. Sobre a raça humana (Gn 3.7-13)

- a) Sentimento de culpa que ficou evidente na tentativa de encobrir o seu ato de pecado (v.7);
- b) Perda de comunhão que ficou evidente na tentativa de se esconder de Deus (v.8).

2. Sobre Satanás (Gn 3.15)

- a) Inimizade entre os descendentes de Satanás (*Jo 8.44; Ef 2.2*) e a descendência da mulher;
- b) Morte para Satanás e ferimento para Cristo, o que aconteceu na cruz do Calvário (*Hb 2.14; 1Jo 3.8*).

3. Sobre Eva e as mulheres (Gn 3.16)

- a) Dor na concepção;
- b) O desejo da mulher seria para o marido;
- c) Submissão ao marido.

4. Sobre Adão e os homens (Gn 3.17-24)

- a) Maldição sobre a terra, o que tornou a obtenção do sustento um ato penoso;
- b) A humanidade voltaria ao pó quando morresse;
- c) Expulsão do Éden.

Sobre as consequências do pecado temos ainda que atentar para alguns aspectos:

- a) O pecado de Eva afetou Adão e o pecado de Adão afetou toda a raça humana (*Rm 5.12*);
- b) O pecado nunca foi desfeito. É possível experimentar o perdão de Deus, mas não é possível desfazer o pecado e o fato de os homens serem pecadores. Apenas no céu o efeito do pecado não atingirá mais os salvos.

Estudo 18 - O Conceito Bíblico do Pecado

A *Bíblia* utiliza muitas palavras, tanto em hebraico como em grego, para definir o conceito de pecado:

A) NO ANTIGO TESTAMENTO

1. **Hata** – Significa “errar o alvo”. Seu equivalente grego é *hamartano*. A ideia é que o homem, ao errar o alvo, atinge outro lugar, o lugar errado. Essa palavra designa pecados morais, idolatria e pecados cerimoniais (*Ex 20.20; Jz 20.16; Pv 8.36; 19.2*);
2. **Ra** – Muitas vezes indica calamidade e frequentemente é traduzido como “mal” ou “perverso”. Pode indicar algo moralmente errado (*Gn 3.5; 38.7; Jz 11.27*). O texto de Isaías 45.7 é controverso quanto ao sentido entre calamidade e mal, cuja interpretação mais aceita é calamidade ou “mal punitivo”;
3. **Pecha** – “Rebelar”, “transgredir” ou “revoltar” (*1Rs 12.19; 2Rs 3.5; Sl 51.13; Is 1.2*);
4. **Aon** – “Iniquidade” ou “culpa” (*1Sm 3.13; Is 53.6; Nm 15.30-31*);
5. **Shagah** – “Errar” ou “extraviar-se” como uma ovelha ou um bêbado (*Is 28.7; Nm 15.22*);
6. **Asham** – Significa “culpado”, tem a ideia de “culpa perante Deus” e aparece muito em rituais no tabernáculo e no templo (*Lv 4.13; 5.2-3*);
7. **Rasha** – “Perverso” ou “impiedade”, o contrário de justiça (*Ex 2.13; Sl 9.16; Pv 15.9; Ez 18.23*);
8. **Taah** – “Vaguear” ou “extraviar-se”. Indica pecado deliberado, não incidental (*Nm 15.22; Sl 58.3; 119.21; Is 53.6*).

Com o estudo dessas palavras hebraicas podemos chegar a estas conclusões sobre o pecado:

- a) O pecado pode assumir muitas formas e cada homem podia estar ciente da forma particular do seu pecado;
- b) O pecado é aquilo que contraria uma norma e, por fim, acaba sendo desobediência a Deus;
- c) A desobediência envolve tanto a omissão como o erro deliberado. O pecado também não é apenas errar o alvo, mas acertar o lugar errado.

B) NO NOVO TESTAMENTO

1. **Kakós** – Significa “algo ruim”. Pode referir-se a um mal físico, mas normalmente indica um mal moral (*Mt 21.41; Mc 7.21; At 9.13; Rm 12.17*);
2. **Ponerós** – Termo básico para mal e quase sempre indica mal moral (*Mt 7.11; Rm 12.9*). Também é usado para referir-se a Satanás (*Mt 13.19,38; 1Jo 2.13-14*). Demônios também são chamados de “espíritos malignos” (*Lc 11.26; At 19.12*);
3. **Asebês** – Significa “ímpio” e designa aqueles que não foram salvos (*Rm 4.5; 5.6; 1Tm 1.9; 1Pe 4.18*);
4. **Énochos** – “Réu” ou “culpado” e geralmente denota alguém que pratica um crime passível de morte (*Mt 5.21-22; Mc 14.64; 1Co 11.27; Tg 2.10*);
5. **Hamartia** – Palavra mais usada para falar de pecado. Significa “errar o alvo”. No NT quase sempre ocorre no contexto que fala de perdão ou de salvação (*Mt 1.21; Jo 1.29*). Outras referências úteis são *Rm 5.12; 1Co 15.3; e Tg 1.15*;
6. **Adikía** – Em sentido amplo se refere a qualquer conduta errada. É usado para falar de pessoas não salvas (*Rm 1.18*), dinheiro (*Lc 16.9*) e ações (*2Ts 2.10*);
7. **Anomos** – Significa “sem lei” e é frequentemente traduzido como “transgressão” ou “iniquidade” (*Mt 13.41; 24.12; 1Tm 1.9*);
8. **Parabátes** – “Transgressor” e é usada quando há violações específicas da lei (*Rm 2.23; Gl 3.19; Hb 9.15*);
9. **Agnoema** – Se refere ao adorador que pratica uma adoração falsa, o que o torna culpado e necessitado de um sacrifício (*At 17.23; Rm 2.4; Hb 9.7*);
10. **Planáo** – “Desgarrar” (*1Pe 2.25*), levar alguém para um caminho mau (*Mt 24.5-6*) e enganar-se a si mesmo (*1Jo 1.8*).
11. **Paraptôma** – A ideia dessa palavra é de “cair ao lado de”, na maioria das vezes de modo deliberado. Com frequência é traduzida como “ofensa” (*Mt 6.14; Rm 5.15-20; Gl 6.1*);
12. **Hypókrisis** – Incorpora três ideias: “interpretar falsamente”, como faria um oráculo; “fingir”, como faria um ator; e “seguir uma interpretação” reconhecidamente falsa (*1Tm 4.2*).

O estudo dessas palavras gregas nos leva a algumas conclusões sobre o pecado:

- a) Sempre existe um padrão claro contra o qual o pecado é cometido;
- b) No final de tudo, o pecado é uma rebelião contra Deus e uma transgressão de seus padrões;
- c) O mal pode assumir muitas formas;
- d) A responsabilidade do homem é entendida de forma clara e definitiva.

Estudo 19 - O Pecado nos Ensinos de Cristo

A *Bíblia* utiliza muitas palavras, tanto em hebraico como em grego, para definir o conceito de pecado:

A) ALGUNS PECADOS ESPECÍFICOS

1. **Sacrilégio** (*Mc 11.15-18*) – “Uso profano de pessoa, lugar ou objeto sagrado” (*Dic. Aurélio*);
2. **Hipocrisia** (*Mt 23.1-36*)
 - Não praticavam o que pregavam (1-4);
 - Buscavam exaltar a si mesmos (5-12);
 - Fugiam de seus juramentos, tentando estabelecer diferenças entre jurar pelo santuário ou pelo ouro do santuário (16-22);
 - Davam o dízimo, mas não faziam o que era justo (23);
 - Externamente pareciam justos, mas seus interiores eram hipócritas (25).
3. **Avareza** (*Lc 12.15*);
4. **Blasfêmia** (*Mt 12.22-37*);
5. **Transgressão da Lei** (*Mt 15.3-6*);
6. **Orgulho** (*Mt 20.20-28; Lc 14.7-11*);
7. **Pedra de tropeço** (*Mt 18.6*);
8. **Deslealdade** (*Mt 8.19-22*);
9. **Imoralidade** (*Mt 5.27-32*);
10. **Ausência de frutos** (*Jo 15.16*);
11. **Ira** (*Mt 5.22*);
12. **Pecados com palavras** (*Mt 5.33-37; 12.36*);
13. **Exibicionismo** (*Mt 6.1-18*);
14. **Falta de fé** (*Mt 6.25*);
15. **Mordomia irresponsável** (*Mt 25.14-30; Lc 19.11-27*);
16. **Falta de oração** (*Lc 18.1-8*).

B) ALGUMAS CATEGORIAS DE PECADO

1. **Violações da Lei Mosaica** (*Mc 7.9-13*);
2. **Pecados abertos** (apesar de todos os pecados incorrerem em culpa, há pecados mais graves – *Mt 7.1-5; 12.22-37; 21.33-46; Jo 19.11*);
3. **Atitudes internas erradas** (*Lc 12.13-15; Mt 20.20-22*);
4. **Fermento**
 - a) dos fariseus (*Mt 23.14,26,29; Mc 8.15; Lc 12.1*);
 - b) dos saduceus (*Mt 16.6*);
 - c) dos herodianos (*Mc 8.15*).

C) ALGUMAS ORIGENS DO PECADO

1. **Satanás** (*Mt 12.26; 13.19,39; Jo 8.44; 12.31*);
2. **O mundo** (*Jo 15.18-19*);
3. **O coração** (*Mt 15.19*).

D) A UNIVERSALIDADE DO PECADO

Jesus afirmou que somente Deus é bom e que nenhum ser humano pode ser considerado bom (*Mt 19.17*). Ele também declarou que até seus discípulos escolhidos eram maus (*Lc 11.13*).

E) ALGUMAS CONSEQUÊNCIAS DO PECADO

1. Afeta nossa vontade (*Jo 8.44; Lc 4.18*);
2. Afeta os outros (*Lc 15.20; 20.46-47*).

F) O PERDÃO DO PECADO

1. As bases do perdão são o Senhor Jesus (*Jo 1.29*) e sua obra na cruz (*Mt 20.28; 26.28*);
2. Uma das consequências do perdão é que os que são perdoados devem também perdoar os outros (*Mt 6.14-15; 18.21-35; Lc 17.3-4*).

Estudo 20 - O Pecado Herdado

A) DEFINIÇÃO

Pecado herdado é o estado pecaminoso em que nascem todas as pessoas. Herdam tal realidade dos próprios pais. É também chamado de pecado transmitido, natureza pecaminosa e pecado original.

B) A EVIDÊNCIA NAS ESCRITURAS

1. Somos por natureza “filhos da ira” (*Ef 2.3*);
2. Não adquirimos essa condição durante a vida, mas somos concebidos com ela (*Sl 51.5*);
3. Todos os homens estão debaixo dessa realidade que cega (*2Co 4.4*), obscurece o entendimento e torna o homem alheio a Deus (*Ef 4.18*), corrompe a consciência e as emoções (*Rm 1.21,24,26; Tt 1.15*) e aprisiona a vontade fazendo o homem se opor a Deus (*Rm 6.20; 7.20*).

C) DEPRAVAÇÃO TOTAL

A *Bíblia* demonstra que o homem é “totalmente depravado”. Depravação, no caso, significa perversão ou corrupção. Essa realidade é muito ampla e atinge:

- a) Todos os aspectos da vida humana;
- b) Todas as pessoas.

O conceito da depravação total “não significa” que:

- a) Toda pessoa demonstra sua depravação de maneira tão completa quanto poderia;
- b) Os pecadores não têm consciência ou “indução natural” a respeito de Deus;
- c) Os pecadores incorrerão em “todas” as formas de pecado;
- d) As pessoas não fazem coisas boas aos olhos dos outros.

Com certeza, a depravação total “significa” que:

- a) A corrupção se estende a todos os aspectos e faculdades da vida humana;
- b) Não existe nada, em pessoa alguma, que faça com que ela seja aceita por um Deus justo.

D) AS PENALIDADES LIGADAS AO PECADO HERDADO

A morte é a penalidade do pecado herdado e ela se acha presente nos pecadores enquanto estão vivos (*Ef 2.1-3*) e se perpetua depois da morte física se o pecador não é regenerado pela fé (*Ap 20.11-15*).

E) A TRANSMISSÃO DO PECADO HERDADO

O pecado herdado é transmitido de uma geração para outra, assim como a parte física, por geração natural. Todo novo ser humano nasce com as características dos seus progenitores, incluindo sua natureza de pecado (*Gn 5.3; Sl 51.5; Rm 5.12*).

F) O REMÉDIO PARA O PECADO HERDADO

- a) Libertação da escravidão do pecado “fazendo morrer nossa antiga natureza” (*Rm 6.18; Gl 5.24*);
- b) Liberdade completa por meio da ressurreição (*1Co 15.42*).

G) ALGUNS ATAQUES A ESSA DOUTRINA

- a) **Pelagianismo** – Baseado no fato de Deus dar ordem ao homem de “ser santo”, nega que isso seja impossível ao homem e, conseqüentemente, nega a depravação total ensinando que o homem pode viver sem pecar;

- b) **Semipelagianismo** – Ensina que o homem retém certa medida de liberdade segundo a qual pode cooperar com Deus. A vontade do homem foi enfraquecida e sua natureza afetada pela queda, mas não é totalmente depravada. Na regeneração o homem escolhe Deus, que, depois, acrescenta sua graça. É a posição da Igreja Católica Apostólica Romana;
- c) **Arminianismo** – Ensina que o homem não é totalmente depravado, que tem capacidade de fazer o bem e de se conformar à vontade de Deus em sua vida para ser perfeito e que a vontade humana é uma das causas da regeneração. Diz que a graça é dada a todos;
- d) **Neo-ortodoxia** – Nega que o relato da queda (*Gn 3*) seja o de um evento histórico literal, cancelando o vínculo entre a humanidade e Adão e negando, com isso, o pecado original e a própria queda da raça.

Estudo 21 - A Imputação do Pecado

A) DEFINIÇÃO

Imputar significa atribuir, identificar ou entregar algo a alguém. O aspecto central desse conceito não é a mera influência, mas o envolvimento. No caso do pecado, trata-se da “culpa do pecado”.

O AT contém vários exemplos do conceito de imputação (*Lv 17.4; 1Sm 22.15; Sl 32.2*). O NT apresenta o mesmo conceito (*Tg 2.23; 2Co 5.19*).

B) TRÊS IMPUTAÇÕES BÁSICAS

1. A imputação do pecado de Adão à raça humana (*Rm 5.12-21*);
2. A imputação do pecado do homem a Cristo na cruz (*2Co 5.19; 1Pe 2.24*);
3. A imputação da justiça de Cristo aos cristãos (*2Co 5.21*).

C) A TRANSMISSÃO DO PECADO IMPUTADO

Ele é transmitido diretamente de Adão para cada pessoa de cada geração. Isso difere da transmissão do pecado herdado (natureza pecaminosa) que é transmitido de pai para filho.

D) O REMÉDIO PARA O PECADO IMPUTADO

O remédio é a justiça imputada de Cristo, a qual é recebida no momento em que a pessoa crê. A morte que deriva do pecado (*Rm 5.12*) é anulada por Cristo aos que creem (*Rm 5.15-21*).

Estudo 22 - Os Pecados Pessoais

A) DEFINIÇÃO

São os atos de pecados que os homens cometem e que são contrários aos ensinamentos de Deus e ao próprio Deus.

Forma uma tríade juntamente com o pecado herdado e o pecado imputado da seguinte forma:

1. **A natureza pecaminosa** (pecado herdado);
2. **Os atos de pecado** (pecados pessoais);
3. **A culpa pelo pecado** (pecado imputado).

B) ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DOS PECADOS PESSOAIS

1. **Universalidade** – Todos cometem pecados (*Rm 3.9-10,23*);
2. **Abrangência** – São pecados não apenas aqueles que podem ser vistos, mas também aqueles que são cometidos em pensamentos (*Mt 5.27,28; Cl 3.5,6*). Além disso, pecados por omissão são tão errados quanto aqueles que são realizados (*Tg 4.17*);
3. **Classificação** – Há diferença de gravidade entre classes diferentes de pecado. Jesus disse que o pecado de Caifás era pior do que o de Pilatos (*Jo 19.11*). O AT trata de forma diversa pecados cometidos por ignorância (*Lv 4.22-24*) de pecados de rebeldia, chamados de “atrevimento” (*Nm 15.30,31*). Níveis de conhecimentos diferenciados da vontade de Deus produzem pecados com consequências diferentes (*Lc 12.47,48*). A *Bíblia* também se refere a um pecado imperdoável (*Mt 12.31,32*) e pecados que são para morte (*1Jo 5.16*).

C) A TRANSMISSÃO DOS PECADOS PESSOAIS

Os pecados pessoais não são transmitidos de uma pessoa ou de uma geração para outra. Cada pessoa comete seus próprios pecados e é responsável por eles.

D) O REMÉDIO PARA OS PECADOS PESSOAIS

O remédio é o perdão. Para os crentes, o perdão de Cristo cobre toda a culpa pelos pecados (*Ef 1.7*) e restaura o bom relacionamento e a comunhão com Deus e com a Igreja (*1Jo 1.9*). Para o incrédulo, o perdão traz salvação e libertação das penalidades do pecado (*Rm 8.1*).

Estudo 23 - O Cristão e o Pecado

Um problema difícil para o cristão é o fato de, apesar de salvo, continuar pecador. O vislumbre da impossibilidade de pecar pode gerar um de dois erros: o perfeccionismo ou o antinomismo.

O **perfeccionismo** ensina que o cristão não deve nunca mais pecar e crê ser possível viver sem pecado.

Assim, coloca uma carga insustentável sobre os crentes de modo a desprezar a graça de Deus. O

antinomismo é o relaxamento do padrão de santidade sob a desculpa de que, já que não se pode deixar de pecar, é bobagem lutar contra o pecado, de modo a desprezar a santidade de Deus. Essas duas opções levam à escravidão e à libertinagem, respectivamente. O correto é que o cristão ande na luz (*1Jo 1.7*) desfrutando tanto da transformação da vida regenerada, como do perdão do Salvador.

A) OS INIMIGOS DO CRISTÃO

1. **O mundo** – Refere-se ao sistema de vida mundano patrocinado por Satanás, do qual o cristão foi retirado (*Gl 1.4; Ef 2.2*). Várias são as informações contidas na *Bíblia* sobre como o cristão pode se defender do mundo:
 - a. A armadura de Deus (*Ef 6.13-18*).
 - b. O conhecimento das estratégias de Satanás (*2Co 2.11*).
 - c. A vigilância (*1Pe 5.8*).
2. **A carne** – Refere-se à pecaminosidade que há em cada um, a qual produz obras más (*Gl 5.19*), é caracterizada por paixões e concupiscências (*1Jo 2.16*) e pode escravizar o cristão (*Rm 7.25*). O modo de combater essa tendência ao pecado é a negação pessoal (*Gl 5.24*) e a dependência do Espírito para realizar obras contrárias às da carne (*Gl 5.22-23*).
3. **O Diabo** – Satanás é o grande inimigo dos cristãos. Ele é perigoso, pois possui estratégias muito bem planejadas (*2Co 2.11; Ef 6.11*), é persistente na busca de ocasiões de atacar (*1Pe 5.8*) e é poderoso (*Ef 6.12*).

B) PENALIDADES PELO PECADO

1. **Para o ímpio** – O ímpio que morre sem o perdão dos seus pecados sofrerá o tormento eterno no lago de fogo (*Ap 20.15*).
2. **Para o cristão pecador** – Quando o cristão peca, há a perda de comunhão com Deus e com a igreja (*1Jo 1.3,6,7*) e de alegria (*Jo 15.10,11*). Além disso, quando o crente peca, ele anda na escuridão (*1Jo 2.10,11*) e tem a oração focada na vontade de Deus (*1Jo 3.21,22*).
3. **Para o cristão que persiste no pecado** – Os cristãos que persistem em viver no pecado de maneira contínua podem ser disciplinados por Deus (*Hb 12.5-11*), excluídos da comunhão da igreja (*Mt 18.17; 1Co 5.1-5,13; 1Tm 1.20*) e até sofrerem consequências maiores como doenças e morte (*1Co 11.30*).

C) A PREVENÇÃO DO PECADO

1. **A Palavra de Deus** – As *Escrituras*, quando aprendidas e memorizadas, nos ajudam a lutar contra o pecado (*Sl 119.11*).
2. **A intercessão de Cristo** – Jesus, que intercede pelos crentes (*Rm 8.34; Hb 7.25*), demonstrou ter interesse em nos ajudar a lutar contra o pecado, intercedendo por nós também nesse aspecto (*Lc 22.32; Jo 17.15*).
3. **A habitação do Espírito Santo** – O Espírito Santo habita em cada cristão ajudando-o a combater o mal. Ele exerce uma atividade instrutiva sobre os filhos de Deus (*Jo 14.26*). Pelo ensino é possível ao crente discernir entre o bem e o mal, entre a verdade e o erro (*Hb 5.14*). Além disso, uma ótima maneira de lutar contra o mal é fazer o bem, de modo que o Espírito Santo capacita o cristão a fazer o bem (*1Co 12.4-7; Gl 5.22-23*).

D) O REMÉDIO PARA O PECADO

O remédio para o pecado é a confissão (*1Jo 1.9*). Isso não significa simplesmente mencionar uma lista de pecados, mas se arrepender deles e deixá-los.

Estudo 24 - O Desvio Espiritual

Definição: é um lapso temporário de descrença ou pecado, depois de uma conversão espiritual genuína. As relações de fidelidade e comunhão com Deus são cortadas.

1- SENTIDO BÍBLICO

AT – O sentido básico é o de “negligenciar a lei de Deus”, “quebrar a aliança”, “deixar de manter o relacionamento obediente com Deus” (*Dt 9.16; Jz 2.16-17*). Tem íntima ligação com a quebra da lei.

NT – Representa um deslocamento do amor dedicado a Deus para outro objeto, o qual se torna mais amado que o Senhor. Tem íntima ligação com a negligência de amor a Deus e aos homens.

Alguns exemplos:

- a) Os discípulos (*Mt 26.56*).
- b) Pedro (*Mt 26.69-74*).
- c) Demas (*2Tm 4.10*).
- d) Os crentes coríntios (*2Co 12.21*).
- e) As igrejas da Ásia (*Ap 2.4, 14-15, 20*).

2- FATORES QUE LEVAM AO DESVIO ESPIRITUAL

- a) Ausência de líderes espirituais - *Ex 32.1,8; Pv 11.14*.
- b) Más associações - *1Rs 11.4*.
- c) Superficialidade - *Lc 8.3*.
- d) Vida desocupada - *2Sm 11.1-4; Lc 11.24-26*.
- e) Amor ao mundo - *2Tm 4.10*.

3- CONSEQUÊNCIAS DO DESVIO ESPIRITUAL

- a) Desagrada ao Senhor - *Sl 78.57,59; Hb 10.38*.
- b) Entristece o Espírito Santo - *Ef 4.30*.
- c) Perda da alegria da salvação - *Ap 2.4*.
- d) Tristeza de coração - *Lv 26.16*.
- e) Castigo de Deus - *Jr 2.19; Os 5.5*.
- f) Morte física - *Jr 5.5-6*.

4- COMO RETORNAR DO DESVIO ESPIRITUAL

- a) Arrepende-se - *Ap 2.5*.
- b) Pedir perdão - *Jr 3.13-14; 1Jo 1.9*.
- c) Abandonar o pecado - *Jo 5.14; Jo 8.11*.
- d) Voltar a servir a Deus - *Ap 2.5*.

5- FATORES QUE IMPEDEM O DESVIO ESPIRITUAL

- a) Permanência em Cristo - *Jo 15.3-7*.
- b) Vigilância - *Mt 26.41; 1Co 10.12*.
- c) Oração constante - *Ef 6.18; 1Tm 5.5-7*.
- d) Manutenção de uma boa consciência - *At 24.14-16; 1Tm 1.19*.

Estudo 25 - O Cristo Pré-Encarnado

A doutrina da Pessoa de Cristo (Cristologia) é crucial para a fé cristã. É básica para a soteriologia, pois, se nosso Senhor não era quem afirmava ser, então, seu sacrifício foi deficiente, não sendo suficiente para pagar pelos pecados da humanidade.

1- A PREEXISTÊNCIA DO CRISTO PRÉ-ENCARNADO

A. O significado da preexistência de Cristo

Significa que Jesus existia antes de nascer como homem, antes mesmo até da criação do tempo. É um conceito paralelo, mas distinto da “eternidade”.

B. A importância da doutrina da preexistência de Cristo

- a) **No nascimento** – Se Cristo veio a existir em seu nascimento, então, não existe uma Trindade eterna;
- b) **Na divindade** – Se Cristo não era preexistente, então, não poderia ser Deus;
- c) **Nas declarações** – Se Cristo não era preexistente, ele mentiu a respeito de quem ele era e, conseqüentemente, possivelmente teria mentido também sobre outros assuntos.

C. As evidências da preexistência de Cristo

- a) **Sua origem celestial** – Versículos se referem à existência de Cristo antes do nascimento (*Jo 3.13,31*);
- b) **Sua obra na criação** – Cristo estava envolvido na obra da criação, sendo anterior a ela (*Jo 1.3; Cl 1.16; Hb 1.2*);
- c) **Seu relacionamento com Deus** – A *Bíblia* afirma que Jesus tem a mesma natureza de Deus (*Jo 10.30; Fp 2.6*) e que possuiu a mesma glória do Pai antes de o mundo existir (*Jo 17.5*);
- d) **Seu relacionamento com João Batista** – João Batista reconhece a existência de Jesus antes de ele vir a existir, mesmo tendo ele nascido antes do Jesus encarnado (*Jo 1.15,30*).

2- A ETERNIDADE DO CRISTO PRÉ-ENCARNADO

A. O significado da eternidade de Cristo

Jesus sempre existiu, eternamente. A eternidade e a preexistência andam sempre unidas, apesar de Ário ter afirmado a preexistência de Cristo e negado sua eternidade, ponto de vista defendido atualmente pelas Testemunhas de Jeová.

B. A importância da doutrina da eternidade de Cristo

Se a eternidade do Verbo é negada, então: (a) não existe Trindade; (b) Cristo não possui divindade absoluta; (c) ele mentiu.

C. As evidências da eternidade de Cristo

- a) **A essência de Cristo** – Cristo é da mesma essência de Deus (*Hb 1.3*);
- b) **Os profetas** – Os profetas anunciaram a eternidade de Cristo (*Is 9.6; Mq 5.2; veja Hc 1.12*);
- c) **A declaração de Cristo** – Cristo afirmou sua existência eterna (*Jo 8.58*);
- d) **A declaração de João** – O evangelista João claramente afirmou a eternidade do verbo (*Jo 1.1*).

Estudo 26 - A Encarnação de Cristo

1- O SIGNIFICADO

Significa que a segunda pessoa da Trindade, que não possuía a natureza humana, se fez homem (*Jo 1.14; 1Jo 4.2; 2Jo 7*).

2- AS PROFECIAS DA ENCARNAÇÃO

A. Sobre o Deus-homem

Isaías anunciou a união da Deidade e da humanidade no Senhor (*Is 9.6*). Ele fez o mesmo ao anunciar, pelo nome Emanuel (Deus conosco), a presença de Deus entre seu povo na pessoa do menino que nasceria (*Is 7.14*).

B. Sobre o nascimento virginal

Em *Is 7.14* está predita a encarnação por meio de uma virgem.

3 - OS PROPÓSITOS DA ENCARNAÇÃO

- a) **Revelar Deus a nós** (*Jo 1.18; 14.7-11; Hb 1.3*);
- b) **Prover um sacrifício efetivo pelo pecado** (*Hb 10.1-10*);
- c) **Cumprir a aliança davídica** (*Lc 1.31-33 cf. 2Sm 7.11,16*);
- d) **Dar exemplo de vida** (*1Pe 2.21; 1Jo 2.6*);
- e) **Destruir as obras do diabo** (*1Jo 3.8*);
- f) **Ser um sumo sacerdote misericordioso** (*Hb 4.14-16*).

Estudo 27 - A Pessoa do Cristo Encarnado

1- A FÓRMULA DE CALCEDÔNIA (451 A.D.)

“Fiéis aos santos pais, todos nós, perfeitamente unânimes, ensinamos que se deve confessar um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, perfeito quanto à humanidade, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, constando de alma racional e de corpo; consubstancial ao Pai segundo a divindade, e consubstancial a nós segundo a humanidade; em todas as coisas semelhante a nós excetuando o pecado, gerado, segundo a divindade, antes dos séculos pelo Pai e, segundo a humanidade, por nós e para a nossa salvação, gerado da virgem Maria, mãe de Deus. Um só e mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigênito, que se deve confessar, em duas naturezas, inconfundíveis, imutáveis, inseparáveis e indivisíveis. A distinção de naturezas de modo algum é anulada pela união, mas, pelo contrário, as propriedades de cada natureza permanecem intactas, concorrendo para formar uma só pessoa e subsistência; não dividido ou separado em duas pessoas, mas em um só e mesmo filho Unigênito, Deus Verbo, Jesus Cristo Senhor, conforme os profetas outrora a seu respeito testemunharam, e o nosso mesmo Jesus Cristo nos ensinou e o credo dos pais nos transmitiu.”

2 - A DIVINDADE ABSOLUTA DO CRISTO ENCARNADO

- A) Ele possui atributos divinos como eternidade (*Jo 8.58; 17.5*), onisciência (*Lc 6.8*), onipotência (*Mt 28.18; Jo 11.38-44*) e imutabilidade (*Hb 13.8*);
- B) Ele faz o que somente Deus é capaz de fazer, como perdoar pecados (*Mc 2.1-12*), dar vida (*Jo 5.21*), ressuscitar os mortos (*Jo 11.43*) e julgar todas as pessoas (*Jo 5.22,27*);
- C) Ele recebeu nomes e títulos divinos, como “Filho de Deus” (*Jo 10.36*), “Senhor” (*Mt 22.43-45; Rm 10.9,13*), “Deus” (*Jo 1.1; 20.28; Hb 1.8*) e “Rei dos reis e Senhor dos senhores” (*Ap 19.16*);
- D) Ele afirmou ser Deus (*Jo 10.30*).

3 - A PERFEITA HUMANIDADE DO CRISTO ENCARNADO

- A) Ele possuía um corpo humano que cresceu e se desenvolveu (*Lc 2.52*) e chamava a si mesmo de homem (*Jo 8.40*);
- B) Ele estava sujeito às limitações e sentimentos de um ser humano, como fome (*Mt 4.2*), sede (*Jo 19.28*), cansaço (*Jo 4.6*), compaixão (*Mt 9.36*) e tristeza (*Jo 11.35*).

4 - A UNIÃO DA DIVINDADE E DA HUMANIDADE NO CRISTO ENCARNADO

A união das duas naturezas de Cristo é chamada de “união hipostática”. É um dos conceitos mais difíceis de se entender da teologia cristã.

- A) **O significado de “natureza”** – É um conjunto de atributos. Jesus mantinha todos os atributos divinos e todos os atributos de um perfeito ser humano;
- B) **O caráter da união** – As duas naturezas de Cristo estavam unidas, sendo inconfundíveis, imutáveis, indivisíveis e inseparáveis e formando uma única pessoa.
- C) **A comunhão dos atributos** – Os atributos das duas naturezas estavam presentes em uma só pessoa, sem misturar as naturezas ou dividir a pessoa. Isso nos ajuda a entender como Jesus era fraco, mesmo sendo onipotente, e limitado, mesmo sendo infinito.

Estudo 28 - As Funções do Cristo Encarnado

1 - CRISTO COMO PROFETA

- A) **A designação de Cristo como profeta** – O AT previa a atuação de Jesus como um profeta (Dt 18.15) e é identificado no NT como tal (At 3.22-24) e também como Rabi (Jo 1.38;3.2). O próprio Jesus afirmou ser um profeta (Mt 13.57; Mc 6.4; Lc 4.24 e 13.33; Jo 4.44) e entregava aos homens a mensagem de Deus assim como faziam os profetas (Jo 8.26; 12.49-50; 15.15; 17.8);
- B) **A atuação de Cristo como profeta** – Jesus proclamou a mensagem de Deus pela pregação e pelo ensino (Mt 4.17; 7.29). Para isso Jesus aproveitava as sinagogas (Mc 1.21) e ambientes ao ar livre quando não tinha um local fechado disponível (Mc 4.1). Sua pregação era repleta de ilustrações (Mt 24.40-41; Lc 15.4,8) e cheia de perguntas (Mt 22). Diferente da dos escribas e fariseus, sua pregação possuía autoridade (Mc 1.22);
- C) **A autenticação de Cristo como profeta** – A confirmação das profecias de Cristo mostra que de fato ele falava palavras verdadeiras que vinham de Deus, como ao prever que seria traído por alguém próximo (Mt 26.21), que seria entregue à morte pelos líderes dos judeus (Mt 16.21) e que morreria crucificado e ressuscitaria no terceiro dia (Mt 20.19).

2 - CRISTO COMO SACERDOTE

- A) **A ordem de Melquisedeque** – Jesus foi sacerdote da ordem de Melquisedeque (Hb 5.6,10; 6.20 cf. Sl 110.4). Isso não quer dizer que Melquisedeque era Jesus (Hb 7.3), mas que o sacerdócio de Jesus é superior ao sacerdócio levítico (Hb 7.4-19);
- B) **A atuação de um sacerdote** – Jesus, como sacerdote, atua na mediação entre os homens e Deus por meio de um sacrifício (1Tm 2.5-6; Hb 7.22-28).

3 - CRISTO COMO REI

- A) **A profecia** – Isaías profetizou o nascimento de uma criança que se estabelecerá no trono de Davi e reinará sobre ele (Is 9.7);
- B) **O anúncio** – Gabriel anunciou a Maria o que Isaías tinha profetizado (Lc 1.32-33);
- C) **A aclamação** – Jesus foi aclamado pelo povo como rei (Jo 12.13-15);
- D) **A declaração** – Jesus declarou ser rei (Mt 27.11).

Estudo 29 - O Autoesvaziamento de Cristo

1 – A ORIGEM DO CONCEITO

Essa questão está ligada à palavra derivada de **kenosis** contida em *Fp 2.7*.

“Antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana” (ARA).

“Mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens” (NVI).

“ἀλλὰ ἑαυτὸν ἐκένωσεν¹ μορφὴν δούλου λαβὼν, ἐν ὁμοιώματι ἀνθρώπων γενόμενος· καὶ σχήματι εὔρεθεις ὡς ἄνθρωπος” (Nestle-Aland Greek New Testament).

A pergunta é: “*Ele se esvaziou do quê?*”

- A) **Sínodo de Antioquia (341 A.D.)** – Afirmou que Cristo se esvaziou de “ser igual a Deus”, mas defendia a divindade absoluta de Cristo;
- B) **Reforma Protestante** – Discutiu se Cristo teria se esvaziado de seus atributos como onipotência, onipresença e onisciência sem, contudo, afetar sua divindade;
- C) **Teologia do século 18** – Alguns estudiosos afirmaram que Cristo se tornou menos que Deus.

2 – O VERDADEIRO SIGNIFICADO DESSE CONCEITO

A) A Passagem central

A passagem central da *kenosis* é *Fp 2.5-11*.

Almeida Revista e Atualizada (ARA)	Nova Versão Internacional (NVI)
⁵ Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, ⁶ pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; ⁷ antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, ⁸ a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. ⁹ Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, ¹⁰ para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, ¹¹ e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.	⁵ Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, ⁶ que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; ⁷ mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. ⁸ E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz! ⁹ Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, ¹⁰ para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, ¹¹ e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai.

B) A natureza original de Cristo

O v.6 apresenta Cristo antes da encarnação existindo em “*forma de Deus*”. A palavra grega μορφή (morphé) significa “natureza”, “forma visível”,² “forma”,³ “forma pela qual uma pessoa ou uma coisa atingem a visão”,

¹ Vem do verbo **κενῶω** que significa “esvaziar, tornar vazio, privar de força”. Está na terceira pessoa do singular e na voz ativa, a qual demonstra que a ação foi efetuada “por Cristo” e não “por outra pessoa em Cristo” (o que seria a voz passiva). O objeto dessa ação está presente na palavra precedente derivada de **ἑαυτοῦ** que significa “ele mesmo, a si mesmo”.

² SWANSON, J. *Dictionary of Biblical Languages with Semantic Domain: Greek (New Testament)* (electronic ed.). Oak Harbor: Logos Research Systems, Inc., 1997, (GGK3671).

“a aparência externa”,⁴ “a natureza ou o caráter de algo, com ênfase na forma interna e externa”.⁵ Em outras palavras, é a “substância de um ser ou de algo”.

A mesma palavra aparece em *Mc 16.12*. Nesse caso, a μορφή aponta para uma forma diferente da qual Jesus era comumente reconhecido. Entretanto, no caso de Deus que não tem uma forma corpórea, μορφή nos revela que Jesus é da mesma substância ou natureza de Deus. Jesus não existia na pré-encarnação como um ser que não fosse “exatamente Deus”.

C) O autoesvaziamento

Foi algo que o próprio Cristo impôs a si mesmo. O autoesvaziamento de Cristo envolve tudo que ele fez para morrer na cruz, incluindo assumir a forma de servo. Ao fazer isso, Jesus foi encontrado em figura humana (σχήμα – skema). Isso indica que ele tinha a aparência de um homem e uma vida como a de um homem. Assim, sendo completamente Deus, Jesus passou a ser em tudo como um homem, com exceção apenas do pecado. Sobre os conceitos de μορφή e σχήμα, Joseph B. Lightfoot escreveu:

“Sendo assim, que sentido nós devemos associar à ‘forma de Deus’, na qual nosso Senhor preexistia? Nas *Homilias de Clemente*, o apóstolo Pedro é representado como insistindo em passagens antropomórficas nas *Escrituras* e sustentando assim que Deus tem uma forma concreta (μορφή – morphé). Diante da objeção do seu oponente de que, se Deus tem uma forma (μορφή) deve ter também uma figura, uma aparência (σχήμα – skema), o apóstolo é forçado a responder aceitando a inferência: ‘Deus tem uma σχήμα; Tem os olhos e as mãos e os pés como um homem; não obstante, não tem nenhuma necessidade de usá-los’ (Clem. *Hom. xvii. 3,7,8*).

Não era essa a concepção do apóstolo Paulo com respeito a Deus. Ele não poderia falar nesse sentido sobre a μορφή, nem poderia falar nesse sentido sobre a σχήμα, daquele que é o ‘Rei dos reis e o Senhor dos senhores, o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver (*1Tm 6.15,16*)’.

Permanece então que μορφή deve aplicar-se aos atributos da divindade. Ou seja, é usado substancialmente no mesmo sentido que carrega na filosofia grega. Sugere a mesma ideia que é expressa de outra maneira em *João* por ὁ λόγος τοῦ θεοῦ (o Verbo de Deus), em escritores cristãos das épocas seguintes por υἱὸς θεοῦ ὢν θεός (o Filho de Deus que é Deus) e no *Credo Niceno* por θεός ἐκ θεοῦ (Deus de Deus).

Ao aceitar essa conclusão não é necessário supor que o apóstolo Paulo derivou conscientemente seu uso do termo de alguma nomenclatura filosófica. Havia especificidade suficiente, mesmo em seu uso popular, para sugerir esse sentido quando isso foi transferido dos objetos dos sentidos às concepções da mente.

Ainda que o apóstolo João tenha adotado λόγος (palavra) e o próprio apóstolo Paulo tenha adotado εἰκών (imagem) e πρωτότοκος (primogênito) da linguagem das escolas teológicas existentes, parece muito longe do improvável que a expressão análoga μορφή θεοῦ (forma de Deus) tenha sido derivada de uma fonte similar. As especulações dos judaísmos alexandrino e gnóstico formaram um meio pelo qual os termos filosóficos da Grécia antiga foram trazidos ao alcance dos apóstolos de Cristo.

Assim na passagem sob a consideração, o μορφή é contrastado com o σχήμα, como aquele que é intrínseco e essencial com aquele que é acidental e para fora. E as três cláusulas implicam respectivamente **a natureza divina verdadeira de nosso Senhor** (μορφή θεοῦ – ‘forma da Deus’), **a natureza humana verdadeira** (μορφή δούλου – ‘forma de servo’), e **o exterior da natureza humana** (σχήματι ὡς ἄνθρωπος – ‘figura humana’).⁶

³ STRONG, J. *The exhaustive concordance of the Bible*, (electronic ed.) Ontario: Woodside Bible Fellowship, 1996, (G3444).

⁴ THAYER *Greek-English Lexicon of the New Testament*, (Electronic edition). International Bible Translators (IBT), Inc., 2000, (3533).

⁵ LOUW, J.P.; NIDA, E.A. *Louw-Nida Greek-English Lexicon of the New Testament Based on Semantic Domains*, 2nd Edition, (electronic ed.). Edited by, New York: United Bible Societies, 1988, (58.2).

⁶ LIGHTFOOT, J.B. *St. Paul's Epistle to the Philippians*. Londres: Macmillian and Co., 1898, 132-133.

O autoesvaziamento de Cristo é o caminho que ele fez saindo da glória e majestade celestial e terminando essa jornada em humilhação e vergonha na cruz do Calvário. Nesse processo está inclusa a encarnação como meio de levá-lo à morte substitutiva.

Esse processo em nada afeta a divindade de Jesus, nem o uso dos seus atributos divinos. Em vez disso, o autoesvaziamento fez com que o verdadeiro Deus morresse em humilhação, na condição de um homem, para salvar homens perdidos.

Portanto, na *kenosis* Cristo se esvaziou e abriu mão de manter sua condição condizente com a divindade, ou seja, viver na glória celestial, e assumiu a humanidade para que pudesse morrer.

3 – TEORIAS FALSAS SOBRE A ‘KENOSIS’

A) Cristo abriu mão de alguns ou de todos os seus atributos divinos

Essa ideia não é sustentável por várias razões:

- Jesus, em carne, afirmou ser igual a Deus (*Jo 10.30*);
- Se Jesus passou a ser menos divino, houve então uma alteração na pessoa de Deus, conceito que colocaria a própria divindade em xeque, já que “Deus não muda” (*Tg 1.17*);
- O aspecto substitutivo da morte de Jesus exige que ele seja perfeito homem, ao mesmo tempo que os aspectos propiciatório (satisfez as exigências de Deus) e redentor (resgatou por meio de pagamento) da sua morte exigem que ele seja perfeito Deus a fim de sanar um débito das dimensões do próprio Deus.

B) Cristo parecia ser homem, pois disfarçava sua divindade

Cristo não disfarçou sua divindade. Ele apenas assumiu a humanidade. As *Escrituras* demonstram que a divindade podia ser reconhecida nele (*Jo 1.14; 14.9; Hb 1.3*).

Estudo 30 - A Impecabilidade de Cristo

1 – O SIGNIFICADO DA IMPECABILIDADE DE CRISTO

Impecabilidade significa que Jesus jamais fez qualquer coisa que desagradasse a Deus, que violasse a lei ou que tenha deixado de demonstrar a glória de Deus em sua vida (*Jo 8.29*).

2 – O TESTEMUNHO DA IMPECABILIDADE DE CRISTO

As *Escrituras* dão testemunho da vida sem pecado de Jesus. Ele foi chamado santo desde seu nascimento (*Lc 1.35*). Jesus desafiou seus inimigos a provarem que ele tinha pecado (*Jo 8.46*). Nada que Jesus falou pode acusar-lhe justamente (*Mt 22.15*). Ele guardava os mandamentos (*Jo 15.10*). Nos momentos em que precederam a crucificação foi declarado inocente onze vezes (*Mt 27.4,19,24,54; Lc 23.14,15,22,41; Jo 18.38; 19.4,6*). Paulo atestou a impecabilidade de Cristo (*2Co 5.21*), assim como Pedro (*1Pe 1.19; 2.22*); João (*1Jo 3.5*), o autor de *Hebreus* (*Hb 4.15; 7.26,27*).

3 – O DEBATE SOBRE A IMPECABILIDADE DE CRISTO

Há uma antiga discussão sobre a possibilidade ou não de Jesus cometer pecados em seu ministério terreno. O conceito de que Jesus não podia pecar se chama “impecabilidade” (*non posse peccare*) e o conceito de que ele podia pecar, mas não o fez se chama “pecabilidade” (*posse non peccare*).

Quem defende a pecabilidade de Cristo o faz com base na afirmação de que, se ele foi tentado, é porque poderia pecar; e, se isso não fosse possível, não poderia ser dito que a tentação foi real (um defensor desse ponto de vista é Charles Hodge). Quem rejeita essa ideia e defende a impecabilidade refuta argumentando que a impecabilidade não anula o ato da tentação assim como a impossibilidade de um couraçado ser vencido por uma jangada não invalida os ataques da minúscula embarcação. Segundo esse ponto de vista, a impecabilidade não depende da “ausência de tentação”, mas da “ausência de vontade de pecar” (um defensor desse ponto de vista é William Shedd).

4 – A NATUREZA DAS TENTAÇÕES DE CRISTO

A *Bíblia* afirma que Cristo foi tentado como um ser humano (*Hb 4.15*). A dificuldade de algumas linhas aceitarem isso é o fato de Tiago afirmar que Deus não pode ser tentado (*Tg 1.13*). Aparentemente, diante disso, ou Cristo não é Deus ou não foi tentado. Como nenhum teólogo conservador está disposto a atacar a divindade de Cristo, a discussão é sobre se Cristo foi ou não tentado e se ele podia ou não ceder à tentação. São dois debates distintos que se entrelaçam e repousam sobre os mesmos fundamentos.

As tentações de fato ocorreram e foram apropriadas ao Deus-homem, visto que um homem qualquer não é tentado a transformar uma pedra em pão. Mesmo assim, Jesus foi tentado à semelhança dos homens. Para melhor compreensão da natureza das tentações de Cristo, é bom comparar o texto de *1Jo 2.16* com *Mt 4.1-11*, onde é possível perceber que, apesar de Jesus não ter sido tentado com cada tentação do mundo (como ser tentado a assistir um mau programa de televisão), ele foi tentado em todas as áreas comuns ao ser humano.

5 – OS PROBLEMAS DO CONCEITO DA PECABILIDADE DE CRISTO

Várias implicações indesejáveis surgem da defesa da pecabilidade de Cristo:

- a) **A imutabilidade** – Se Cristo pudesse pecar, sua divindade estaria em xeque antes mesmo do pecado, pois não seria “imutável” (*Is 9.6; Mt 3.6; 2Tm 2.13; Hb 13.8*).
- b) **A soberania** – Se Cristo pudesse pecar, temos de levar em conta a real possibilidade de isso acontecer. Se Jesus acabasse por cometer um pecado, nem ele seria Deus (devido ao mal nele), nem o Pai seria soberano, pois ficaria patente que não tem poder para controlar a história e manter seus planos (*At 4.27,28*).
- c) **As profecias** – Caso Jesus cometesse algum pecado, a onisciência e a presciência de Deus não poderiam existir e todas as profecias sobre a obra de Cristo e a redenção dos homens

cairiam por terra. No caso de Cristo poder pecar e não fazê-lo, tais profecias não passariam de otimismo (*Mq 5.2; Is 53.6-9*). Também perderiam completamente o sentido todos os textos que falam de determinações prévias de Deus sobre os redimidos (*Mt 25.34; Ef 1.4*). Por fim, sem plena certeza de que tais prenúncios realmente aconteceriam, Deus seria enquadrado entre os mentirosos (*Tt 1.2; Hb 6.18*).

- d) **A confiabilidade da redenção** – Se Jesus pudesse realmente pecar, ser humano algum pode alguma vez ter uma justa confiança na redenção divina e ela correu o risco de falhar. Isso foge da clara esperança nas promessas de Deus (*Gn 12.3*).

Estudo 31 - A Ressurreição e a Ascensão de Cristo

A. A RESSURREIÇÃO DE CRISTO

1 – A importância da ressurreição de Cristo

- A ressurreição de Cristo confirmou a veracidade da sua palavra (*Mt 20.19; 28.6*), comprovando a credibilidade da sua obra;
- Possibilitou que Cristo, vivo, atuasse diante da igreja como sumo sacerdote (*Hb 4.15*), advogado (*1Jo 2.1*) e cabeça (*Ef 5.23*);
- Formou a base do evangelho que é pregado para a salvação dos pecadores (*1Co 15.3-8*), mediante o enfoque da justificação presente na ressurreição (*Rm 4.25*);
- Deu esperança à igreja a respeito do seu futuro (*1Co 15.13-19*).

2 – As evidências da ressurreição de Cristo

- Jesus apareceu para muitas pessoas depois de ressuscitar (*At 2.32*). Ele apareceu para as mulheres (*Mt 28.8-10*); para Pedro (*Lc 24.34; 1Co 15.5*), para os discípulos a caminho de Emaús (*Lc 24.13-32*), para os discípulos (*Jo 20.19-25*), para Tomé (*Jo 20.26-29*), para os discípulos no mar da Galileia (*Jo 21.1-24*), para Tiago (*1Co 15.7*), para mais de quinhentas pessoas de uma só vez (*1Co 15.6*) e para Paulo (*1Co 15.8*). Quando esses relatos foram escritos, a maioria dessas testemunhas estavam vivas e podiam ser consultadas sobre o evento, apontando para a veracidade dos relatos da ressurreição;
- A radical mudança de atitude e a visível determinação dos discípulos depois da ressurreição são grandes evidências de que algo muito marcante aconteceu. Compare *Mt 26.69-75* com *At 5.27-32*. Compare também *Jo 20.19* com *At 5.40-42*.

B. A ASCENSÃO DE CRISTO

1 – As declarações sobre a ascensão de Cristo

- No *Antigo Testamento* há duas referências (*Sl 68.18* cf. *Ef 4.8*; *Sl 110.1* cf. *At 2.34,35*);
- Jesus anunciou que iria para o Pai (*Jo 7.33; 14.12,28; 16.5,10,28*) e que ascenderia ao céu (*Jo 6.62; 20.17*);
- Lucas relata a ascensão de Cristo (*Lc 9.51; 24.51; At 1.6-11*);
- Os apóstolos falaram da ascensão (*Ef 4.10; 1Tm 3.16; Hb 4.14; 1Pe 3.22*) e do atual estado de exaltação (*Ci 3.1*).

2 – A descrição da ascensão de Cristo

- Jesus ascendeu aos céus estando ele e os discípulos sobre o Monte das Oliveiras (*At 1.12*), mais especificamente na vertente leste que fica para o lado de Betânia e não de Jerusalém (*Lc 24.50*);
- Jesus literalmente foi elevado gradualmente às alturas, à vista dos discípulos, até que uma nuvem o encobriu e ele não mais foi visto (*At 1.9*);
- Anjos surgiram e prometeram que Jesus voltaria corporal e visivelmente no futuro, assim como havia sido elevado à vista deles (*At 1.11*).

3 – O significado da ascensão de Cristo

A ascensão marcou o fim do ministério terreno de Cristo e da sua atuação humilhante como servo a fim de resgatar seu povo. Foi o início do seu ministério como cabeça da igreja e intercessor, além de ter iniciado o período de espera para sua volta gloriosa para julgar e reinar.

Estudo 32 - O Significado da Morte de Cristo

A morte de Cristo não tem apenas “um” significado teológico. Ela pode ser vista sob vários aspectos e promoveu diversos benefícios.

1 – A MORTE DE CRISTO FOI EM LUGAR DOS PECADORES

- A) **Conceito de expiação vicária** – Um sinônimo para essa expressão é “substituição penal”, de modo a significar que Cristo sofreu a punição do pecado de outros em lugar deles (1Pe 3.18);
- B) **Evidências da expiação vicária** – No AT esse conceito aparece na oferta de animais por pecados cometidos pelos ofertantes (Lv 5.6). Isaías expôs, de modo profético, o caráter expiatório e vicário da morte de Cristo (Is 53.5,6). No NT esse conceito é muito presente e é expresso com o auxílio da preposição **ἀντί** (*anti*) que significa “por”, “em vez de”, “em lugar de” (Mc 10.45; 1Tm 2.6) e da preposição **ὑπέρ** (*hyper*) que significa “por”, “em benefício de” (Jo 11.50,51; Rm 5.6-8; 2Co 5.21; Gl 3.13; Tt 2.14; 1Pe 3.18).

2 – A MORTE DE CRISTO FOI PARA A REDENÇÃO DOS PECADOS

- A) **Conceito de redenção** – Redenção significa “libertação mediante um pagamento”. Significa que Jesus pessoalmente libertou os seus do pecado pagando, por isso, com seu próprio sangue (Cl 1.13,14);
- B) **Evidência da redenção** – Esse conceito é expresso no NT com o auxílio das palavras: **ἀγοράζω** (*agorazo*), que tem o sentido de “comprar algo no mercado” – *o mercado se chamava “ágora”* – (1Co 6.19,20; 7.22,23; 2Pe 2.1; Ap 5.9,10), **ἐξαγοράζω** (*exagorazo*) que tem o sentido de “comprar e levar para fora do mercado” (Gl 3.13; 4.5), e **περιποιέω** (*peripoieo*) que significa “comprar”, “manter a salvo”, “preservar” (At 20.28).

3 – A MORTE DE CRISTO FOI PARA A RECONCILIAÇÃO DO HOMEM

Reconciliação significa “mudança de relacionamento”. Onde havia hostilidade, agora há paz e harmonia entre as partes, sejam os homens entre si (Mt 5.24; 1Co 7.11), sejam os homens e Deus (Rm 5.1-11; 2Co 5.18-21; Ef 2.16; Cl 1.20).

4 – A MORTE DE CRISTO FOI PARA A PROPICIAÇÃO DE DEUS

- A) **Conceito de propiciação** – Propiciação significa “tornar alguém favorável a outro”. Deus, que era inimigo do homem perdido e estava irado contra ele, se torna agora favorável ao homem e ao relacionamento com ele;
- B) **Evidências da propiciação** – A necessidade de Deus se tornar propício ao homem no processo da salvação é porque ele está “irado” em relação o pecador. Essa realidade fica nítida tanto no AT (2Rs 13.3; Jr 21.12; Ez 8.18) como no NT (Jo 3.36; Rm 1.18; Ef 2.3; 1Ts 2.16). A propiciação de Deus foi efetuada na cruz, ocasião em que Deus lançou sobre Jesus a ira e o castigo pelos pecados da igreja, desviando dela a ira do Senhor (Rm 3.25; Hb 2.17; 1Jo 2.2; 4.10).

Estudo 33 - Os Resultados da Salvação

Uma lista exaustiva de todas as consequências e benefícios advindos da salvação tornaria esse estudo extremamente extenso. Vamos alistar apenas alguns resultados da salvação em Cristo.

1 – JUSTIFICAÇÃO

- A) **O significado de justificação** – Justificar significa “declarar alguém justo”. Tanto em hebraico (קָדַשׁ) como em grego (δικαιώω) a ideia é de “anunciar” ou “pronunciar” alguém justo. Observe o contraste entre justificar e condenar em *Dt 25.1*; *1Rs 8.32*; e *Pv 17.15*;
- B) **O processo de justificação** – O Senhor declarou pecadores como “justos” ao fazê-los justiça de Deus em Cristo (*2Co 5.21*), dando a muitos o dom da justiça (*Rm 5.17,19*). Esse processo se dá em 5 passos (*Rm 3.21*):
1. **O plano (v.21)**: a obra de Cristo foi vista e anunciada pelos profetas, demonstrando o plano de Deus de justificar os pecadores por meio do seu Filho;
 2. **O pré-requisito (vv.22,23)**: a fé em Cristo é o único meio para a justificação;
 3. **O preço (vv.24,25)**: o preço pago pela justificação foi o sangue de Cristo;
 4. **A posição (v.24)**: quando alguém crê, essa pessoa está “em Cristo”, o que a torna justa;
 5. **O pronunciamento (vv.25,26)**: a justificação faz com que Deus se torne o justificador daqueles que ele declara justos.

2 – JULGAMENTO DA NATUREZA PECAMINOSA

- A) **O julgamento livra o crente do poder do pecado** – O poder do pecado está ligado à velha natureza do homem perdido. Pela fé, a morte de Cristo passa a ser nossa própria morte de modo que essa velha natureza é julgada e condenada (*justificação*, cf. *Rm 6.7*). O resultado é a certeza de que um dia essa velha natureza deixará de existir e a realidade de uma nova natureza já no presente.
- B) **O julgamento livra o crente do domínio do pecado** – O texto de *Rm 6.1-14* é claro ao demonstrar que o resultado da anulação do poder da velha natureza tem como resultado: a) o fim da escravidão do pecado que obrigava a pessoa a cometer pecados e servir a Satanás; e b) a possibilidade de andar em obediência a Deus, fugindo do pecado.

3 – COMUNHÃO FAMILIAR DO CRISTÃO

A morte de Cristo dá ao crente o privilégio de ter comunhão com a família de Deus (*1Jo 1.5-10*). Contudo, há duas condições para o desfrute dessa comunhão:

- a) Conformer-se ao padrão da luz;
- b) Confessar os pecados.

4 – FIM DA LEI

A morte de Cristo trouxe o “fim da Lei” (*Rm 10.4*). Esse texto pode ser interpretado de duas maneiras: a) Cristo pôs fim à Lei; b) Cristo cumpriu a Lei (cf. *Mt 5.17*). Apesar de Cristo ter, de fato, cumprido a Lei, o que Paulo tem em mente ao dizer que “o fim da Lei é Cristo” é no sentido de Cristo ter posto um fim definitivo ao conceito de “salvação por obras” para ficar claro que “a salvação gratuita é pela fé em Cristo” (*Rm 9.30-33*).

Uma dúvida que surge é “que lei foi finda em Cristo”. A lei em questão é a Lei Mosaica. Ela se divide basicamente em: lei moral, lei cerimonial e lei judicial. Apesar de haver quem defenda que Jesus aboliu apenas uma parte da Lei Mosaica, ela é uma unidade indivisível (*Tg 2.10*). Paulo inclui a própria lei moral no que ele chamou de “ministério da morte” (*2Co 3.7*).

O motivo da abolição da antiga Lei é que houve a introdução de um sacerdócio superior, implicando uma “mudança de sacerdócio” (*Hb 7.11,12*). Assim, apesar de os justos preceitos da Lei servirem de parâmetro

de conduta para o cristão guiado pelo Espírito Santo (*Mt 23.23; Rm 8.3,4*), de modo algum o cumprimento das suas cláusulas podem trazer justiça a quem quer que seja (*At 13.39; Rm 3.20; Gl 2.16*).

5 – ADOÇÃO

Adoção é o ato divino que integra os que creem em Cristo à família de Deus (*Jo 1.12*). Isso envolve o processo de “regeneração” (*Jo 3.3*).

Paulo fala de dois grupos que foram “adotados” por Deus:

- a) Israel como nação (*Rm 9.4 cf. Ef 4.22*). *Esse não é um aspecto em que a salvação eterna é pressuposta para cada membro do Israel étnico;*
- b) Cristãos como indivíduos (*Gl 4.5; Ef 1.5; Rm 8.15,23*).

Alguns resultados da adoção por meio da fé são:

- a) Sermos incluídos em uma família à qual não pertencíamos naturalmente (*Ef 1.5 cf. 2.3*);
- b) Libertação do antigo sistema de vida (*Gl 4.5*);
- c) Ter todos os direitos e privilégios de fazer parte da família de Deus (*Rm 8.17; Gl 4.7*).

Estudo 34 - A Expição de Cristo

1 – TEORIAS DA EXPIÇÃO

- A) **Resgate pago a Satanás (Orígenes – 185-254)** – A morte de Cristo satisfaz as acusações de Satanás contra o homem;
- B) **Recapitulação (Irineu – 130-202)** – Jesus viveu todos os estágios da vida humana revertendo o curso determinado por Adão. Sua obediência compensou a desobediência de Adão;
- C) **Satisfação (Anselmo de Cantuária – 1033-1109)** – A morte de Cristo foi o pagamento que satisfaz as exigências de Deus em vista da ofensa do pecado. Os méritos de Cristo são transferidos aos que creem;
- D) **Influência moral (Abelardo – 1079-1142)** – Não expiou pecados, mas demonstrou o grande amor de Deus a fim de gerar no homem um amor responsivo e uma mudança ética;
- E) **Exemplo (Fausto Socínio – 1539-1604)** – Não expiou pecados, mas revelou a fé e a obediência para um caminho de vida eterna a ser seguido pelos homens;
- F) **Neo-ortodoxa (Karl Barth – 1886-1968)** – A morte de Cristo foi, principalmente, a revelação do amor de Deus e seu ódio ao pecado;
- G) **Substituição penal (João Calvino – 1509-1564)** – Cristo, que não tinha pecado, tomou sobre si a penalidade que deveria ser imputada aos homens.

2 – A EXTENSÃO DA EXPIÇÃO

- A) **A questão** – Quando se fala em “extensão da expiação”, tem-se em mente responder a esta pergunta: “Quando Cristo morreu *ele o fez com a finalidade ou com o propósito de salvar somente os eleitos ou todos os homens?*”.
- B) **Os pontos de vista**
 - a. **Arminianos** – Defendem a expiação ilimitada, ou seja, a morte de Cristo fez expiação por “todos os homens”, de modo que uma graça suficiente é oferecida a todos. Há alguns calvinistas que, nesse particular, defendem o mesmo ponto de vista e se denominam “calvinistas de quatro pontos”,⁷ seguindo as ideias de Moisés Amyraut;
 - b. **Calvinistas** – Defendem a expiação limitada para as pessoas eleitas por Cristo para a salvação antes da fundação do mundo, fazendo pagamento especificamente por seus pecados a fim de justificá-los. Creem que a morte de Cristo tem suficiência em si para expiar o pecado de todos, mas o fez apenas em benefício dos eleitos.⁸
- C) **Textos que apresentam a ‘expiação limitada’**
 - a. **Mateus 26.28** (“Porque isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados”) *cf.* **Marcos 10.45** (“Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”);
 - b. **João 10.11,14-16** (“Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas... Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim, assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas. Ainda tenho outras ovelhas não deste aprisco a mim me convém conduzi-las elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor”) *cf.* **v.26** (“Mas vós não credes, porque não sois das minhas ovelhas”);
 - c. **Atos 20.28** (“Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue”);
 - d. **Efésios 5.25** (“Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela”);

⁷ O Calvinismo defende cinco pontos: “Depravação total do homem”, “eleição incondicional”, “graça irresistível”, “expiação limitada” e “preservação dos santos”.

⁸ Deve-se notar que essa questão está diretamente relacionada com a doutrina da “eleição” e que ela **obrigatoriamente** irá influenciar as doutrinas sobre a morte e o sacrifício de Cristo.

- e. **1Pedro 1.18-20** (“Sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo, conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de vós”).

D) Dificuldades de interpretação das palavras ‘todo’ e ‘mundo’

- a. **Romanos 5.18** (“Pois assim como, por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida”) *cf.* **v.17** (“Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo”);
- b. **Tito 2.11** (“Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens”) *cf.* **Tito 2.14** (“O qual a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras”);
- c. **2Pedro 2.1** (“Assim como, no meio do povo, surgiram falsos profetas, assim também haverá entre vós falsos mestres, os quais introduzirão, dissimuladamente, heresias destruidoras, até ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição”);
- d. **1João 2.2** (“E ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro”) *cf.* **1João 5.19** (“Sabemos que somos de Deus e que o mundo inteiro jaz no Maligno”); **João 11.51-52** (“Ora, ele não disse isto de si mesmo; mas, sendo sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus estava para morrer pela nação e não somente pela nação, mas também para reunir em um só corpo os filhos de Deus, que andam dispersos”); **Apocalipse 5.9-10** (“E entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a Terra”); **João 3.16-18** (“Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele. Quem nele crê não é julgado o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus”);
- e. **Jo 12.32** (“E eu, quando for levantado da Terra, atrairei todos a mim mesmo”); **Rm 11.32** (“Porque Deus a todos encerrou na desobediência, a fim de usar de misericórdia para com todos”); **1Co 15.22** (“Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo”); **Hb 2.9** (“Vemos, todavia, aquele que, por um pouco, tendo sido feito menor que os anjos, Jesus, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem”) *cf.* **2Co 5.14-15** (“Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou”).

Estudo 35 - A Aplicação da Salvação

1 – O CONVENCIMENTO

O convencimento é realizado pelo Espírito Santo (*Jo 16.8-11*). Não é o mesmo que conversão, mas é a ação do Espírito Santo a fim de convencer o perdido do seu pecado (atividade similar à recomendada em *Mt 18.15*).

O objeto do convencimento é o “pecado”, a “justiça” e o “juízo”. Como consequência, o homem percebe que é pecador, que Jesus é Deus e santo e que haverá punição caso não se reconcilie com o Senhor.

2 – O CHAMADO

- A) **Chamado geral** – Em certo sentido, Deus chama toda a humanidade para vir a ele (*Jo 7.37*). Esse chamado, contudo, não tem nem o poder e nem a intenção de atrair e converter todos os que são chamados, mas apenas os eleitos (*Mt 22.14* e *Lc 14.16-24*).
- B) **Chamado efetivo** – Esse é o chamado feito apenas aos eleitos de modo a convertê-los. Esse chamado, pela soberania de Deus e segundo sua graça irresistível, sempre é seguido pela fé e pela salvação (*Rm 8.30* e *1Co 1.2*). É um chamado realizado por meio da *Palavra* (*Rm 10.17*) convidando para a comunhão (*1Co 1.9*), para a luz (*1Pe 2.9*), para a liberdade (*Gl 5.13*), para a santidade (*1Ts 4.7*) e para o reino de Deus (*1Ts 2.12*).

3 – A REGENERAÇÃO

Regeneração tem o sentido de “novo nascimento” e aponta para uma nova natureza (*Mt 19.28*; *Tt 3.5* cf. *Jo 3.3*). Também pode significar “nascer do alto”.⁹

A regeneração se dá pela ação e vontade de Deus (*Jo 1.13* e *Tg 1.18*), por intermédio do Espírito Santo (*Jo 3.5*) quando a pessoa crê no Senhor Jesus (*Jo 1.12*). Como resultado da regeneração, o novo homem tem uma vida que combina com sua nova natureza, uma vida que dá frutos (*1Jo 2.29*; *3.9*; *4.7* e *5.1,4,18*).

4 – A FÉ

A fé cristã é o assentimento às verdades reveladas sobre Jesus e sua obra e uma entrega pessoal a ele na plena “confiança” do perdão e da salvação. É o meio único e obrigatório que leva à salvação (*Jo 5.24*; *17.3* e *Ef 2.8*).

Ter a fé salvadora não é simplesmente acreditar na veracidade de afirmações ou na historicidade de eventos (*Mt 7.26*; *At 26.27,28*; *Jo 2.23-24* e *Tg 2.19*), nem crer apenas temporariamente (*Lc 8.13*).

⁹ Jo 3.3 traz “γεννηθῆ ἄνωθεν”. A palavra ἄνωθεν pode significar “novamente” ou “vindo do alto”.

Estudo 36 - A Segurança da Salvação

1 – A EVIDÊNCIA BÍBLICA

A segurança da salvação depende direta e exclusivamente da obra de Deus, de modo que o homem não pode perder a salvação por algo que faça ou deixe de fazer. Algumas evidências bíblicas dessa afirmação são:

- A. O crente é introduzido no corpo de Cristo pelo Espírito Santo (*1Co 12:13*);
- B. O Espírito Santo sela o crente até o dia da redenção (*Ef 1:13 e 4:30*);
- C. É propósito do Pai para manter os crentes como sua propriedade (*Jo 10:28-30 e 13:1*) e seu poder mantém os crentes assim (*Jd 24*);
- D. A obra iniciada por Deus será completada (*Rm 8:29-31*).
- E. Nada pode separar os crentes de Cristo (*Rm 8:37-39*).

2 – PASSAGENS PROBLEMÁTICAS

- A. **Hebreus 6.4-6** – Não se trata de um alerta contra a perda de salvação, mas um alerta contra a imaturidade espiritual (ver v. 1). A ideia do autor é pôr em relevo a permanência na maturidade, visto ser impossível iniciar a vida cristã novamente;
- B. **João 15.6** – Não é uma referência a crentes que permaneciam, mas que não permanecem mais e são rejeitados por Deus. O texto trata da permanência em Cristo e a frutificação que vem dele como evidência de salvação;
- C. **Tiago 2.14-26** – Tiago não trata as obras e a frutificação como fatores mantenedores da salvação, mas como reação natural à redenção do crente.

Estudo 37 - A Identidade do Espírito Santo

1 – A PERSONALIDADE DO ESPÍRITO SANTO

O Espírito Santo não é uma força, uma energia cósmica ou a personificação do poder de Deus. Ele é uma “pessoa”, a terceira pessoa da Trindade. A *Bíblia* é generosa em apontar essa realidade:

- A. O Espírito Santo possui atributos pessoais**
 - a. É inteligente (*Rm 8.27* e *1Co 2.10, 11, 13*);
 - b. Tem emoções (*Ef 4.30*);
 - c. Tem vontade própria (*At 16.6-11* e *1Co 12.11*).

- B. O Espírito Santo tem atitudes de uma pessoa**
 - a. Convence do pecado (*Jo 16.8*);
 - b. Guia os crentes à verdade (*Jo 16.13*);
 - c. Realiza milagres (*At 8.39*);
 - d. Intercede pelos crentes (*Rm 8.26*).

- C. O Espírito Santo recebe atribuições que somente uma pessoa poderia receber**
 - a. Deve ser obedecido (*At 10.19-21*);
 - b. Pode-se mentir a ele (*At 5.3*);
 - c. Pode ser resistido (*At 7.51*);
 - d. Pode ser entristecido (*Ef 4.30*);
 - e. Pode ser ultrajado (*Hb 10.29*).

- D. O Espírito Santo se relaciona de modo pessoal com outras pessoas**
 - a. Com os apóstolos (*At 15.28*);
 - b. Com Jesus (*Jo 16.14*);

2 – A DIVINDADE DO ESPÍRITO SANTO

O Espírito Santo não é apenas uma pessoa. Ele também é Deus.

- A. O Espírito Santo possui nomes divinos**
 - a. Espírito de Deus (*1Co 6.11* e *2Co 3.3*);
 - b. Espírito de Cristo (*At 16.7* e *Rm 8.9*).

- B. O Espírito Santo possui atributos divinos**
 - a. Onisciência (*Is 40.13*; *1Co 2.12*);
 - b. Onipresença (*Sl 139.7*);
 - c. Onipotência (*Jó 33.4* e *Sl 104.30*).

- C. O Espírito Santo realiza obras divinas**
 - a. Foi o autor da concepção virginal (*Lc 1.35*);
 - b. Foi o agente da inspiração das *Escrituras* (*2Pe 1.21*);
 - c. Estava envolvido na criação (*Gn 1.2*).

Estudo 38 - A Habitação do Espírito Santo no Crente

A partir do Pentecostes, o Espírito Santo tem uma atuação peculiar na Igreja de Cristo. As ações são descritas nas páginas do *Novo Testamento*.

1 – AS PESSOAS HABITADAS

- A. O Espírito Santo habita em “todos os crentes” (*Jo 7.37-39; At 11.16, 17; Rm 5.5; 1Co 2.12; 2Co 5.5; Ef 1.12-14; 1Pe 1.1,2; e 1Jo 4.13*). Essa habitação também é chamada de “unção” (Gr. *χρῖσμα*, “*crisma*” - *1Jo 2.20,27 cf. Jo 14.26*);
- B. A ausência do Espírito Santo em uma pessoa é um sinal obrigatório da sua incredulidade e da ausência de salvação (*Rm 8.9; Jd 19 cf. 1Co 2.14* – a palavra “sensual” de *Jd 19* é a mesma de *1Co 2.14* “natural”, Gr. *ψυχικὸς*);
- C. Mesmo cristãos em pecado desfrutam a habitação do Espírito Santo (*1Co 6.18-20; ver 1Co 5.5*). Em nenhum caso o Espírito Santo deixa de habitar o crente (*Ef 4.30 cf. Jd 24*);
- D. A habitação do Espírito Santo nos crentes atua como um “selo”, uma marca de propriedade que comprova que os que foram salvos pertencem a Deus (*2Co 1.22 e Ef 1.13*).

2 – A CRONOLOGIA DA HABITAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

- A. O momento em que o crente é selado com o Espírito, ou seja, recebe a habitação do Espírito Santo é a “conversão”. Quando alguém crê em Cristo e é justificado por Deus, imediata e obrigatoriamente é habitado pelo Espírito (*At 2.38 e 2Co 1.21,22*);
- B. O tempo de duração da habitação do Espírito Santo no crente coincide com o tempo total até o final da vida daqueles que serão redimidos da existência em meio ao pecado (*2Co 5.4,5; Ef 4.30 e 2Ts 2.13,14*).

3 – OS EFEITOS DA HABITAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

- A. O fato de o Espírito Santo habitar naqueles a quem ele regenera produz alguns efeitos:
 - a. **Segurança** – O Espírito Santo foi dado como um “penhor”, ou seja, uma “garantia”. Sua habitação é a segurança de que a promessa de que Deus há de efetivar a obra que iniciou em nós (*Ef 1.13,14 cf. Fp 1.6; Cl 1.21,22*);
 - b. **Purificação** – A presença do Espírito Santo no crente, além de efetivar uma influência positiva na edificação e na santificação (*Jo 14.26; 16.13 e Gl 5.25*), também inibe atos de pecado (*1Co 6.15-20 e Ef 4.30*).

Estudo 39 - Os Dons Espirituais

1 – O QUE SÃO

Uma tarefa importante do Espírito Santo em relação à igreja de Cristo é a “concessão de dons espirituais”.

Dons espirituais são habilidades especiais dadas pelo Espírito Santo aos crentes com a finalidade de edificar a igreja por meio do “serviço” (1Co 12.7). Os dons são vários (1Co 12.4,5) e são distribuídos segundo a vontade de Deus (1Co 12.11).

2 – O QUE NÃO SÃO

É necessário fazer alguns alertas sobre características que os dons espirituais “não têm”:

- A. *Não depende do lugar onde é usado.* O dom pode ser usado dentro ou fora da igreja e em qualquer lugar do mundo;
- B. *Não é um cargo.* As habilidades advindas do dom não dependem de um cargo, mas também não conferem um cargo automaticamente;
- C. *Não visa a um grupo específico.* Ninguém tem dom para trabalhar com crianças, jovens ou idosos, nem dom para pregar a índios ou moradores de rua. Os dons podem ser aplicados no trabalho com qualquer grupo;
- D. *Não é uma técnica especial.* Não há dons espirituais de escrever ou de tocar um instrumento. Essas coisas são técnicas por meio das quais se podem usar os dons.

3 – A DISTRIBUIÇÃO DOS DONS ESPIRITUAIS

- A. São distribuídos pelo Cristo ressurreto e glorificado (Ef 4.11);
- B. São distribuídos pelo Espírito Santo segundo sua vontade (1Co 12.11,18);
- C. São distribuídos a todos os cristãos (1Pe 4.10);
- D. São distribuídos ao Corpo de Cristo como um todo (1Co 12.12-27).

4 – A DESCRIÇÃO DOS DONS ESPIRITUAIS

Apesar de se defenderem diversas listas de dons (umas maiores, outras menores), a lista abaixo engloba os que são discutidos como “dons espirituais”:

- A. Apostolado (1Co 12.28; e Ef 4.11);
- B. Profecia (Rm 12.6; 1Co 12.10; e Ef 4.11);
- C. Milagres (1Co 12.28) e Curas (1Co 12.9,28,30);
- D. Línguas (1Co 12.10);
- E. Evangelismo (Ef 4.11);
- F. Pastorado (Ef 4.11);
- G. Serviço (Rm 12.7; 1Co 12.28);
- H. Ensino (Rm 12.7; 1Co 12.28);
- I. Fé (1Co 12.9);
- J. Exortação (Rm 12.8);
- K. Discernimento de espíritos (1Co 12.10);
- L. Misericórdia (Rm 12.8);
- M. Contribuição (Rm 12.8);
- N. Administração (Rm 12.8; e 1Co 12.8);
- O. Sabedoria e conhecimento (1Co 12.8).

5 – RESSALVAS

- A. Os dons do apostolado e da profecia ficaram restritos ao tempo da fundação da igreja (Ef 2.20). Na verdade, o grupo dos apóstolos foi restrito a apenas 12 homens (Ap 21.14). Esses dons cessaram.

- B.** O dom de línguas teve seu uso entre a vinda do Espírito Santo (*At 2.4*) — após Jesus ter efetivado sua obra por meio da rejeição dos judeus — e a destruição de Jerusalém em 70 A.D. Nesse sentido, o dom agiu como um sinal aos incrédulos do juízo que recairia pela incredulidade e desobediência (*1Co 14. 21,22* cf. *Dt 28.49*). Assim, esse dom cessou.
- C.** Nenhuma menção ou inferência há sobre a cessação dos dons de cura e milagres, mas certas considerações devem ser feitas à luz das afirmações contemporâneas sobre eles. Esses prodígios serviram de sinais de identificação e validação dos ministérios de Jesus (*Lc 7.18-22*) e dos apóstolos (*2Co 12.12* cf. *Rm 15.18,19*). Desse modo, ainda que esses dons possam ter continuado em uso, eles não podem superar a frequência e o impacto do mesmo dom nos ministérios de Jesus e dos apóstolos, caso contrário, eles não seriam credenciais de nada para eles. Portanto, quando Jesus diz “aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará” (*Jo 14.12*) deve-se compreender a abrangência da missão com qual a igreja foi comissionada, de, recebendo poder, expandir a mensagem do *Evangelho* a todo mundo (*At 1.8*).

Estudo 40 - A Plenitude do Espírito Santo

É muito comum pessoas e igrejas confundirem a plenitude do Espírito Santo com o batismo com o Espírito Santo. Obviamente, tal confusão abre um leque de outras confusões e desacertos, tornando o estudo do assunto algo fundamental para a igreja que quer servir a Deus.

1 – O CONCEITO DE ESPIRITUALIDADE

O texto de *1Co 2.15* revela que há um nível espiritual no homem de Deus que produz uma atitude prática: “Julgar todas as coisas”. Essa breve descrição demonstra que tal espiritualidade advém da maturidade no relacionamento com Deus (*Rm 12.1,2*).

Assim, a espiritualidade requer pelo menos três coisas:

- Regeneração;
- Atuação de Deus;
- Tempo para crescimento e amadurecimento.

O Espírito Santo tem participação fundamental nesse processo:

- Ele concede discernimento sobre a *Palavra* e a vontade de Deus (*Jo 16.12-15*).
- Ele direciona as orações de acordo com a vontade de Deus (*Rm 8.26; Ef 6.18*).
- Ele concede dons espirituais para a edificação dos crentes (*1Co 12.7*).
- Ele auxilia na luta contra a carne e contra o pecado (*Rm 8.13; Gl 5.16,17*).

2 – A PLENITUDE DO ESPÍRITO SANTO

Tendo em vista a obra do Espírito Santo no aumento da maturidade espiritual dos crentes, entendemos que a “plenitude do Espírito Santo” é a atuação dele no sentido de tornar o crente controlado por Deus. As *Escrituras* chamam tal experiência de “estar cheio do Espírito” (*Lc 1.15,41,67; At 2.4; 4.8,31; 9.17; 13.9*).

Enquanto o batismo e o selo do Espírito Santo são realidades permanentes, a plenitude é algo ocasional¹⁰ e pode se repetir várias vezes (*At 2.4; 4.8,31 – note-se que a descontinuidade da plenitude, nesse exemplo, não se deveu a pecado*). Apesar de a plenitude do Espírito ser uma atividade divina, Paulo deixa claro que há condições na vida do crente para que ela aconteça (*Ef 5.18*).

3 – AS CARACTERÍSTICAS DA PLENITUDE DO ESPÍRITO SANTO

- Produção de um caráter semelhante ao de Cristo (*Gl 5.22,23*).
- Envolvimento evangelístico (*At 2.4,41; 4.31; 5.14; 6.3,7; 11.24*).
- Adoração, louvor, ação de graças, submissão (*Ef 5.19-21*).

4 – QUADRO COMPARATIVO ENTRE O BATISMO E A PLENITUDE DO ESPÍRITO SANTO

BATISMO	PLENITUDE
Ocorre somente uma vez na vida.	É uma experiência repetida.
Jamais ocorreu antes do dia do Pentecostes.	Ocorreu no <i>Antigo Testamento</i> . (<i>Ex 31.1-5; Dt 34.9</i>)
Necessário para todos os cristãos.	Não é necessariamente experimentada por todos os cristãos.
Não pode ser desfeito.	Pode ser perdida.
Resulta em “posição”.	Resulta em “poder”.
Ocorre quando cremos em Cristo.	Ocorre ao longo da vida cristã.
Não há pré-requisitos (exceto fé em Cristo).	Depende da submissão a Deus.

¹⁰ O crescimento espiritual consiste, entre outras coisas, em permanecer cada vez mais sob o controle do ES. A meta dos crentes deve ser viver sob tal controle.

Estudo 41 - A Igreja do Senhor

Não é possível superestimar a importância da igreja para Cristo, nem para a história. Jesus comprou a igreja com seu sangue (*At 20.28*), ama, cuida e a edifica (*Mt 16.18; Ef 5.25,29*) e a apresentará imaculada para sua glória (*Ef 5.27*).

1 – O SIGNIFICADO DA PALAVRA ‘IGREJA’

A palavra igreja vem do termo grego *ekklesia*, que significa “assembleia de cidadãos” (*At 19.32,41*). A *Septuaginta* traduz como *ekklesia* a palavra hebraica *qahal*, que também significa assembleia, reunião ou congregação (*Ex 35.1; Dt 31.30*). Somente no decorrer da vida da igreja é que a palavra *ekklesia* passou a designar a “assembleia de fiéis”.

2 – O CONCEITO DE ‘IGREJA’

No *Novo Testamento* a palavra igreja está ligada a dois conceitos:¹¹

- a) **Igreja universal** – A igreja é a comunidade dos crentes em Cristo (*Ef 1.1*), comprada, fundada, protegida, edificada e dirigida por ele (*Mt 16.18; At 20.28*). Ela se reúne para cultuar o Deus Trino (*At 13.1-2*), sustentar com firmeza a verdade revelada (*1Tm 3.15*), observar as ordenanças do Senhor (batismo e ceia), nutrir a amorosa, edificante e pura comunhão entre os irmãos (*At 2.42-47*) e proclamar a salvação ao mundo (*1Pe 2.9*), tudo com o propósito final de promover a glória de Deus (*Ef 3.21*).
- b) **Igreja local** – A igreja também pode ser definida como o grupo de eleitos reunidos e organizados numa determinada localidade (*1Pe 1.1*) que, tendo a *Sagrada Escritura* como autoridade máxima (*2Tm 3.16*) e sob a influência do Espírito Santo, promove a expansão geográfica, numérica e cultural do Reino de Deus neste mundo (*At 9.31*).

¹¹ Extraído do livrete *Conheça a Redenção*, do Pr. Marcos Granconato.

Estudo 42 - A Singularidade da Igreja

A igreja é um grupo singular sobre o qual o Senhor disse: "Edificarei minha igreja" (*Mt 16.18*). Para melhor compreendermos tal afirmação, é preciso entender a singularidade da igreja, seu relacionamento com outros grupos e seu lugar dentro da história e do plano de Deus.

1 – A IGREJA E O REINO

Uma grande dúvida entre os cristãos é como a igreja se relaciona com o "reino de Deus". Isso decorre do fato de haver mais de um aspecto do reino descrito nas *Escrituras*.

- a) **O reino universal** – Deus governa o mundo todo (*1Cr 29.11; Sl 145.13*) e escolhe governantes para julgar o mundo (*Dn 2.37*). Assim, Deus reina sobre todas as nações (*Ap 15.3*) e, no final, todas se submeterão a ele e capitularão diante do seu poder (*Sl 110.5,6*). A igreja faz parte desse reino porque tudo está sobre o controle soberano de Deus sem que haja distinções ou que entidades sejam independentes da soberania do Senhor;
- b) **O reino davídico/messiânico** – Esse reino se chama davídico porque diz respeito às promessas feitas a Davi (*2Sm 7.11-16*) e messiânico porque Jesus, o Messias, reinará sobre o trono de Davi, governando a nação de Israel (*Lc 1.32,33*). A Igreja não faz parte desse reino que será instituído no futuro (milênio), com a volta de Cristo, e cujos súditos são os israelitas que serão restaurados à totalidade da terra prometida a Abraão. Nessa época, a igreja glorificada reinará com Cristo (*2Tm 2.12; Ap 5.9,10*);
- c) **O reino espiritual** – Refere-se ao reino em que os cristãos foram inseridos a partir do novo nascimento (*Cl 1.13; Ap 1.6*) e onde Cristo reina sobre a igreja sendo sua cabeça. Esse reino tem características que o distinguem dos do restante do mundo (*Rm 14.17; 1Co 4.20*);
- d) **O reino eterno** – Esse é também um aspecto futuro do reino. Não está ligado a um governo terreno, mas à comunhão e habitação com Deus e à vida eterna (*2Tm 4.18; Tg 2.5; 2Pe 1.11*). Todos os que tiveram fé e foram perdoados por Deus durante toda a história humana, incluindo a igreja, irão entrar nesse reino. A igreja ainda aguarda para entrar nesse reino (*At 14.22*).

2 – A IGREJA E ISRAEL

A igreja é distinta de Israel e teve seu início apenas no Pentecostes. Nos dias de Jesus, ela era algo a existir no futuro (*Mt 16.18*). O contraste entre a igreja e Israel é nítido no *Novo Testamento*, após a fundação da igreja. A distinção entre o Israel natural¹² e a igreja revela que não são a mesma entidade (*1Co 10.32; Gl 6.16*).

O texto de *Romanos 11* mostra não apenas a distinção entre a Igreja e Israel, mas o plano de Deus para cada um deles. Veja a síntese do capítulo:

- Deus não rejeitou definitivamente Israel (v. 1);
- Deus sempre reserva um remanescente fiel em Israel (2-4);
- Pela graça Deus mantém o remanescente (5-6);
- O pequeno remanescente foi eleito enquanto a grande maioria de Israel foi endurecida (7-10);
- Foram rejeitados temporariamente para que os gentios fossem alcançados (11);
- Como sua transgressão redundou em bênção, assim será quando forem "plenos" (12);
- Enquanto Israel está afastado, um pequeno número crê na pregação (13-14);
- Previsão do restabelecimento de Israel como fonte de bênçãos (15);
- Israel é comparado a ramos naturais quebrados e a igreja é comparada a ramos de fora da oliveira (ramos de oliveira brava) que são enxertados (16-17);
- Os cristãos gentios não devem desprezar Israel (18-20);
- Israel caído é ainda chamado de "ramo natural" em contraste com a igreja, "oliveira brava" (21);
- Dispensações diferentes para Israel e a igreja (22);
- Está aberta a via necessária para o retorno de Israel (23);

¹² O termo "Israel natural" pretende descrever os israelitas de sangue que permanecem na incredulidade. A partir do Pentecostes, os israelitas que creem passam a fazer parte da igreja.

- Declaração de que a igreja tem uma origem descontinuada com Israel (foi enxertada contra a natureza vindo de uma fonte de outro tipo) e o prenúncio da restauração futura de Israel que, como o ramo natural, será enxertado novamente na videira de onde foi cortada (24).
- Depois disso, todo o Israel será restaurado (26);
- A nova aliança com Israel (*Jr 31.31-34*) é a garantia do seu perdão (27);
- O amor e a eleição de Deus sobre Israel são perpétuos devido às promessas “irrevogáveis” de Deus (28-29);
- O processo de salvação aplicado à igreja na atualidade será também aplicado a Israel no futuro (30-32);
- Esse plano de atuação de Deus (endurecer Israel para conceder graça aos gentios e, depois de completado o tempo da igreja, voltar a conceder graça a Israel e o restaurar) é algo misterioso e maravilhoso que não podemos compreender plenamente, mas, por ele, glorificamos a Deus (33-36).

Estudo 43 - Os Tipos de Governo da Igreja

Apesar de a Igreja ser uma assembleia de fiéis onde quer que esteja e de o *Novo Testamento* não definir exatamente a organização da igreja local, desde o início as igrejas tiveram um sistema organizado e uma liderança (*At 14.23; 20.17; 21.18; Fp 1.1; Tt 1.5*).

Mesmo demonstrando claramente a existência e função dos líderes na igreja e de sua organização, a *Bíblia* não especifica como isso deve ser nos mínimos detalhes, fazendo com que diversos tipos de organização eclesial existam atualmente. Vamos analisar alguns tipos de governo eclesial:

1 – GOVERNO MÍNIMO

Trata-se de igrejas lideradas por um pequeno grupo de presbíteros, que enfatizam os dons espirituais e minimizam o conceito de membresia. São propensos a um sistema federalista de governo. Na história encontramos exemplos como os *quacres* e os *irmãos de Plymouth*. É normalmente o sistema de governo adotado nas atuais “comunidades” e igrejas “neopentecostais”.

2 – GOVERNO NACIONAL

É um grupo de igrejas organizadas sob a liderança do Estado ou limitada às fronteiras de um país. O Estado pode ou não permitir a existência de outras igrejas no país e sua influência sobre a igreja estatal varia de Estado para Estado. Exemplos são as igrejas Anglicana (Inglaterra) e Luterana (Alemanha e alguns países escandinavos).

Os argumentos em favor da separação entre igreja e Estado são:

- a) Cristo fez distinção entre eles (*Mt 22.21*);
- b) Os cristãos têm responsabilidades para com o Estado (*Rm 13.1-7; 1Pe 2.13-17; e Tt 3.1*);
- c) Havendo conflitos entre o povo de Deus e o Estado, há exemplos bíblicos de desobediência civil (*Dn 3.6; At 5.29*) e resistência pacífica a fim de evidenciar uma injustiça (*At 16.37*);
- d) A ausência absoluta do Estado nos processos de disciplina dentro da igreja (*Mt 18.17; 1Co 5; e 2Ts 3.11-15*).

3 – GOVERNO HIERÁRQUICO

Nesse sistema, o clero que toma as decisões está dividido em ordens ou classes, cada uma subordinada a seu superior. Na Igreja Metodista, a hierarquia é menos absolutista. Na Igreja Episcopal, a hierarquia da autoridade é mais destacada. Enquanto na Igreja Católica Romana, a autoridade baseia-se totalmente na hierarquia tendo como autoridade máxima o papa, a Igreja Anglicana combina elementos dos governos nacional e hierárquico.

A ideia se baseia na suposta linha ininterrupta de sucessão dos apóstolos. Entretanto, a *Bíblia* ensina que os apóstolos tiveram lugar apenas na “fundação” da igreja (*Ef 2.20*), não existindo mais apóstolos hoje, nem sucessão apostólica. No *NT* os oficiais da Igreja são apresentados como “bispos” e “diáconos” e fica nítido o fato de as palavras “bispo” e “presbítero” apontarem para a mesma pessoa. Apenas no 2º século o bispo surge como um pastor que supervisiona outros pastores e igrejas. O *Didaquê*, manual de doutrinas da igreja antiga, instruiu cada congregação a escolher seus próprios “bispos” e “diáconos” (*Didaquê 5.1*).

4 – GOVERNO FEDERATIVO

O governo federativo ou conciliar se refere a uma unidade que “entrega sua soberania individual a uma autoridade central, mas retém poderes residuais de governo”. Em outras palavras, os membros delegam parte do seu poder aos líderes. Em relação às igrejas locais dentro de uma denominação, significa que elas abrem mão de alguns aspectos da sua autonomia em favor de uma estrutura. O melhor exemplo desses sistemas de governo é a Igreja Presbiteriana, além de alguns grupos reformados que adotam esse sistema. Normalmente envolvem presbitérios, sínodos e assembleias gerais. Na prática da igreja local, as igrejas com governo federativo e congregacional são muito parecidas.

5 – GOVERNO CONGREGACIONAL

Basicamente, no governo congregacional, a autoridade maior de governo da igreja está sobre os próprios membros. Além disso, cada igreja local é autônoma. Portanto, além de Cristo, não há nenhuma autoridade acima da assembleia da igreja local formada por seus próprios membros. A responsabilidade de cada decisão não precisa ser da assembleia. Ela delega responsabilidades a seus oficiais e líderes, embora eles possuam apenas um voto nas decisões da congregação. Apesar da autonomia, as igrejas podem se unir a fim de cooperarem com um objetivo comum. Exemplo de igrejas de governo congregacional são as igrejas Batista e Congregacional.

Os argumentos de apoio para essa visão são:

- a) Embora os apóstolos e seus auxiliares exercessem autoridade sobre mais de uma igreja local, o mesmo não acontecia com os presbíteros e diáconos. Na inexistência atual de apóstolos, cada igreja local é autônoma;
- b) A igreja inteira recebeu o poder de exercer a disciplina e não somente os líderes (*Mt 18.17; 1Co 5.4,5; 2Co 2.6,7; 2Ts 3.14,15*);
- c) A igreja inteira estava envolvida na escolha dos líderes (*At 1.23,26; 6.3,5; 15.22,30; 2Co 8.19*);
- d) Várias passagens comissionam a igreja toda e não apenas os líderes (*Mt 28.19,20^[1], 1Co 11.2,20*);
- e) O sacerdócio de todos os cristãos colabora para o conceito de um governo democrático e congregacional (*1Pe 2.5,9*).

^[1] Note que, apesar de a ordem ter sido pronunciada diante dos apóstolos, a menção de que a validade da promessa de estar com eles é até a “consumação dos séculos” e que a ordem devia ser cumprida em todo o mundo, demonstra que a ordem foi dada à igreja em geral.

Estudo 44 - A Liderança da Igreja

Independente do tipo de governo que as igrejas tenham, é inegável a necessidade de líderes. Sempre foi assim desde o início da igreja: O *NT* mostra que havia líderes na Judeia (*At 11.29,30*), Paulo instituiu líderes na Galácia (*At 14.23*), os líderes da igreja se reuniram em Jerusalém (*At 15*) e havia presbíteros e diáconos nas igrejas (*At 20.17*; e *Fp 1.1*).

1 – TIPOS DE LÍDER

Apesar de o *NT* mencionar presbíteros e diáconos na liderança das igrejas, nem todas as denominações adotam essa divisão. Textos bíblicos que falam muito sobre o assunto são *Tito 1* e *1Timóteo 3*. Esses dois textos demonstram que as palavras “presbítero” e “bispos” (*supervisores*) são termos intercambiáveis e se referem à mesma pessoa. Outras evidências dessa realidade são:

- a) Paulo usa os dois termos se referindo às mesmas pessoas no mesmo parágrafo (*Tt 1.5-7*);
- b) Paulo chama os presbíteros de Éfeso de “bispos” (*At 20.17,28*);
- c) Em *1Tm 3.1-13* e *Fp 1.1*, Paulo cita apenas bispos e diáconos, sem se referir a presbíteros, embora *1Tm 5.17* os identifique na igreja.

2 – MINISTÉRIO DOS PRESBÍTEROS

Os deveres dos presbíteros são:

- a) **Governar** – O presbítero deve liderar (*1Tm 5.17*; *Hb 13.17*), não como dominador, mas sem perder a autoridade (*1Pe 5.3*; *Hb 13.7*);
- b) **Guardar a verdade** – Proclamar e explicar as doutrinas reveladas nas *Escrituras* (*Tt 1.9*), buscando ser capacitado para tanto (*1Tm 3.2*);
- c) **Ter um bom caráter** – As qualificações necessárias ao caráter do presbítero, conforme *1Tm 3.1-7* e *Tt 1.5-9*, são:

<ol style="list-style-type: none"> a. <i>Irrepreensível</i>; b. <i>Marido de uma esposa</i>; c. <i>Temperante</i>; d. <i>Sóbrio</i>; e. <i>Modesto</i>; f. <i>Hospitaleiro</i>; g. <i>Apto para ensinar</i>; h. <i>Não dado ao vinho</i>; i. <i>Não violento</i>; 	<ol style="list-style-type: none"> j. <i>Amável</i>; k. <i>Inimigo de contendas</i>; l. <i>Não ganancioso</i>; m. <i>Não irascível</i>; n. <i>Governar bem o lar</i>; o. <i>Não orgulhoso</i>; p. <i>Não inexperiente</i>; q. <i>De bom testemunho</i>.
--	---

Os presbíteros eram escolhidos e investidos nessa função, nos dias do *NT*, quando eram fundadas novas igrejas (*At 14.23*; *Tt 1.5*). Os apóstolos, os presbíteros e a congregação participavam desse processo. Exemplos disso são:

- a) Paulo e Barnabé tiveram a imposição de mãos¹³ da igreja e foram enviados (*At 13.3*);
- b) Os presbíteros impuseram as mãos sobre Timóteo (*1Tm 4.14*);
- c) Tito nomeou presbíteros em Creta (*Tt 1.5*);
- d) Paulo alertou sobre a imposição precipitada de mãos (*1Tm 5.22*).

3 – MINISTÉRIO DOS DIÁCONOS

A palavra diácono (*διάκονος*) quer dizer ministro ou servo. A diaconia (*διακονία*) – *serviço* – é um ministério geral que pode ser oficial ou não. Entretanto, a *Bíblia* especifica as qualificações de homens que assumiam um cargo oficial na igreja com o nome de diácono (*Fp 1.1*). Tais qualificações são semelhantes e paralelas às do presbítero (*1Tm 3.8-13*).

¹³ A imposição de mãos, nesse caso, tem o significado de reconhecimento, aprovação e apoio ao ministério de quem é feito presbítero.

Estudo 45 - As Ordenanças da Igreja

Ordenanças são ordens dadas por Cristo à Igreja com a intenção de lembrar e simbolizar verdades fundamentais. Diferente do conceito de “sacramento”, as ordenanças não têm a intenção de serem veículos de graça. Apesar das diferenças entre diversas denominações no que tange à intenção e número das ordenanças, cremos que são identificadas como ordenanças o batismo e a ceia.

1 – O BATISMO

A palavra batismo vem do grego *baptisma* (βάπτισμα) e *baptizo* (βαπτίζω), que significa imergir, submergir. Assim, ele deve ser feito pela imersão total do crente na água (Mt 3.16; Jo 3.23; At 8.36-39). O batismo deve ser ministrado somente a adultos ou, eventualmente, a crianças que já entenderam e aceitaram o evangelho. O batismo por imersão atinge os quatro objetivos do batismo:

- a) A profissão pública de fé – *objetivo principal* – (1Pd 3.21);
- b) A identificação do batizando com os demais discípulos de Jesus (Mt 28.19);
- c) A representação da lavagem espiritual (At 22.16 cf. 1Co 6.11);
- d) A representação da morte do crente para o mundo e de sua ressurreição para uma nova vida (Rm 6.4; Cl 2.12).

O batismo tem seu significado associado às ideias de:

- a) Perdão (At 2.38; 22.16);
- b) União com Cristo (Rm 6.1-10);
- c) Fazer discípulos (Mt 28.19);
- d) Arrependimento (At 2.38).

O *Novo Testamento* apresenta o batismo rendendo-lhe uma posição importante que pode ser notada nos textos abaixo:

- a) O batismo de Jesus (Mt 3.16);
- b) A orientação de Cristo para o batismo dos seus discípulos (Jo 4.1-3);
- c) A ordem de Cristo para que a igreja batizasse os futuros discípulos (Mt 28.19);
- d) Lugar de destaque na vida da igreja primitiva (At 2.38,41; 8.12,13,36; 9.18; 10.47,48; 16.15,33; 18.8; 19.5);
- e) O *NT* usa para retratar ou simbolizar verdades teológicas importantes (Rm 6.1-10; Gl 3.27; 1Pe 3.21).

2 – A CEIA DO SENHOR

A Ceia do Senhor é uma ordenança dada pelo Senhor Jesus Cristo cuja validade dura até seu retorno para os seus. Trata-se de um “memorial” em que, de modo algum, o corpo e sangue de Cristo estão presentes nos elementos da ceia, nem tampouco é esse um momento revestido de qualquer misticismo.

As principais visões sobre a Ceia do Senhor são:

- a) **Transubstanciação** (católicos romanos) – Pão e vinho, literalmente, transformam-se em corpo e sangue de Cristo. Os que os recebem participam de Cristo, que é sacrificado para reconciliação de pecados;
- b) **Consubstanciação** (luteranos) – Pão e vinho contêm o corpo e o sangue de Cristo. Não há uma transformação literal, mas a presença de Cristo se dá em sentido real. Cristo está presente “em, com e sob” os elementos. Os participantes recebem perdão de pecados e confirmação da sua fé por meio da participação nos elementos. Mesmo os descrentes são beneficiados por ela;
- c) **Presença espiritual** (presbiterianos) – Cristo não está literalmente presente nos elementos, mas há uma presença espiritual. Os participantes recebem graça pela participação, porém, não pelos elementos e sim por meio da fé. Sem benefícios para incrédulos;
- d) **Memorial** (batistas) – Os elementos são pão e vinho somente. Cristo não está especialmente presente, nem física, nem espiritualmente. Sua presença é a mesma experimentada costumeiramente pela sua igreja. É um memorial realizado pelos participantes. Simboliza Cristo e sua morte, não seu corpo literal. Nenhuma graça é transmitida.

Por que cremos que a Ceia do Senhor é um 'MEMORIAL'?

- a) Porque a expressão “isto é meu corpo” (*Mt 26.26; 1Co 11.24*) é uma figura de linguagem (metáfora) que na verdade quer dizer “isto simboliza meu corpo”. Esse é o mesmo modo de interpretar expressões como “eu sou o pão da vida” ou “eu sou o pão vivo que desceu dos céus” (*Jo 6.48,51*), “eu sou a luz do mundo” (*Jo 8.12*), “eu sou a porta das ovelhas” (*Jo 10.7,9*) e “eu sou a videira verdadeira” (*Jo 15.1*).
Tomar literalmente “isto é meu corpo” trará também grandes dificuldades para interpretarmos frases como “porque nós, embora muitos, somos unicamente um pão” (*1Co 10.17*);
- b) Quando Jesus disse “isto é meu corpo”, a *Bíblia* diz que ele “tomou um pão” (*Mt 26.26; Mc 14.22; Lc 22.19*). Nessa ocasião, o corpo real de Jesus segurava o pão em vez de integrá-lo;
- c) Porque, apesar da onipresença divina, o corpo de Cristo foi elevado aos céus (*At 1.9,11; 7.55, 56*) e haverá uma presença corporal de Jesus na Terra apenas na sua segunda vinda (*At 1.11; Lc 21.27; e 1Ts 1.10*) de modo que seu corpo não está presente na terra no momento da ceia;
- d) O texto de *1Co 10.16*, usado para defender uma suposta presença especial de Cristo na ceia, não tem por intenção tratar a forma da Ceia do Senhor (visto que Paulo ainda falaria sobre isso adiante no capítulo seguinte), mas pretende apresentar a participação da ceia como integração no culto do Senhor, assim como os israelitas participaram do culto de Baal-Peor pelo contato com as mulheres midianitas e como os crentes de Corinto teriam parte em um culto idólatra se participassem de refeições em templos pagãos (*1Co 10.1-22*).

O que é a Ceia do Senhor na 'visão memorial'?

- a) **É uma recordação da morte de Cristo (1Co 11.24,25)** – O pão simboliza seu corpo oferecido em sacrifício (*1Pe 2.24*) e o cálice simboliza seu sangue derramado para o perdão dos pecados (*Ef 1.7*) na cruz do Calvário;
- b) **É uma proclamação da morte de Cristo enquanto se espera sua vinda (1Co 11.26)** – Volta os olhos dos participantes para o retorno futuro de Cristo (*Mt 26.29*);
- c) **É uma comunhão entre os crentes (1Co 10.17)** – É uma refeição que concentra a fé comum dos participantes em Cristo.

Estudo 46 - A Escatologia e as Posições Escatológicas

1 – SIGNIFICADO E IMPORTÂNCIA DA ESCATOLOGIA

Escatologia é o estudo das “últimas coisas”, ou seja, que estão reservadas para o futuro do homem e do mundo. Trata, basicamente, do período do arrebatamento, das ressurreições, da tribulação, da volta de Cristo, do milênio e do juízo final.

Assim como outras áreas da Teologia, a escatologia é bastante complexa e apresenta inúmeras dificuldades. Isso faz com que muitos considerem seu estudo de importância secundária, mas essa é uma visão inexata.

Objetivos do estudo da escatologia pelos crentes:

- Oferecer alegria em meio à aflição (2Co 4.17; 1Ts 4.18);
- Encorajar a viver em santidade (1Jo 3.3);
- Ajudar no ensino e na correção dos crentes, já que faz parte das *Escrituras* (2Tm 3.16,17);
- Fornecer informações sobre a vida futura (2Co 5.8).

2 – VISÃO PÓS-MILENISTA

Consiste na crença de que o “milênio” deve ser um período indefinido de tempo na própria era em que vivemos, sendo que Jesus voltará ao final desse período. A. H. Strong, em seu livro *Teologia Sistemática*, esse milênio seria:

“Um período, nos dias finais da igreja militante, quando, sob a influência especial do Espírito Santo, o espírito dos mártires deverá ressurgir, a verdadeira religião será grandemente estimulada e revivida, e os membros das igrejas de Cristo ficarão tão conscientes da sua força em Cristo que chegarão a uma abrangência antes desconhecida e triunfarão sobre o poder do mal tanto dentro quanto fora dela.”

Para os pós-milenistas, um “período dourado” de paz e harmonia se instalará nos últimos dias da nossa era, quando os cristãos serão dominantes no mundo e Satanás estará amarrado de uma maneira especial. Esse período será encerrado pela volta de Jesus e seguido da ressurreição e dos julgamentos.

Quanto às alianças e promessas não cumpridas ainda em relação a Israel (que os dispensacionalistas afirmam que serão cumpridas no milênio), os pós-milenistas dizem estar sendo cumpridas hoje com a igreja (para os pós-milenistas, não há distinção entre Israel e igreja e a igreja atual é o Israel de Deus).

Essa posição cresceu, principalmente na segunda metade do segundo milênio, devido aos avanços obtidos pelos homens. Acabou por perder força após as guerras mundiais.

3 – VISÃO AMILENISTA

O amilenismo defende a inexistência de um “milênio” antes do fim do mundo. Postula que haverá sempre dois reinos, o de Deus e o pertencente a Satanás, até que Jesus volte e promova a ressurreição e o juízo. Quanto ao milênio em si, alguns amilenistas pensam se tratar do que a igreja vive hoje na Terra, enquanto outros acham que se trata da realidade dos santos atualmente no céu.

No tocante às alianças e promessas não cumpridas ainda em relação a Israel, os amilenistas dizem que elas não precisam se cumprir, pois eram promessas “condicionais”. Para tanto, o amilenismo utiliza, principalmente, uma hermenêutica fundamentalmente “alegórica” para interpretar os profetas do AT.

Importante: Nem o pós-milenismo, nem o amilenismo creem em um reinado futuro de Cristo na Terra.

4 – VISÃO PRÉ-MILENISTA

É a visão que afirma que a Segunda Vinda de Cristo se dará antes do milênio. Isso abrirá o cronômetro para um período de tempo de mil anos nos quais Cristo vai reinar. Também entende que haverá nesse período,

além de juízos, ressurreições. Terminará com o Grande Trono Branco, o juízo final. Dentro dessa visão há certa discordância sobre quando ocorrerá o arrebatamento da igreja.

Para que alguém seja pré-milenista, é imperativo que creia firmemente na *Bíblia* como a Palavra de Deus inspirada e inerrante e utilize uma interpretação normal ou literal das *Escrituras*, também chamada de interpretação histórico-gramatical.

Quanto às alianças e promessas não cumpridas ainda em relação a Israel, os pré-milenistas creem que serão todas cumpridas durante o milênio, quando Cristo reinará na Terra (*2Sm 7.11-16*), restaurará a nação de Israel (*Jr 31.31-34; Ez 36.24-36*) e lhe dará a terra prometida a Abraão (*Gn 15.18-21*) e que nunca foi antes “plenamente” possuída pelos israelitas – notar que o texto indica como limite Norte o rio Eufrates, o que significa que essa terra incluirá o território do Líbano e um pedaço da Síria.

Os pré-milenistas fazem distinção entre Israel e a igreja. Para eles, Deus tem planos históricos para cada um deles.

AS ALIANÇAS INCONDICIONAIS DE DEUS COM ISRAEL

- a) **Aliança Abraâmica** — Promessa da **TERRA** a Abraão (*Gn 12.1-3; 15.18-21*).
- b) **Aliança Davídica** — Promessa de um **TRONO** perpétuo a um descendente do Davi (*2Sm 7.11-16*).
- c) **Nova Aliança** — Promessa de um novo **TRATO** com Deus por meio da conversão nacional (*Jr 31.31-34; Ez 36.24-36; Jl 2.28-32*).

Estudo 47 - Os Últimos Dias

1 – O QUE SÃO “OS ÚLTIMOS DIAS”?

O que entendemos na *Bíblia* pela expressão “últimos dias” é que não se trata apenas dos dias imediatos que antecedem o arrebatamento da igreja, mas de toda a era da “Igreja Cristã”.

Assim, os limites (início e final) dos “últimos dias são”:

- **Início** com o Pentecostes (*Atos 2*);
- **Fim** com o arrebatamento da igreja, que envolve a ressurreição dos salvos e arrebatamentos dos crentes vivos (*1Ts 4.13-17; 1Co 15.51-58*).

2 – EVENTOS QUE ENVOLVEM O FINAL DA ERA DA IGREJA

Apesar de todo esse período compreender os “últimos dias”, algumas situações se intensificarão com o decorrer da história até que a igreja seja arrebatada:

A) O aumento da apostasia — O abandono da fé caracterizará esse período (*2Tm 3.1-5*).

As características dessa apostasia são:

a) **Desvios doutrinários**

- Negação da doutrina da Trindade (*1Jo 2.22,23*);
- Negação da doutrina da encarnação de Cristo (*1Jo 2.22; 4.3; 2Jo 7*);
- Negação da doutrina da volta de Cristo (*2Pe 3.4*).

b) **Estilo de vida compatível com a apostasia** (*2Tm 3.1-5; Mt 24.12; 2Pe 2.2*).

B) Preparação para a igreja ecumênica — Durante a primeira metade da Tribulação, a igreja ecumênica chegará ao seu apogeu.

As características dessa igreja serão:

- Abrangência mundial** (*Ap 17.15*);
- Infidelidade ao Senhor e à verdade** (note-se o termo “meretriz” em *Ap 17.1,5,15,16*);
- Promoção de grandes alianças políticas** (*Ap 17.12,13*);
- Perseguição contra os santos da tribulação** (*Ap 17.6*).

C) Falsos Cristos e falsos profetas, guerras e catástrofes — Antes que se inicie a Tribulação, haverá na era da igreja o surgimento de homens que dizem ser o próprio Cristo.

Além de falsos profetas, haverá guerras e ameaças de conflitos internacionais e eventos catastróficos naturais como terremotos, doenças e fomes (*Mt 24.3-8,11; Lc 21.11; 2Pe 2.1-3*).

D) Perseguição da Igreja — A igreja de Cristo, odiada pelo mundo, será perseguida até a morte em muitos lugares (*Mt 24.9,10*).

Estudo 48 - O Arrebatamento da Igreja

1 – A DEFINIÇÃO DO ARREBATAMENTO

Apesar de a palavra Arrebatamento não constar na *Bíblia*, sua ideia de “**retirada da igreja da Terra**” está presente em *1Ts 4.17*, derivando da palavra grega ἀρπάζω, que significa “arrancar” (segundo o *Léxico*, de Strong, significa pegar, levar pela força, arrebatado, agarrar, reivindicar para si mesmo ansiosamente¹⁴).

Ao dizer que “os mortos **em Cristo** ressuscitarão primeiro” (*1Ts 4.16*), o texto parece se referir apenas à igreja e não a todos os salvos de todas as eras.

Três passagens falam sobre o Arrebatamento: *João 14.1-3*; *1Coríntios 15.50-58* e *1 Tessalonicenses 4.13-18*.

2 – A VISÃO PRÉ-TRIBULACIONISTA DO ARREBATAMENTO

O Arrebatamento da igreja (tanto dos vivos como dos mortos) ocorrerá antes do período de sete anos da Tribulação, ou seja, antes da 70ª semana de Daniel (*Dn 9.24-27*).

As razões para a crença nessa posição são:

- a) **A promessa de preservação “da hora da provação” de Ap 3.10, associada ao anúncio da segunda vinda de Jesus em no v.11b, sugerindo, com muita força, tratar-se do período da Tribulação.**

O fato de Jesus não ter voltado na geração da igreja a quem se dirigiu tal promessa demonstra que se trata de uma esperança dirigida a toda a igreja (cf. *Ap 3.13*). Deve-se notar que o texto de *Ap 3.10* não diz que os crentes serão guardados “na provação”, mas “da hora da provação”. Não significa fortalecer durante o sofrimento, mas evitar que se entre nele.

- b) **Em 1Ts 5.1-11, Paulo afirma que apenas os incrédulos serão alvos do “Dia do Senhor” (v.2), e não os crentes.**

Quanto a esses, “Deus não os destinou para a ira” (v.9). Apesar de esse texto poder ser compreendido, no âmbito geral, como a perdição eterna, o contexto imediato trata do juízo terreno chamado “Dia do Senhor”, o qual acometerá de surpresa os perdidos. Esse “Dia do Senhor” é associado ao período da Tribulação, para o qual, segundo o texto, os crentes não foram destinados.

Além disso, o fato de esse texto (*1Ts 5.11*) ser imediatamente posterior ao que fala do “Arrebatamento” (*1Ts 4.13-18*), torna mais clara ainda a ideia de que a igreja, por meio do Arrebatamento, será poupada do período da Tribulação para o qual não foi destinada.

- c) **A completa ausência de menções da igreja nos relatos da Tribulação (Ap 4–19).**

Para não basear esse argumento apenas no “silêncio” da *Bíblia*, é notório o serviço prestado a Cristo naquele período, por parte de judeus, diferente do que ocorre hoje por meio da igreja (*Ap 7.4-8*; *14.1-5*).

- d) **A menção, em 2Ts 2.1-9, da remoção daquele “que agora o detém” antes do “Dia do Senhor” e da revelação do “homem da iniquidade”.**

¹ Strong, J. *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Sociedade Bíblica do Brasil, 2005, #726.

Estudo 49 - A Grande Tribulação

O período escatológico chamado de “Tribulação” é uma época sem precedentes na história humana (*Mt 24.21*), sendo o período de 7 anos identificado como a 70ª semana de Daniel.¹⁵ O sofrimento infligido nesse período terá abrangência mundial (*Ap 3.10*). Isso torna a Tribulação um evento ímpar no estudo teológico.

1 – O INÍCIO DA TRIBULAÇÃO

- O início desse período se dará quando “um príncipe que há de vir” (*Dn 9.26*) fizer “firme aliança com muitos” (*Dn 9.27*). Tal homem também é identificado, em outras partes, como o “chifre pequeno” (*Dn 7.8,24,25*) e como “homem da iniquidade” (*2Ts 2.3*);
- Ele, que liderará uma coalizão de nações ocidentais naqueles dias, fará também uma aliança com Israel trazendo paz aos judeus. Devido a essa paz, o Templo será reconstruído na primeira parte da Tribulação (*Dn 9.27* prevê que na primeira metade da Tribulação haverá “sacrifícios” em Israel, atividade feita exclusivamente no Templo);
- Os primeiros 3½ anos terminarão com o “homem da iniquidade” declarando ao mundo sua divindade e se “assentando no santuário de Deus” (*2Ts 2.4*), possivelmente uma referência ao Templo de Israel.

2 – OS JUÍZOS

Apocalipse 6–19, texto que trata do período da Tribulação, descreve três sequências de juízos: selos, trombetas e taças, cada um em número de sete eventos. Se as três sequências se sucedem cronologicamente, se elas se sobrepõem, ou, ainda, se as trombetas e as taças são descrições dos selos, isso é matéria para muita discussão e muitas dúvidas.

A) Os selos

- 1) **Primeiro selo** (*Ap 6.1,2*): cavaleiro no cavalo branco que sai para conquistar. Pode indicar, bem no início da Tribulação, o domínio crescente do poder do “homem da iniquidade”. Esse domínio acontece bem quando as pessoas falam em “paz e segurança” (*1Ts 5.3*);
- 2) **Segundo selo** (*Ap 6.3,4*): cavaleiro no cavalo vermelho portando uma grande espada, trazendo o fim da paz e guerra entre os homens;
- 3) **Terceiro selo** (*Ap 6.5,6*): cavaleiro no cavalo preto com uma balança na mão, a qual representa um forte racionamento de comida devido a uma fome rigorosa.
- 4) **Quarto selo** (*Ap 6.7,8*): cavaleiro, chamado Morte, no cavalo preto. Ele traz morte, por meio da guerra, fome e pestes, a 1/4 da população mundial;
- 5) **Quinto selo** (*Ap 6.9-11*): iniciam-se a perseguição e o martírio daqueles que testemunharam o nome de Cristo na Terra.
- 6) **Sexto selo** (*Ap 6.12-17*): haverá eventos catastróficos como um grande terremoto, o escurecimento do Sol e da Lua, chuva de meteoros, montes e ilhas removidos do lugar e algo nos céus que dará aos homens a ideia nítida do juízo que Deus lhes envia;
- 7) **Sétimo selo** (*Ap 8.1-6*): Um grande silêncio, por meia-hora, seguido por trovões e terremotos que introduzem os sete juízos denominados “trombetas”.

B) As trombetas

- 1) **Primeira trombeta** (*Ap 8.7*): fogo misturado a sangue cai do céu e queima 1/3 da terra, das árvores e das plantas;
- 2) **Segunda trombeta** (*Ap 8.8,9*): algo de natureza inexplicável causa a destruição de 1/3 do mar, da vida marinha e das embarcações.

¹⁵ Alguns textos que favorecem a ideia de que esse período, chamado por Daniel de “semana” é, na verdade, um período de 7 anos e não de 7 dias são *Dn 7.25; 12.7,11-12* e *Ap 11.2,3; 12.6,14; e 13.5*, referindo-se a uma parte da Tribulação como um período de 3 anos e meio. Mediante *Dn 12.11*, sabendo que 1.260 dias são iguais a 3 1/2 anos, os 30 dias para completarem os 1.290 dias provavelmente correspondem ao tempo necessário para todos os julgamentos que acontecerão depois da Segunda Vinda – *Ez 20.33-44; Jl 3.2,3; Mt 25.32* – e os 45 dias que completarão os 1.335 dias provavelmente correspondem ao tempo que precederá o início do reino milenar.

- 3) **Terceira trombeta** (Ap 8.10,11): 1/3 da água potável é afetado trazendo grande sede e morte aos homens;
- 4) **Quarta trombeta** (Ap 8.12,13): danos causados ao Sol, à Lua e às estrelas provocando perda de luz para a Terra tanto de dia como de noite;
- 5) **Quinta trombeta** (Ap 9.1-12): primeiro “ai”. Difícil de definir do que exatamente se trata o abismo e os gafanhotos, visto que Ap 9 é o capítulo que mais contém a palavra “como”, introduzindo símiles no lugar de uma descrição literal dos fatos. De qualquer modo, haverá, por 5 meses, um tormento indescritível sobre os incrédulos;
- 6) **Sexta trombeta** (Ap 9.13-21): segundo “ai”. Haverá a morte de 1/3 da população mundial.¹⁶
- 7) **Sétima trombeta** (Ap 11.15-19): Terceiro “ai”. Há um anúncio de que o fim está próximo e que é chegado o momento do Senhor reinar na Terra. Mesmo assim, ainda haverá 7 taças da ira de Deus a serem derramadas, talvez, nas últimas semanas da Tribulação (Ap 16.1-21), sendo que todas as taças são derramadas ao mesmo tempo sobre a Terra (Ap 16.1).

C) As Taças

- 1) **Primeira taça** (Ap 16.2): feridas terríveis acometem os incrédulos;
- 2) **Segunda taça** (Ap 16.3): destruição do mar e morte completa dos seres marinhos;
- 3) **Terceira taça** (Ap 16.4-7): toda a água potável será afetada trazendo um juízo tremendo pelo sangue dos justos que foi derramado;
- 4) **Quarta taça** (Ap 16.8,9): a intensidade dos raios solares é tão grande que passa a queimar os homens;
- 5) **Quinta taça** (Ap 16.10,11): algo descrito como “o trono da besta será afetado e seu reino ficará em trevas” causará ódio ainda maior dos incrédulos por Deus;
- 6) **Sexta taça** (Ap 16.12-16): o rio Eufrates secará. De certo modo, isso facilitará a travessia dos exércitos dos reis do Oriente (cf. Dn 11.44);
- 7) **Sétima taça** (Ap 16.17-21): completam-se todas as coisas e ocorre o maior terremoto de todos os tempos causando inúmeras destruições. Caem dos céus, também, pedras de cerca de 35 quilos provocando terrível destruição e blasfêmias contra Deus por parte dos incrédulos.

3 – OUTROS EVENTOS DA TRIBULAÇÃO

A) Os remidos

Quando o quinto selo é aberto (Ap 6.9-11) iniciam-se a perseguição e o martírio daqueles que testemunharam o nome de Cristo na Terra. Sabendo que todos os crentes foram arrebatados antes da Tribulação, podemos notar esses que serão perseguidos crerão em Cristo durante aquele período.

Portanto, o evangelho será pregado nessa época possivelmente pelos servos de Deus que foram selados. Trata-se de 144 mil judeus solteiros do sexo masculino (Ap 7.3-8; 14.1-4) e são chamados de “servos do nosso Deus”.

Eles certamente não serão os únicos a pregar naqueles dias. Outros pregarão e serão perseguidos e mortos (Mt 24.9).¹⁷ Mesmo assim, o evangelho será pregado por toda parte e haverá conversões (Mt 24.14).

B) Ataque frustrado a Israel

Durante o período de aparente paz (provavelmente no final dele), uma confederação do norte atacará Israel (Ez 38–39). Os possíveis participantes, segundo Ez 38.1-6, são Rússia (*Gogue e Magogue*), Irã (*Pérsia*), Sudão (*Etiópia*), Líbia (*Pute*), Ucrânia (*Gômer*), Turquia e Síria (*Togarma*). Esse ataque ocorrerá depois do tratado de paz, quando os israelitas habitarem sua terra tendo retornado do exílio mundial. Haverá protestos da parte do Ocidente e da Arábia Saudita (Ez 38.13).¹⁸ Essa coligação será derrotada por intervenção

¹⁶ No 4º selo, a morte vem a 25% da população, restando apenas 75%. Na 6ª trombeta morrem 1/3 dos 75%, ou seja, outros 25%. Somando o 4º selo com a 6ª trombeta, 50% da população que adentra a Tribulação estará morta por meio desses dois juízos. Levando em conta as mortes, mesmo que menos numerosas, causadas pelos outros selos e trombetas, mais da metade da população mundial estará morta depois da 6ª trombeta.

¹⁷ Notar que Mt 24.6-8 parece descrever a metade da Tribulação.

¹⁸ Sabá e Dedã são terras na região da Arábia Saudita (Is 21.13; 60.6, cf. Gn 25.3).

divina (Ez 38.21,22) e levará 7 meses para enterrar os mortos (Ez 39. 12). Tal destruição dos inimigos causará um grande testemunho para o mundo e para os israelitas incrédulos (Ez 38.23; 39.7,13,21-24). É possível que esse evento tanto traga o “homem da iniquidade” para atuar dentro da Palestina como produza conversões entre os israelitas e a conseqüente perseguição do “homem da iniquidade” por desejar uma adoração que não pode mais ter devido à fé dos que creram.

C) As duas testemunhas

Durante a primeira metade da Tribulação, duas testemunhas desenvolverão uma atividade de proclamação como de profetas (Ap 11.3-13). Farão isso por 1.260 dias (primeiros 3½ anos da Tribulação) e parecem exercer poder sobre a natureza (vv.3-6). Cumprida sua tarefa e seu tempo, a besta (o homem da iniquidade) vai vencê-las e deixar seus corpos expostos em uma praça de Jerusalém (vv.7-9). Durante 3 dias e meio, haverá festa pela morte das testemunhas, mas, ao final disso, elas serão ressuscitadas e levadas ao céu. Um décimo da cidade será destruído causando a morte de 7 mil pessoas (vv. 10-13).

D) Atuação do homem da iniquidade (a besta)

A primeira parte da Tribulação tem o “homem da iniquidade” como um líder capaz de resolver problemas entre nações trazendo-lhes paz. Entretanto, o evento descrito em Dn 9.27 demonstra seu real caráter e dá início à segunda metade da Tribulação.

A partir de então, a besta se assentará no santuário de Deus e como Deus se apresentará, exigindo ser adorado (2Ts 2.3,4). Não é sem motivo que a besta se apresentará como Deus, pois Satanás lhe dará poder e autoridade (Ap 13.2), além de poderes sobrenaturais (2Ts 2.9). Durante essa época, a besta será “ferida de morte”, mas sua recuperação inacreditável fará com que seja seguida por muita gente, que também adorará a Satanás (Ap 13.3,4).

Na sequência, nos próximos 42 meses (3½ anos), a besta agirá com poder e engano, perseguindo e vencendo os crentes e sendo adorada pelo mundo todo (Ap 13.5-8). Haverá também, por parte do homem da iniquidade e das nações que o servem, a perseguição e destruição da igreja apóstata/ecumênica (Ap 17.16).

E) A segunda besta (falso profeta)

Para promover seus intentos e a adoração a si, a primeira besta (o homem da iniquidade) faz surgir uma segunda besta (falso profeta). A segunda besta em momento algum promove a si mesma, mas ao homem da iniquidade (Ap 13.11-18). Tem a autoridade da primeira besta e realiza sinais (vv. 12, 13). Vai exaltar o fato de a primeira besta não ter sucumbido diante da ferida mortal (v. 14).¹⁹ Fará uma imagem da besta e lhe dará vida (ou a aparência de uma imagem viva) a fim de atrair adoração (v. 15). Finalmente, cria uma marca que somente os adoradores da besta receberão e com a qual poderão realizar operações comerciais (vv. 16-18).

F) A igreja apóstata/ecumênica

No período da Tribulação, atuará uma igreja apóstata (será disso que trata a apostasia de 2Ts 2.3?) chamada de grande meretriz.²⁰ *Apocalipse 17* fala sobre tal igreja demonstrando se tratar de uma instituição rica (v.4), modelo de outras instituições ligadas a ela (v.5), que se alegra com a perseguição e morte das testemunhas de Jesus (v.6). Essa instituição tem uma abrangência mundial (v. 15) e sucumbirá diante do homem da iniquidade e das nações a ele associadas (v. 16).

4 – O ARMAGEDOM

No final da Tribulação, reinos do Norte e do Leste virão sobre Israel, facilitados pela seca do Eufrates, à planície de Esdraelon, defronte ao monte Megido (do hebraico *har m^ogiddô*). Trata-se de um vale que mede

¹⁹ Um dos pontos da pregação cristã visando à adoração de Jesus como Deus é a apresentação da ressurreição do Senhor como sinal da sua divindade. É possível que a segunda besta utilize esse evento do mesmo modo.

²⁰ É comum nas *Escrituras* a adoração falsa ou voltada a outros deuses ser nomeada de “prostituição” e “adulterio”.

cerca de 30 x 20 km. Outros locais de conflito serão Jerusalém (Zc 12.9; 14.12; 14.4) e Bozra – atual Petra – (Is 63.1-6). Essas três regiões compreendem o Norte, o Centro e o Sul de Israel, respectivamente.

No meio da batalha, o Senhor Jesus voltará com seus exércitos celestiais e derrotará os exércitos terrenos (Ap 19.11-21). O morticínio será indescritível (Ap 14.20; 19.17,18).

Estudo 50 - O Reino Milenar

Dois erros são comuns ao se tratar do reino de Cristo. Um deles é considerá-lo cumprido na primeira vinda de Cristo, já que as promessas a Davi não se cumpriram nessa ocasião (2Sm 7.11-16). Outro deles é considerar a soberania de Cristo, que reina sobre tudo, como o cumprimento atual da promessa do reino, já que o que foi prometido não é apenas seu reinado soberano sobre a criação, mas seu reinado sobre o trono específico de Davi (Lc 1.31-33). O fato é que o reino de Cristo ainda não aconteceu e a falta dessa compreensão é antiga (Lc 19.11). Por isso, entendemos que esse é um reino que ainda há de ser instituído, período que recebe o nome de “milênio”, ou “reino milenar de Cristo”.

1 – A DURAÇÃO DO MILÊNIO

Apocalipse 20.2-7 diz seis vezes que o tempo do milênio é de “mil anos”. Apesar de estudiosos de outras linhas doutrinárias e hermenêuticas afirmarem que o termo “milênio” é simbólico e representativo, a repetição insistente da expressão “mil anos” demonstra sua literalidade e importância.

2 – O GOVERNO DO MILÊNIO

- a) **Tipo de governo** — Será uma teocracia, assim como havia em Israel entre a saída do Egito (1446 a.C.) e a instituição da monarquia (1051 a.C.). Jesus reinará de maneira visível sobre a humanidade (Dn 7.14) com poder absoluto (Ap 19.15). Haverá justiça completa (Is 11.4);
- b) **O centro do governo** — Jerusalém será a sede desse governo (Is 2.3). A cidade será exaltada (Zc 14.10) e gloriosa (Is 24.23), para sempre segura (Is 26.1-4) e nela repousará o templo (Is 33.20).²¹
- c) **Seus governantes** — Um descendente de Davi será o rei, a saber, o Messias (Jr 30.9; Ez 37.24,25 cf. Lc 1.31-33).²² A autoridade das doze tribos de Israel será entregue aos doze apóstolos (Mt 19.28). Haverá autoridade para outros príncipes (Is 32.1). A Igreja também terá participação no governo da Terra (Ap 5.9,10).
- d) **Os súditos do governo** — Inicialmente são judeus e gentios redimidos que sobreviveram à Tribulação. Contudo, todos os recém-nascidos serão exatamente como os de hoje, necessitando de uma decisão pessoal, por meio da fé em Jesus, para serem também redimidos. A obediência política ao Rei não implicará transformação interior que vem da justificação. Assim, ser súdito e ser salvo, naquele tempo, serão duas coisas independentes. Esses, com corpos mortais, dividirão espaço com a Igreja ressurreta, em corpos glorificados e imortais (1Co 15.42-54).

3 – AS CARACTERÍSTICAS DO MILÊNIO

- a) **Justiça** — Jesus exercerá um governo justo (Is 16.5; 32.1) e as punições serão imediatas (Is 11.4).
- b) **Paz** — Haverá paz e unidade entre as nações (Is 19.23-25). Jerusalém desfrutará uma paz que desconhece há muito tempo (Zc 8.4,5), paz que se estenderá a toda a Terra (Is 2.4).
- c) **Prosperidade** — A Terra será próspera e farta de alimentos (Am 9.13,14) e até os desertos serão produtivos (Is 35.1-7).
- d) **Religião** — O conhecimento do Senhor será amplo sobre toda a Terra (Is 2.2,3). O templo de Jerusalém (Ez 40-48) estará em funcionamento e sacrifícios serão oferecidos. Alguns dispensacionalistas acreditam que tais sacrifícios terão valor memorial, enquanto outros acreditam que farão purificação cerimonial. Haverá a observância de dias e festas (Ez 46.1-15; Zc 14.16).

4 – OS JULGAMENTOS FUTUROS

- a) **Julgamento das obras dos cristãos** — Embora não seja especificado, é provável que esse julgamento ocorra logo depois do Arrebatamento. As passagens principais que falam desse julgamento são 1Co 3.10-15 e 2Co 5.10.²³ O chamado “tribunal de Cristo” julgará somente crentes, não para condenar qualquer um deles (Rm 8.1), mas para avaliar e premiar suas obras.

²¹ Esse templo e seu culto são descritos em *Ezequiel 40-48*.

²² A referência a Davi nos textos de Jr 30.9 e Ez 37.24,25 é tipológica.

²³ Outras passagens que evidenciam que as obras dos crentes passam por avaliação e serão recompensadas no futuro pelo Senhor são Rm 14.10; 1Co 4.1-5; 9.24-27; 1Ts 2.19; 2Tm 4.8; Tg 1.12; 1Pe 5.4.

- b) Julgamento dos santos do Antigo Testamento** — *Daniel 12.3* fala da premiação dos “sábios” (salvos) de modo geral associando tal acontecimento à ressurreição e condenação dos ímpios, o que, segundo *Ap 20.11-15*, acontecerá no final do milênio. Portanto, excluindo a igreja cuja ressurreição se dá no Arrebatamento (*1Ts 4.13-17*), parece que os santos do *AT* ressuscitarão e serão premiados somente no fim do milênio. Contudo, é importante notar que é comum profetas do *AT* falarem de um evento como se fosse único e o *NT* desmembrar seu cumprimento em mais de uma ocasião (revelação progressiva).
- c) Julgamento dos santos da Tribulação** — *Apocalipse 20.4-6* fala da ressurreição dos que foram martirizados na Tribulação antes do início do milênio, visto que reinarão por “mil anos”. Não são mencionados julgamento ou recompensas, mas não há motivos para crer que não haja (a menção à atividade de reinar dá indícios de sua recompensa).
- d) Julgamento dos judeus que sobreviverem à Tribulação** — Judeus e gentios serão julgados depois da volta de Cristo e somente os crentes entrarão no milênio. O julgamento dos judeus é descrito em *Ez 20.34-38* e ilustrado nas parábolas de *Mt 25.1-30*. Os aprovados desfrutarão das bênçãos da Nova Aliança (*Ez 20.37*) enquanto os reprovados não poderão entrar em Israel (*Ez 20.38*), mas serão lançados nas “trevas exteriores” (*Mt 25.30*).
- e) Julgamento dos gentios que sobreviverem à Tribulação** — Os gentios também serão julgados na vinda de Cristo (*Mt 25.31-46*). Joel profetizou que o local de tal julgamento é o “vale de Josafá” (*Jl 3.2*). Alguns acreditam que se trata do vale do Cedron. Contudo, pode ser uma referência não a um lugar, mas ao acontecimento, já que Josafá significa “Javé julga”.
- f) Julgamento de Satanás e dos anjos caídos** — Satanás e os anjos caídos serão julgados no final do milênio e condenados ao fogo eterno (*Mt 25.41; Jd 6,7; Ap 20.10*). Os santos participarão desse julgamento (*1Co 6.3*).
- g) Julgamento dos mortos não salvos** — No final do reino milenar de Cristo, todos os incrédulos mortos serão ressuscitados e julgados para condenação (*Dn 12.2*). Esse julgamento, também chamado de “ressurreição do juízo” (*Jo 5.28,29*), acontecerá diante do grande trono branco (*Ap 20.11-15*), onde Jesus será o juiz (*Jo 5.22,27*). Serão abertos livros das obras pecaminosas dos incrédulos, além do *Livro da Vida*, o qual não conterà o nome de nenhum deles. Serão condenados e lançados no fogo eterno (*Mt 25.41*). Esse é o fim da história. Ela dá, então, início à eternidade.